

GABRIELA TEIXEIRA VIEIRA

**De primeira viagem:
significados e vivências da paternidade
para pais de diferentes gerações.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Psicologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Psicologia.

Área de concentração: Psicologia Social

Orientador: Prof. Dr. Adriano Roberto Afonso do Nascimento

Belo Horizonte
2011

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

150 Vieira, Gabriela Teixeira

V658d De primeira viagem [manuscrito]: significados e vivências da paternidade
2011- para pais de diferentes gerações / Gabriela Teixeira Vieira - 2011.

133 f. : il.

Orientador: Adriano Roberto Afonso do Nascimento.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas.

1. Psicologia - Teses. 2. Paternidade – Teses. 3. Identidade (Psicologia) -
Teses 4. Identidade social – Teses. I. Nascimento, Adriano Roberto Afonso do. II.
Universidade Federal de Minas Gerais. Departamento de Filosofia. III. Título.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Psicologia

A Dissertação “**De primeira viagem: significados e vivências da paternidade para pais de diferentes gerações.**”

elaborada por **Gabriela Teixeira Vieira**

e aprovada por todos os membros da Banca Examinadora, foi aceita pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de

MESTRE EM PSICOLOGIA

Belo Horizonte, 29 de agosto de 2011.

BANCA EXAMINADORA

A handwritten signature in black ink, appearing to read "Adriano Roberto Afonso do Nascimento", written over a horizontal dotted line.

Prof. Dr. Adriano Roberto Afonso do Nascimento
(Orientador)

A handwritten signature in black ink, appearing to read "Maria de Fátima de Souza Santos", written over a horizontal dotted line.

Prof. Dra. Maria de Fátima de Souza Santos

A handwritten signature in black ink, appearing to read "Érika Lourenço", written over a horizontal dotted line.

Prof. Dra. Érika Lourenço

Aos meus pais,
por terem sido o melhor que puderam ser.

À minha grande família,
que sempre esteve presente.

A todos os pais,
que tenham coragem para reinventar novas fórmulas.

AGRADECIMENTOS

À Deus que me mostrou caminhos, abriu portas e me fez mais forte.

Ao Professor Dr. Adriano Roberto Afonso do Nascimento
pela confiança, respeito e presença serena.
Foi muito bom tê-lo como orientador!

À minha bisavó, por nossas longas conversas
e por seus preciosos ensinamentos de vida.

À meus avós, tios e tias pelo cuidado e carinho. Em especial à tia Guta, Fernanda, Ana e ao
Torsten, por me aproximarem do mundo acadêmico desde cedo.

Ao meu pai, pelo incentivo, presença e questionamentos.

À minha mãe por seu exemplo de persistência e valorização do saber.

À Marcela por sua alegria, espontaneidade, entusiasmo e afeto.

Aos meus primos, especialmente a Júlia, por seu companheirismo e presença.

À Luciana por seu profissionalismo, amizade, acolhida e sensibilidade que me tornaram mais
viva e saudável.

À Denise Pacheco, pela amizade e por possibilitar a concretização dessa dissertação.

À Maíra pela compreensão e encorajamento.

Às professoras Ingrid Gianordolli-Nascimento, Cláudia Mayorga e Sandra Azeredo, por suas
importantes contribuições neste percurso.

Aos colegas de mestrado, aos participantes do Grupo de Pesquisa Memórias, Representações e Práticas Sociais e alunas do Estágio Básico, pelo conhecimento compartilhado.

Aos amigos, pelos momentos vividos,
inspiração, incentivo, compreensão e diálogo.

À todos aqueles que contribuíram diretamente ou indiretamente
para concretização desta dissertação.

Meu agradecimento especial aos pais entrevistados, pela abertura e disponibilidade na
realização das entrevistas.

Sem vocês essa dissertação não seria possível!

Meus Filhos Juntos

(Fabrício Carpinejar – 2007)

Penso nos filhos
E sou mais homem.
Não amadureceria por mim,

Amadureci para criar meus filhos.
Amadureci porque era jovem
E não podia deixar minha menina sem um pai.

Não poderia me deixar sem um filho
Perdi minha adolescência,
Mas ganhei todas as fases da vida dela.

Amigos amaldiçoavam que era loucura,
Que iria estragar meu futuro,
Que sacrificaria as festas e o namoro,

Anularia as chances de viajar.
Fui pai antes do diploma.
Fui pai antes do casamento.

Fui pai antes de trabalhar.
Mas eu me formei, eu trabalhei,
Justamente por que era pai.

A cadeira de balanço tornou-se minha cama.
A filha no pescoço, minha manta de inverno,
Meu agasalho. O cheiro doce dos cabelos.

Se eu procurar em minha boca, ainda o acho.
Ela não complicou minha vida,
Ela resolveu minha vida.

Ela não me retardou,
Cumprí finalmente o que adiava.
Tantas vezes chorei

E tantas vezes os filhos comeram
minhas lágrimas com colherinhas,
raspando o sorvete no pote.

Não sou o que vivi. Sou o que ouvi.
Suas vozes subindo as escadas,
Pulando em minha cama de manhãzinha.

Minha filha me fez pai do meu filho,
Quando ele nasceu, oito anos depois.

Ponho as franjas dele para o lado esquerdo,
Repetindo o gesto que odiava de minha mãe.
E como amo o que odeio.
Há quem se orgulhe das tentativas de suicídio,

Das veias barbeadas pela gilete,
Das cicatrizes alucinadas pelo ar,
Eu me orgulho das queimaduras do leite.

Testava a temperatura das mamadeiras no punho,
Eu sou mais homem porque meus punhos não jorram sangue.
Meu filho na garupa equilibrava

Seu peso em meus ouvidos.
Esticava as orelhas como retrovisores.
Eu sou mais homem porque ele me guiava.

Passei a separar a roupa após nascerem.
Criei as gavetas das camisas, dos cueiros,
Dos blusões e das calças. Criei as gavetas

Das fotos, dos documentos, dos brinquedos,
Dos bonecos. Criei as gavetas dos meu joelhos.
Hoje me apanho, sozinho, cortando a carne

Em pedacinhos. Como se fosse transportar
Para o prato de um dos meus filhos.
Demoro mais na mesa.

Demoro mais para me levantar
Sou mais homem devagar,
sou mais filho.

RESUMO

Vieira, G. T. (2011). *De primeira viagem: significados e vivências da paternidade para pais de diferentes gerações*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-graduação em Psicologia. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte.

A partir da década de 80 vem ocorrendo uma maior preocupação do meio acadêmico em abordar a participação masculina na vida doméstica e esses estudos vêm se ampliando no Brasil e no exterior. Atualmente, busca-se compreender através da escuta direta dos pais suas vivências, sentimentos e práticas e também, através da pesquisa com outros atores envolvidos com a temática, como a sociedade favorece ou dificulta o exercício da paternidade no cotidiano. Partindo da hipótese de que os significados e vivências da paternidade se apresentam de maneiras distintas para as diferentes gerações, a presente pesquisa teve como objetivo descrever e analisar como homens de diferentes gerações compreendem e vivenciam o nascimento do primeiro filho e integram aspectos relativos à paternidade a sua identidade. Para tanto, foram entrevistados 14 sujeitos, entre 20 e 50 anos, todos pais do primeiro filho, com idade entre 2 a 7 meses, vivendo com a mãe da criança (esposa/companheira), residentes da região metropolitana de Belo Horizonte/MG. As entrevistas foram realizadas através de um roteiro semi-estruturado e transcritas integralmente. As informações coletadas nas entrevistas foram submetidos a Análise de Conteúdo Temática, com o auxílio do software NVivo 7. Os resultados foram analisados tendo como base a Teoria da Identidade Social de Henri Tajfel e os trabalhos sobre paternidade desenvolvidos nas últimas décadas. A definição central da paternidade, analisando a totalidade dos resultados, parece ser “ser responsável”, que perpassa o discurso dos pais em vários momentos das entrevistas. A essa definição se vinculam uma série de outros variados sentidos, calcados em modelos que vão das noções/modelos mais tradicionais de pai aos mais recentes. Sendo assim, os entrevistados consideram de modo geral que ser pai é um ato de responsabilidade, tanto pela educação/criação dos filhos, como pelo sustento, pelos cuidados e proteção dos mesmos e que um bom pai é aquele que “dá amor e carinho” e “esta presente”. É também a partir da noção de responsabilidade que os entrevistados se diferenciam daqueles que não são pais e enfatizam em seu discurso aspectos que os coloquem em um patamar superior a suas referências paternas no que diz respeito à responsabilidade, afeto e presença. As mudanças sociais não surgem como forma de substituição dos valores antigos pelos novos; o que ocorre é uma ampliação dos valores e ressignificação dos mesmos. Coexistem em nossa sociedade diversos modelos e práticas, consonantes com valores e significados tradicionais e contemporâneos. A análise dos dados nos mostra que embora haja um compartilhamento dos significados da paternidade, o fator geracional relaciona-se diretamente à variação nas atividades cotidianas dirigidas ao(à) filho(a), não havendo, entretanto, um maior grau de participação diretamente vinculado à menor idade dos pais. Os pais de 30 a 39 anos se mostraram mais participativos, realizando um maior leque de atividades e mais satisfeitos do que os mais novos, o que pode ter a ver com o fato de terem nascido e vivido a sua juventude no momento em que os valores igualitários estavam emergindo e se dissipando pela sociedade e com as condições de trabalho dos mesmos e de suas esposas/companheiras, o planejamento da gravidez e as expectativas pessoais e sociais. Esses são aspectos que parecem influenciar significativamente a vivência da paternidade nas diversas idades.

Palavras-chave: Paternidade, identidade, geração, Teoria da Identidade Social.

ABSTRACT

Vieira, G. T. (2011). *De primeira viagem: significados e vivências da paternidade para pais de diferentes gerações*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-graduação em Psicologia. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte.

Since the 80's there has been a major concern in academic context in approaching men's participation in domestic life and these studies have been expanding in Brazil and other countries. Nowadays researches seek to listen directly fathers, in order to comprehend their experiences, feelings and practices and, through research with other actors involved with the theme, how the society promotes or difficult the exercise of parenting in everyday life. Under the hypothesis that the meanings and experiences of parenting are presented in different ways for different generations, the present study aimed to describe and analyze how men of different generations understand and experience the birth of first child and integrate aspects of paternity in their identity. For this purpose, 14 men aged between 20 and 50 years were interviewed, all parents of their first child, aged 2 to 7 months. All of them lived with their child's mother (wife/partner), in the metropolitan area of Belo Horizonte/MG. Semi-structured interviews were conducted and transcribed. The collected information was submitted to Thematic Content Analysis, with the support of a software, NVivo 7. The results were analyzed based on the Social Identity Theory of Henri Tajfel and on fatherhood's studies developed in recent decades. The central definition of fatherhood, analyzing all the results, seems to be "be responsible", which runs through the discourse of parents at many moments in the interviews. Other meanings, based on models that range from traditional to recent notions are linked to this definition. Thus, respondents generally consider that being a parent is an act of responsibility, for education/child rearing, for providing economic support, care and protection. They also consider that a good father is someone who "give love and affection" and "is present". It is also based on the notion of responsibility that the respondents differ themselves from those who are not parents and emphasize aspects in their discourse that put them in a higher level compared with other parents, in regard to responsibility, affection and presence. Social changes do not emerge as a way of replacing the old values by new ones, but there is an addition of new values and the old ones can be reframed. Coexist in our society different models and practices, aligned with traditional and recent values and meanings. The analysis of the collected information shows that although there is a sharing of the meanings of fatherhood, the generational factor is directly related to the variation in daily activities directed at their son/daughter, without having, however, a greater degree of participation directly linked to the younger age of fathers. Parents aged between 30 and 39 were more participative, engaged in a wider range of activities and more satisfied than the younger ones, which may be considered related to the fact that they were born and lived his youth at a time when equality values were emerging and spreading through the society. Besides that, working conditions of the interviewed fathers and their wives/partners, plans about the pregnancy and personal and social expectations seems to influence significantly the experience of fatherhood at different ages.

Keywords: Fatherhood, identity, generation, Social Identity Theory.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Esquema para apresentação dos resultados43

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Idade e escolaridade dos pais entrevistados.....	37
Tabela 2 - Perfil Sóciofamiliar.....	38
Tabela 3 - Definição de pai.....	45
Tabela 4 - Definição de bom pai.....	47
Tabela 5 - Planejamento da gravidez por faixa etária.....	48
Tabela 6 - Medos e preocupações durante a gravidez.....	49
Tabela 7 - Como foram os 9 meses.....	50
Tabela 8 - Mudanças no relacionamento com a companheira durante a gravidez.....	51
Tabela 9 - Mudança no lazer durante a gravidez.....	53
Tabela 10 - Mudanças no relacionamento com amigos durante a gravidez.....	54
Tabela 11- mudanças no trabalho durante a gravidez.....	55
Tabela 12 - Mudanças no relacionamento com a família de origem durante a gravidez.....	56
Tabela 13 - Mudanças na religião durante a gravidez.....	57
Tabela 14 - Mudanças no relacionamento com a companheira após nascimento do(a) filho(a).....	58
Tabela 15 – Mudanças no lazer após nascimento do(a) filho(a).....	58
Tabela 16 – Mudanças no trabalho após nascimento do(a) filho(a).....	59
Tabela 17 - Mudanças no relacionamento com amigos após nascimento do(a) filho(a).....	60
Tabela 18 - Mudanças no relacionamento com a família de origem após nascimento do(a) filho(a).....	61
Tabela 19 - Mudanças na religião após nascimento do(a) filho(a).....	62

Tabela 20 - Média de horas por dia que os pais passam com os filhos.....	64
Tabela 21 - Atividades que realizam com os filhos.....	65
Tabela 22 - Atividades que mais gostam de realizar com o(a) filho(a).....	67
Tabela 23 - Atividades que menos gostam de realizar com o(a) filho(a).....	69
Tabela 24 - Tem empregada/babá.....	71
Tabela 25 - Quem realiza os cuidados com o(a) filho(a).....	72
Tabela 26 - Quem faz mais.....	73
Tabela 27 - Autoavaliação (se considera bom pai?) e justificativas.....	75
Tabela 28 - Como era o seu pai.....	77
Tabela 29 - Importância de um filho(a) na vida de um homem.....	79
Tabela 30 - Principais aspectos positivos da paternidade.....	81
Tabela 31 - principais aspectos negativos.....	82
Tabela 32 - Influência da idade nos aspectos positivos e negativos.....	83
Tabela 33 - Como as pessoas o percebem enquanto pai.....	85
Tabela 34 - como a companheira o percebe enquanto pai.....	86
Tabela 35 - com quem conversa.....	87
Tabela 36 - Sobre o que falam.....	88
Tabela 37 - Como será o relacionamento com o(a) filho(a) daqui a 5 anos.....	89
Tabela 38 - Como será o relacionamento com o(a) filho(a) daqui a 15 anos.....	90
Tabela 39 - Pensa em ter outros filhos.....	91
Tabela 40 - Como pai, qual é o seu maior medo.....	92
Tabela 41 - Como pai, qual você acha que será sua maior alegria.....	93

SUMÁRIO

RESUMO.....	08
ABSTRACT.....	09
1.INTRODUÇÃO.....	15
1.1. Identidade.....	17
<i>1.1.1. Subjetivo/objetivo.....</i>	<i>17</i>
<i>1.1.2. Individual/coletivo.....</i>	<i>18</i>
<i>1.1.3. Estabilidade/mudança.....</i>	<i>20</i>
1.2. Paternidade.....	22
<i>1.2.1. Um breve histórico.....</i>	<i>22</i>
<i>1.2.2. A emergência dos estudos sobre a paternidade.....</i>	<i>25</i>
<i>1.2.3. Paternidade - uma revisão.....</i>	<i>26</i>
2. MÉTODO.....	36
2.1. Sujeitos.....	36
2.2. Instrumentos.....	39
2.3. Entrevista.....	39
2.4. Tratamento de dados.....	39
3. RESULTADOS.....	44
3.1. Tema Nuclear.....	44
3.2 Tornar-se pai.....	47
3.3 Cotidiano.....	63
3.4. Avaliação.....	74
3.5. Os outros.....	87
3.6. Expectativas e planos para o futuro.....	89
4. DISCUSSÃO	94

4.1. Primeira Parte: Os componentes identitários.....	94
<i>4.1.1 Componentes Cognitivos.....</i>	<i>94</i>
<i>4.1.2. Componentes Avaliativos.....</i>	<i>97</i>
<i>4.1.3. Componentes Emocionais.....</i>	<i>103</i>
<i>4.1.4. Práticas.....</i>	<i>106</i>
4.2. Segunda parte: Dialogando.....	111
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	117
REFERÊNCIAS.....	120
APÊNDICES.....	129
A) ROTEIRO SEMI-ESTRUTURADO PARA ENTREVISTA.....	129
B) TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....	132
ANEXO.....	133
TERMO DE APROVAÇÃO DO COEP.....	133

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho surgiu através do interesse em estudar como ocorrem as mudanças geracionais no que se refere à paternidade.

Através de estágios, disciplinas e trabalhos realizados durante a graduação, pude perceber que, apesar das mudanças e transformações significativas que ocorreram na esfera familiar após o feminismo, como uma maior inserção feminina no mercado de trabalho, redução do número de filhos, aumento do número de divórcios, reconstrução familiar, famílias monoparentais, dentre outras, não houve uma mudança da mesma amplitude nas atividades exercidas predominantemente por homens e mulheres que são pais e mães.

O cuidado ainda é visto socialmente como algo da esfera feminina e o prover da esfera masculina. Embora atualmente tanto homens quanto mulheres exerçam essas duas atividades, ainda são considerados como auxiliares quando realizam aquilo que é normalmente atribuído ao outro sexo. A questão geracional torna-se relevante na medida em que a partir do estudo das gerações podemos observar permanências e rupturas intergeracionais e também a diversidade intrageracional, característica que, segundo Domingues (2004), nem sempre é levada em consideração ao pensarmos as gerações.

Segundo Mannheim, (1982) a geração possibilita aos sujeitos “uma situação comum no processo histórico e social e, portanto, os restringe a uma gama específica de experiência potencial, predispondo-os a um certo modo característico de pensamento e experiência e a um tipo característico de ação historicamente relevante” (p.72).

No atual contexto, as transformações são cada vez mais rápidas, amplas e diversas, o que traz efeitos para a construção subjetiva, que passa a se configurar também de modo bastante plural. Por outro lado, o homem não está isento de toda cultura que já foi produzida antes dele, e, portanto, não consegue constituir-se totalmente independente do seu passado histórico/cultural.

Tendemos a compreender as gerações como algo internamente homogêneo e, por outro lado, consideramos as diversas gerações totalmente diferentes umas das outras. Jaide (1968) nos alerta que “os contrastes numa mesma geração são muito maiores do que as diferenças entre diversas gerações” (pp. 22-23). Isso pode ser explicado pelo fato da experiência cultural que precede os sujeitos ser incorporada por eles em grande parte inconscientemente. A elucidação racional só aparece quando a experiência se torna

problemática devido às transformações históricas e sociais. Nesse caso, “a transformação necessária não pode mais ser efetuada sem a reflexão consciente e sua técnica de desestabilização” (Mannheim 1982, p. 77). É importante frisar que esses aspectos podem voltar a ser inconscientes e que a memória reflexiva é muito mais restrita do que memória inconsciente.

Mannheim (1982) diferencia as “memórias apropriadas” - as quais assumimos de alguma pessoa - das “memórias adquiridas pessoalmente”. Segundo o autor, o único conhecimento que realmente permanece é esse adquirido em situações reais. Nesse sentido, pertencer a uma mesma geração é estar “similarmente situado” em relação a outras pessoas, ou seja, “expostos à mesma fase do processo coletivo” (p. 80), partilhando certas experiências comuns.

Desse modo, podemos pensar que a pessoa mais vivida possui mais experiência e, portanto, “passa a viver dentro de um quadro de referências específico, individualmente adquirido, e baseado em experiências passadas utilizáveis, de modo que toda experiência nova tem sua forma e situação determinadas em grande parte antecipadamente” (Mannheim 1982, p. 78). Por outro lado, a falta de experiência da juventude “facilita a vida deles em um mundo em transformação, [uma vez que] forças formativas estão começando a existir, e as atitudes básicas em processo de desenvolvimento podem aproveitar o poder modelador de situações novas” (Mannheim 1982, p. 78).

Assim, o rejuvenescimento social, ou seja, as transformações, só ocorrem devido à contínua sucessão de gerações. Por não terem ainda um quadro de referência já formado, os jovens vão criando novos conjuntos de antecipação através de suas experiências concretas.

Torna-se interessante, a partir do que foi exposto acima, compreender como pessoas que se encontram em diferentes momentos da vida, portanto com um quadro de referência já mais ou menos estabilizado, constroem e lidam com um novo aspecto que vem compor a sua identidade: a paternidade. Surge assim a questão: como homens de diferentes gerações compreendem e vivenciam o nascimento do primeiro filho e integram aspectos relativos à paternidade a sua identidade?

Buscando compreender esses aspectos, apresentaremos neste capítulo uma breve discussão conceitual sobre a noção de identidade. Apresentaremos também um mapeamento objetivo dos estudos sobre paternidade que vem sendo realizados nos últimos anos, principalmente no contexto brasileiro.

1.1. Identidade

Segundo Kaufmann (2004), o conceito de identidade raramente é definido de modo explícito, ou questionado pelos autores que dele se utilizam, apesar de ser muito partilhado, “como se tratasse de um dado natural, como se todos soubessem o que é uma identidade. No entanto, os significados do termo são, na realidade, muito diversos, quando não antagônicos” (p. 10). Na base dessa diversidade estariam, segundo esse mesmo autor, as antinomias entre os aspectos subjetivo/objetivo, individual/coletivo e estabilidade/mudança.

Em relação à primeira antinomia, Kaufmann (2004) afirma haver alguns frouxos consensos na Psicologia Social, que podem ser resumidos do seguinte modo: a identidade é uma construção subjetiva, realizada a partir de uma inserção social concreta, que tanto lhe fornece a matéria prima da identificação quanto a sua confirmação ou negação.

Quanto à segunda antinomia, o autor afirma que, a partir da compreensão da identidade enquanto um processo histórico, “a ascensão das identidades provém justamente da desestruturação das comunidades, provocada pela individualização da sociedade” (p. 17). Nesse sentido, a formação dos grandes Estados nacionais teria possibilitado uma individualização em massa, uma vez que, nessa forma de organização social, as pessoas deixam de ser reconhecidas por suas pertenças grupais e passam a ser conhecidas e contabilizadas individualmente, através do seu nome completo, ou através de números de registro, que as identificam e, ao mesmo tempo, diferenciam de todos os demais. Apesar de pertencermos atualmente a uma maior diversidade de grupos, cada vez mais a identidade tem sido vivenciada como algo individual.

Já em relação à antinomia estabilidade/mudança, a identidade poderia ser considerada como “um sistema permanente de encerramento e de integração de sentido, cujo modelo é a totalidade”, que, no entanto, “apenas cristaliza o sentido de forma provisória e precária” (Kaufmann, 2004, pp. 73-74), ou seja, a identidade seria um processo de estabilização provisória.

A seguir, considerando essas três antinomias, apresentaremos o conjunto de informações que comporão o quadro teórico do presente trabalho.

1.1.1. Subjetivo/objetivo

A cor da pele, a cidade onde se nasceu, o vestuário, o corte de cabelo, o sexo, as rugas (ou a ausência delas), o local de trabalho... Todos esses elementos podem servir como âncoras objetivas para o chamamos identidade. São referências no ambiente que auxiliam a identificação de grupos específicos, referências que servem para os outros grupos e para os nossos próprios. Por serem elementos entendidos como palpáveis, essas referências são também entendidas, muitas vezes como mais estáveis, mais duradouras, menos negociáveis.

Entretanto, por outro lado, o sujeito também pode criar realidades imaginárias e fugazes através do trabalho de identificação, que dão sentido à vida e essas imagens criadas podem conservar mais força e significado do que a realidade concreta. Esse aspecto criativo da identidade, os “si mesmo possíveis” são segundo Kaufmann (2004, p. 70), “um dos instrumentos mais eficazes que permitem ao indivíduo libertar-se [parcialmente] dessas determinações”. Sendo assim, podemos compreender que o centro do processo identitário está na escolha entre as diversas possibilidades, embora algumas sejam mais prováveis do que outras e essa possibilidade de escolha existe quanto mais contraditório for o cenário social.

Desse modo, o fenômeno da identificação torna-se cada vez mais importante em sociedades urbanas como as nossas, na qual convivem diversos valores, crenças e modos de ser. Os aspectos objetivos seriam uma espécie de matéria prima a ser trabalhada pela subjetividade. Sendo assim “a identidade pode ser concebida como um fenômeno subjetivo e dinâmico resultante de uma dupla constatação de semelhanças e de diferenças entre si, os outros e alguns grupos” (Deschamps e Moliner, 2009, p. 14). Não há desse modo como falar em identidade sem mencionar a alteridade. É no processo de comparação que encontramos semelhanças e diferenças em relação aos outros. Afirmamos possuir determinadas características que consideramos pertencentes a um determinado grupo, o qual valorizamos e do qual desejamos fazer parte, como veremos a seguir.

1.1.2. Individual/coletivo

Tanto Tajfel (1983), como Jodelet (1998) trazem importantes contribuições, na medida em que enfatizam o aspecto social da identidade. Segundo Jodelet (1998), todo processo de construção identitária pressupõe também a construção de uma alteridade, de “outros” em

contraposição a um “nós”. Essa alteridade não é um atributo, mas sim uma denominação externa e é realizada sempre em um contexto histórico e relacional.

Tajfel (1983) através da Teoria da Identidade Social enfatiza a necessidade dos indivíduos de obterem uma autoimagem satisfatória. Redimensiona a Teoria da Comparação Social de Festinger através da análise das relações intergrupais e considera que a ênfase inter-individual “não contempla um aspecto importante que contribui para a autodefinição do indivíduo: o facto de que ele é membro de numerosos grupos sociais e que essa pertença contribui, positiva ou negativamente, para a imagem que tem de si próprio” (Tajfel, 1983, p. 289).

Sendo assim, o autor define três componentes constitutivos da identidade social:

um componente cognitivo, no sentido que se sabe que se pertence a um grupo; um componente avaliativo no sentido de que a noção de grupo e/ou pertença a ele pode ter uma conotação de valor positivo ou negativo; e um componente emocional no sentido que os aspectos cognitivo e avaliativo do grupo de pertença a ele podem ser acompanhados de emoções (tais como amor ou ódio, gostar ou não gostar) dirigidas a um grupo próprio ou para outros com os quais tem certas relações. (Tajfel, 1983, p. 261)

Grupo, nesse contexto, deve ser entendido como o grupo psicológico, ou seja, “uma entidade cognitiva com grande significado para o indivíduo em um determinado momento” e não uma “relação face-a-face entre um certo número de pessoas” (Tajfel, 1983, p. 290). A extração do valor vinculado à pertença e conseqüentemente ao seu significado emocional ocorrerá, portanto, através da comparação social, ou seja, da comparação intergrupala. Sendo assim, a partir dessa teorização podemos entender a categorização social como a reunião de “objetos ou acontecimentos sociais, em grupos, que são equivalentes no que diz respeito a ações, intenções e sistemas de crença” (Tajfel, 1983 p. 290) a partir de critérios que estabeleçam uma diferença favorável ao “nós” em detrimento a “eles”.

Por outro lado, para que o sentimento de pertença a um grupo ocorra é necessário que haja tanto um consenso na autocategorização como na categorização pelos outros. Desse modo, o reconhecimento social também deve ser considerado como um aspecto relevante no que diz respeito à construção identitária.

Segundo Kaufmann (2004, p.63) “a imagem de si mesmo é a matéria prima da construção identitária” seja ela dada socialmente, reflexo da estrutura cada vez mais múltipla e contraditória, seja ela dada pelos outros que tentam nos reduzir e fixar a poucos critérios, seja por nós mesmos, que imaginamos identidades possíveis na medida em que nos lançamos

em papéis virtuais. A imagem é importante e, embora não seja tudo no processo identitário, cria a ilusão de tudo dizer no breve instante em que aparece.

A identidade pode então ser compreendida como um “processo social, que toma lugar não só no interior do indivíduo (fatores intrapsíquicos) ou no espaço das relações individuais (fatores interindividuais), mas se desenvolve no nível social e institucional (fatores intergrupais)” (Torres e Camino, 2011, p. 235) e, portanto, haverá uma relativa estabilidade na medida em que conseguir fornecer um sentido aceito socialmente. Na medida em que esse sentido deixe de ser aceito e valorizado, novos sentidos e, conseqüentemente, novas identidades precisarão ser construídos. No entanto, como vimos anteriormente, o indivíduo não consegue romper totalmente com o seu passado, construindo esses novos sentidos sobre as antigas bases.

1.1.3. Estabilidade/mudança

Em relação à estabilidade e mudança, Deschamps e Moliner (2009) afirmam que numa perspectiva cognitivista o si mesmo é formado por uma estrutura que interliga elementos que formam uma representação. Nesse sentido, a representação de si-mesmo é estruturada como uma forma de organizar os diversos elementos que a compõe, estando os mais relevantes no núcleo e os menos importantes na periferia, interligados com os primeiros. A representação de si mesmo pode ser compreendida tanto como uma resultante dos processos identitários, como um filtro modulador desse mesmo processo. Essa estrutura representacional, construída através dos processos identitários é o que permite aos indivíduos “elaborar e manter conhecimentos a propósito deles mesmos e de outrem, dos diferentes grupos aos quais eles pertencem e com os quais estão em interação” (Deschamps e Moliner 2009, p. 81).

Segundo Iñiguez (2001), estamos constantemente submetidos a essa dupla referência na medida em que, em nossas relações, necessitamos nos identificar e assim garantir uma segurança de pertencimento, e, ao mesmo tempo, nos diferenciarmos como forma de não sermos confundidos com os outros.

Segundo Hall (2006), o nosso sentimento de pertença é atualmente menos estável do que outrora, devido às transformações estruturais e institucionais. Desse modo, participamos de uma diversidade de “nós” que podem ser conflitivos e “o próprio processo de identificação, através do qual nos projetamos em nossas identidades culturais tornou-se mais provisório,

variável e problemático” (Hall, 2006 p. 12). A diversidade e multiplicidade de significados fornecidos pelas instituições

se anulam mutuamente pela cacofonia. A identidade tem, justamente por objetivo colmatar essa falta e responder à cacofonia. Ela singulariza e unifica o indivíduo, cria um universo simbólico integrado num momento e num contexto determinado, estabelece as ligações entre sequências de identificação para assegurar uma continuidade na duração biográfica, constrói, pela valorização de certas temáticas, a estima de si mesmo, que é a energia necessária a ação. Em suma, inventa uma pequena música que dá sentido à vida. Pequena música sem a qual tudo se desmorona (Kaufmann, 2004, p. 71).

Como vimos, apesar desse conhecimento de si mesmo ser estruturado, não são sempre as mesmas informações que são ativadas. Segundo Deschamps e Moliner (2009), dispomos de esquemas, ou seja, subconjuntos de informações sobre nós mesmos que são ativados em diferentes contextos. Isso explica em parte “o aspecto multidimensional da representação de si mesmo.” Desse modo, podemos nos apresentar sob diversas facetas conservando entretanto um sentimento de continuidade.

O si mesmo pode então ser considerado “como uma estrutura estável, um filtro cognitivo, que modula a percepção de toda a informação contraditória e uma estrutura flexível em constante evolução” (Deschamps e Moliner, 2009, p. 83).

Enquanto filtro cognitivo, podemos dizer que os indivíduos resistem às informações que contradizem a representação de si mesmos e por outro lado utilizam dessa representação como ponto de referência no tratamento da informação sobre os outros. Já a fluidez do si mesmo “deve ser considerada em relação a fatores ligados ao desenvolvimento do indivíduo e a contextuais (...) Experiências novas serão o principal fator de evolução das representações de si mesmo” (Deschamps e Moliner, 2009, p. 87).

A partir da Teoria da Identidade Social podemos afirmar que os indivíduos tendem a se afirmar e agir nos diversos contextos através daqueles aspectos que consideram que serão melhor avaliados. Entretanto, com a complexificação social, muitas vezes eles se encontram em uma situação na qual estão em jogo diferentes valores e, portanto, terá que negociá-los constantemente na busca da manutenção de um sentido que lhe forneça a estima de si mesmo perante seus diversos grupos de pertença.

Em relação à paternidade podemos dizer que também vêm se ampliando os discursos e as contradições. A seguir, apresentaremos as diversas imagens e os sentidos historicamente construídos sobre essa temática.

1.2. Paternidade

1.2.1. *Um breve histórico*

Desde a sua descoberta até os dias atuais, a paternidade vem sofrendo modificações estreitamente relacionadas aos modos de produção e às condições sócio-econômicas e culturais (Dupuis, 1989; Olavarría, 2001; Rotundo, 1985). No entanto, essas transformações não ocorrem de modo homogêneo, pois, segundo Trindade (1998), subsistem ainda no imaginário social contemporâneo marcas da estrutura tradicional. Também deve-se notar que tais transformações não acompanham o ritmo das transformações sociais mais amplas, pois, como constata Gomes e Resende (2004), a mudança de hábitos cotidianos nem sempre acompanha o ritmo das transformações de valores.

Segundo Trindade (1998), a perspectiva histórica da paternidade no Estados Unidos apresentada por Rotundo (1985) guarda semelhanças com o processo ocorrido no Brasil. O autor apresenta três modelos de paternidade que se destacavam na sociedade americana em determinados períodos históricos. São eles a “Paternidade Patriarcal”, predominante de 1620 à 1800, a “Paternidade Moderna”, que surge em 1800 e se estende até a contemporaneidade, e a “Paternidade Andrógena”, que começa a surgir na década de 70, e, assim como a paternidade moderna, se mantém nos dias atuais.

A Paternidade Patriarcal se baseava, segundo Rotundo (1985), no sistema agrícola de produção, o que favorecia a presença física do pai, uma vez que não havia uma cisão entre o ambiente de trabalho e a família. No entanto, isso não garantia uma proximidade afetiva entre o pai e os filhos, na medida em que aquele precisava manter seu lugar de autoridade máxima e acreditava-se que o excesso de afeição prejudicaria o caráter dos indivíduos. Além disso, por ser o proprietário das terras e o provedor exclusivo, o patriarca detinha grande poder de decisão em todos os aspectos da vida da esposa, dos filhos e de todos que dele dependiam.

Ainda pode-se perceber na atualidade, na sociedade brasileira, configurações familiares nas quais o pai ocupa esse lugar de autoridade inquestionável, e, em alguns casos, mesmo quando ele não é mais o provedor exclusivo, ou até mesmo não contribui em nada com o sustento familiar, esse lugar simbólico ainda lhe é conferido (Sarti, 1996).

A Paternidade Moderna pode ser percebida, segundo Rotundo (1985), a partir do século XIX e também é um modelo ainda presente. Seu surgimento está relacionado à organização dos setores urbanos, do comércio, da emergência da burguesia e das indústrias. A vida urbana leva os pais a perderem controle sobre os filhos, na medida em que, por não serem mais detentores das terras, das quais antes dependia a sobrevivência, deixam de ter um poder de decisão tão forte em relação ao futuro dos filhos. Há, nesse contexto, um distanciamento físico, devido à transformação dos meios de subsistência, que passam a exigir que os pais permaneçam muito tempo longe de casa. Em contrapartida, o seu valor como condutor moral, como iniciador dos filhos na vida pública aumenta. O pai progressivamente perde o seu lugar de autoridade no lar, papel este transferido para a mãe, que passa a ser vista como a responsável pela configuração do caráter dos filhos. O pai ganha destaque enquanto provedor exclusivo, apesar de em alguns momentos de crise econômica e guerra, a mulher assumir também as atividades laborais. A família nuclear passa então a ser o modelo normativo do século XX, vista como normal e natural através das ideologias que garantem a sua reprodução, embasadas na teoria dos papéis sexuais. O pai torna-se o provedor, quase sempre exclusivo.

Rotundo (1985) aponta duas tendências opostas presentes nesse momento: como o pai deixava de ser a figura principal no contexto familiar, por um lado, passava a ter mais liberdade para se expressar e se envolver afetivamente com os filhos, devido ao fato de não estar submetido à exigência de formalidade que os pais sofriam outrora. Por outro lado, também estavam livres para construir suas vidas mais afastados ou desvinculados emocionalmente do contexto familiar. Desse modo, muitas vezes se instaurava a sua ausência, física ou psicológica. Além disso, o autor aponta para o fato de que muitos homens preferiram deixar as crianças totalmente por conta das mulheres, pois, já que perderam seu lugar de destaque na esfera familiar, teriam seu orgulho de homem ferido caso assumissem uma posição coadjuvante.

Já o modelo de Paternidade Andrógina surge, segundo Rotundo (1985), na década de 70, em decorrência das reivindicações feministas, que visam desconstruir os papéis de gênero, e de uma série de transformações no âmbito produtivo. O desemprego crescente e a inserção feminina no mercado de trabalho fazem com que o papel do pai, enquanto provedor e conhecedor exclusivo do mundo público, seja posto em questão. Ocorre também uma maior necessidade da participação masculina no contexto doméstico, na criação dos filhos, com a saída das mulheres para o mundo público. Nesse novo estilo de paternidade, homens e mulheres tendem a ser percebidos com maior igualdade e as distinções entre maternidade e

paternidade são pouco nítidas. Os pais tendem a participar mais do cotidiano dos seus filhos. Além disso, as crianças também são tratadas com mais igualdade, tendendo-se a evitar ao máximo distinções entre meninos e meninas. Por outro lado, o aumento do número de divórcios faz em alguns casos aumentar extremamente a ausência paterna, tendência já presente na paternidade moderna.

Salém (1987) apresenta um fenômeno similar em alguns aspectos a esse modelo de paternidade andrógena. Este fenômeno é designado “casal grávido” e teria, segundo a autora, emergido aqui no Brasil, no início da década de 80, nas camadas médias dos grandes centros metropolitanos.

A expressão denota o intuito de casais lidarem com a gestação e o parto, bem como com a maternidade e a paternidade, de forma distinta da “tradicional” em dois sentidos principais. Primeiro, prescreve-se o envolvimento masculino em assuntos e domínios geralmente reservados a mulher (...) conforme a própria expressão indica, é prevista a incorporação do homem já na gravidez e no parto. Consultas médicas mensais, frequência a cursos pré-natais, leitura de manuais especializados, escolha do obstetra e do pediatra pressupõem a participação de ambos os parceiros. Do mesmo modo, a presença do pai da criança no instante do nascimento é condição *sine qua non*. Gravidez e parto são, em suma, experiências a serem compartilhadas a dois. (Salém, 1987, p.21)

Outros aspectos também fazem parte desse fenômeno, como o parto natural, a desvinculação do casal da família de origem com conseqüente valorização da díade e uma relação conjugal comprometida com a igualdade de gênero. É na linguagem e na disposição psicológica que são buscados os instrumentos para relativizar os aspectos biológicos e afirmar o compromisso com a maior igualdade de gênero.

Este fenômeno, no entanto, deve ser considerado como um fenômeno ético, ou seja, comprometido e inscrito em um universo simbólico que vai além das questões da maternidade, paternidade, gravidez e parto. Esse universo simbólico, segundo Salém (1987), “gravita em torno do individualismo” e o casal grávido seria então uma espécie de “dramatização de disposições e tensões constitutivas dessa configuração moral” (pp. 23-24). O preceito igualitário e a antinormatividade também são valores éticos pertencentes a esse universo simbólico, que guarda uma proximidade de discurso com o dos movimentos sociais que eclodem nos anos 60: “ambos mostram notável sintonia com um individualismo de cunho psicologizante e libertário” (Salém, 1987, p.25), dentre outros tipos de individualismo existentes. O universo moral dos adeptos ao fenômeno do casal grávido gira em torno de três princípios básicos:

o da *psicologicidade*, isto é, o da representação do indivíduo como um ser psicológico (com notáveis repercursões sobre o modo como concebem as relações sociais e a própria sociedade); o da *igualdade*,

expressivo da sua aversão a ordenamentos hierárquicos; e o preceito da *mudança*, valor que perpassa desde o nível intrapessoal até atingir o estatuto de uma categoria com base na qual eles avaliam e classificam o mundo a sua volta. (Salém, 1987, p.26)

Comungando assim dessa ética individualista específica, o projeto do casal grávido será construído durante a gravidez, terá o seu ápice durante o parto, e entrará em crise após o mesmo, revelando um hiato entre o ideal de conjugalidade estabelecido e as práticas após o nascimento do bebê. Esta crise é devida a “tensões lógicas inerentes ao princípio de organização individualista” (Salém, 1987, p.27).

Como vimos, todas essas transformações sociais e no contexto familiar geram a necessidade de se repensar o papel paterno. Questionando-se a paternidade, coloca-se também em questão a masculinidade. Segundo Olavarría (2001) ser homem é uma conquista cultural. Desse modo, os homens passam por “provas” para serem aceitos enquanto tais tanto por outros homens quanto pelas mulheres. É nesse contexto que surgem os estudos sobre masculinidades e, como parte desse tema mais amplo e a ele fortemente relacionado, os estudos sobre a paternidade.

1.2.2. A emergência dos estudos sobre a paternidade

A presente pesquisa aborda o tema da paternidade a partir da teorização de gênero. Para tanto, buscou-se compreender como a temática da paternidade surgiu dentro desse campo teórico.

Os estudos de gênero surgem a partir da revigoração do movimento feminista, nos anos 60, na Europa e Estados Unidos, e apenas mais tardiamente no Brasil, aproximadamente em 1975, quando é decretado pela ONU o Ano Internacional da Mulher, que tem como objetivo, em sua origem, segundo Garcia (1998), denunciar a condição feminina de subordinação. Posteriormente, passa a ser recorrente entre as participantes desse movimento a crítica da indiferenciação com que o tema da feminilidade é tratado, como se todas as mulheres fossem iguais e vivenciassem as mesmas experiências, independente de sua raça, classe ou idade. No início dos estudos feministas, a mulher era o foco principal, e, aqui no Brasil, principalmente a mulher trabalhadora, devido ao forte diálogo entre feminismo e marxismo que havia em nosso contexto. No início dos anos 80, começam a surgir esboços de

preocupação “sobre a necessidade de um diálogo entre as perspectivas feministas e os homens” (Ariha, Ridenti & Medrado, 1998, p. 21).

Com o passar do tempo, os estudos aqui no Brasil seguiram as tendências internacionais de se tematizar não mais apenas a mulher, mas as relações de gênero, sendo esse entendido como categoria analítica que, segundo J. Fonseca (1998), permite “compreender ou interpretar uma dinâmica social que hierarquiza as relações entre o masculino e o feminino” (p. 190).

Essa passagem dos estudos da mulher para os estudos de gênero, associada também à emergência dos movimentos gays, permite que o tema da masculinidade ganhe mais visibilidade. Segundo Ariha et al. (1998), na década de 60, no cenário internacional, já começa a haver um interesse pela masculinidade como objeto de estudo e, embora na década de 70 já houvesse estudos sobre masculinidade, esses ficaram obscurecidos pelos estudos sobre a mulher e a feminilidade. Nos anos 80, os estudos sobre a construção social da masculinidade se ampliam nos países anglo-saxões.

Os primeiros estudos sobre masculinidade tinham como tema principal a sexualidade e pouco abordavam questões como a reprodução, pelo fato desse tema ser considerado como pertencente à esfera feminina. Atualmente constatamos que agências internacionais têm investido recursos na compreensão desse tema a partir da perspectiva masculina, uma vez que percebe-se que muitas vezes o homem exerce um papel decisivo a esse respeito. Nesse contexto, a paternidade passa a ser reconhecida como tema relevante dentro dos estudos sobre a masculinidade.

A partir da década de 80, ocorre, segundo J. Fonseca (1998), uma maior preocupação em abordar a participação masculina na vida doméstica, buscando-se uma compreensão de como a sociedade favorece ou dificulta o exercício da paternidade no cotidiano. A seguir, apresentaremos um panorama geral dos principais temas sobre paternidade que vêm sendo desenvolvidos nos últimos anos, principalmente no contexto brasileiro.

1.2.3. Paternidade – uma revisão

Jablonski, em 1998, afirmava em relação ao estudo da paternidade que “este campo veio crescendo meio ‘à margem’ nas Ciências Sociais, possuindo hoje, a despeito de seu

desenvolvimento silencioso, um significativo contingente de investigações, pesquisas e reflexões de inegável valor e substância” (Jablonski, 1998, p. 121).

Após 13 anos, o que se percebe é que a temática da paternidade continua sendo objeto de estudo de vários pesquisadores no Brasil e no exterior. Souza e Benetti (2009) apontam que os países que mais se destacam em relação à produção de pesquisas envolvendo esta temática nos últimos anos foram EUA, Brasil e Inglaterra, que publicaram respectivamente 157, 90 e 50 artigos entre 2000 e 2007 e não deixaram de publicar em nenhum ano, dentro desse intervalo.

É interessante notar o importante papel das revisões bibliográficas no direcionamento dos campos de estudo. Percebe-se nitidamente que a produção nacional da última década vem preencher alguns pontos de lacuna apontados por J. Fonseca (1997, 1998) e Levandowski (2001). Os autores demonstram a escassez de trabalhos que tratam da questão da paternidade na adolescência se comparados aos trabalhos que tratam da paternidade em geral e da maternidade adolescente em âmbito nacional e o número reduzido de artigos na literatura internacional.

Esta invisibilidade ou esse não lugar da paternidade na adolescência nos estudos acadêmicos e na sociedade como um todo pode ser explicado, segundo J. Fonseca (1998) pelo fato da nossa sociedade ainda perceber o adolescente apenas como filho. Além disso, Medrado, Lyra, Leão, Lima e Santos (2005) demonstram que o adolescente é percebido, na maioria dos casos, de forma estereotipada como aventureiro, irresponsável, onipotente, imprudente e imaturo. Soma-se a isso a noção amplamente difundida de que cuidado com crianças, principalmente bebês, recém-nascidos, é algo intrínseco à natureza feminina e que o papel de provedor, que o adolescente muitas vezes não tem condições de exercer, cabe ao pai. O homem é, muitas vezes, excluído da assistência de saúde, e os adolescentes que procuram compartilhar a gestação da companheira são, assim, duplamente desconsiderados (Luz & Berni, 2010; J. Fonseca 1997, 1998).

A partir destas constatações, na última década, foi direcionado um grande número de esforços de pesquisadores de todo o país para esta temática. Segundo Souza e Benetti (2009), no Brasil, a paternidade adolescente foi o tema mais estudado entre 2000 e 2007. Em âmbito internacional, no mesmo período, os estudos se concentraram no pai adulto, no modelo de pai mais envolvido com seus filhos.

Levandowski e Piccinini (2002, 2006) compararam pais adolescentes e adultos em relação à interação com seus bebês de 3 meses e a expectativa e sentimentos em relação ao primeiro filho. Constaram que a idade não é necessariamente um fator determinante em

nenhum desses aspectos. Tanto adultos como adolescentes demonstraram por um lado expectativas positivas quanto ao relacionamento com o bebê e a vivência da paternidade e, por outro, certa dúvida quanto a sua capacidade para exercer o papel paterno.

Em relação à paternidade em geral, Trindade (1998) e J. Fonseca (1998) apontam que a maioria das pesquisas realizadas até aquele momento investigava os pais sem ouvi-los diretamente, enfatizando apenas a ótica feminina. Pouco se investigava a responsabilidade e desejo masculinos no processo de reprodução.

Ainda são encontrados trabalhos posteriores que tratam da questão da paternidade a partir da ótica feminina (Gonçalves, Parada & Bertonecello, 2001; Perucchi & Beirão, 2007; Pesamosca, Fonseca & Gomes, 2008) e a partir da perspectiva infantil (Moreira, Rabinovich, & Silva, 2009; Goetz & Vieira, 2009). Porém, atualmente, com o aumento dos trabalhos que vêm sendo produzidos a partir do ponto de vista dos pais, tem-se considerado um cenário mais completo a respeito dos significados sociais da paternidade.

Percebe-se que houve um aumento considerável de pesquisas que trazem a temática da participação e envolvimento paternos (Silva & Piccinini, 2007; Sutter & Bucher-Maluschke, 2008) e das vivências e expectativas, sentimentos e experiência a partir da perspectiva dos pais. Principalmente focando os aspectos citados anteriormente, temos investigações que abordam a gravidez do primeiro filho (Bornholdt, Wagner & Staudt, 2007; Piccinini, Silva, Gonçalves, Lopes, & Tudge, 2004; Krob, Piccinini & Silva, 2009; Piccinini, Levandowski, Gomes, Lopes & Lindenmeyer, 2009), o momento do parto (Sadler, 2004; Tarnowski, Prospero & Elsen, 2005; Carvalho & Brito, 2008; Carvalho, Brito, Araújo & Souza, 2009; Carvalho, 2003), a amamentação (Pontes, Alexandrino & Osório, 2008, 2009) e os primeiros meses de vida dos bebês (Krob, Piccinini & Silva, 2009; Oliveira & Brito, 2009).

Em relação a gravidez a partir da perspectiva dos pais, estudos mais recentes apontam que a mesma é vivenciada por esses como um momento de transição e de redimensionar valores e prioridades na vida do casal (Bornholdt, Wagner & Staudt, 2007). Segundo os autores, muitos pais se sentem incluídos, ao contrário do que encontraram Krob, Piccinini e Silva (2009), que perceberam sentimento de exclusão dos pais, tanto na gravidez, quanto nos primeiros meses de vida do filho.

Também no contexto da gravidez, alguns autores identificaram que a maioria dos pais se envolve emocionalmente e participa de várias maneiras, inclusive na escolha do nome (Piccinini, et al 2004; Krob, Piccinini, Silva, 2009; Piccinini, Levandowski, Gomes, Lopes, Lindenmeyer (2009), imaginam o sexo do bebê e as características físicas e psicológicas que os filhos terão (Piccinini, Levandowski, Gomes, Lopes, Lindenmeyer, 2009) e demonstram

sentimentos positivos e satisfação após o nascimento do filho. Por outro lado, alguns não se sentem vinculados emocionalmente à gravidez, tendo dificuldades para perceber o filho como sendo real (Piccinini, et al 2004) e até mesmo de criar uma imagem mental do mesmo (Piccinini, Levandowski, Gomes, Lopes, Lindenmeyer, 2009).

As principais preocupações e medos relatadas pelos pais durante a gravidez são em relação à saúde da esposa (Krob, Piccinini & Silva, 2009) e do bebê (Krob, Piccinini & Silva, 2009; Piccinini, Levandowski, Gomes, Lopes & Lindenmeyer, 2009) em relação à má formação fetal, às adversidades do mundo contemporâneo e ao período adolescente (Bornholdt, Wagner & Staudt, 2007).

Em relação aos trabalhos que focam a participação paterna no momento do parto, grande parte deles se remetem ao princípio da humanização da assistência (Sadler, 2004; Tarnowski, Prospero & Elsen, 2005; Carvalho & Brito, 2008; Carvalho, 2003). A presença paterna é considerada importante para dar suporte à companheira, no compartilhamento e interação entre o casal durante o trabalho de parto (Carvalho & Brito, 2008; Carvalho, 2003) e pelo estabelecimento de vínculo entre os pais e seus filhos (Carvalho, 2003). Os principais sentimentos e emoções vivenciados pelos pais são, segundo Carvalho, Brito, Araújo e Souza (2009), felicidade, inquietação, medo, nervosismo e preocupação. Eles também demonstram satisfação e gratidão por poderem acompanhar o parto (Sadler, 2004; Carvalho & Brito, 2008).

Percebe-se a maior importância dada atualmente pelos profissionais de saúde, principalmente de enfermagem, à vivência e sentimentos paternos no contexto hospitalar (Cardoso, Souto & Oliveira, 2006) e no pós-parto (Oliveira & Brito, 2009). Outros autores têm mostrado como a interação desses profissionais com os pais tem tido resultados positivos, contribuindo para um maior sentimento de autoeficácia por parte dos pais (Montigny, Lacharite & Amyot, 2006). Estes estudos vêm preencher uma lacuna apontada por autores que indicavam que a presença dos pais no contexto hospitalar era invisibilizada e apontavam para a importância de reconhecê-la (Trindade, 1998; J. Fonseca 1997, 1998).

Gomes, Lunardi Filho & Erdmann (2008), por sua vez, investigaram as percepções da equipe de enfermagem em relação ao pai como cuidador na unidade de pediatria e encontraram que os profissionais reconhecem a importância de ambos no contexto hospitalar. No entanto, o espaço físico ainda impossibilita a presença de dois acompanhantes e a mãe ainda é vista como melhor cuidadora. Tendo que escolher, na maioria das vezes, opta-se pela mãe. Os pais só são aceitos no contexto hospitalar para cuidar dos seus filhos no caso da criança não ter mãe, ou não poder acompanhá-la ou ser mais apegada ao pai. Estudos como o

de Tarnowski et al. (2005) e Carvalho (2003) também mostram que pouco se avançou no que tange à participação paterna no contexto hospitalar. Diversas são as dificuldades, tanto de ordem institucional, como motivacional, e no tocante a representações sociais sobre parto e paternidade. Carvalho (2003) aponta como fundamentais uma melhor capacitação das equipes que irão atender às famílias e a formulação de políticas trabalhistas visando a possibilidade e incentivo à participação dos pais em todos os momentos: da gestação ao acompanhamento do desenvolvimento do filho após o nascimento.

Já os estudos que tratam da importância do pai no processo de amamentação procuram identificar conhecimentos, vivências, comportamentos e sentimentos dos pais em relação ao aleitamento materno. Os resultados desses estudos indicam que os pais reconhecem os benefícios do aleitamento materno tanto para a mãe quanto para a criança. No entanto, ainda percebem a amamentação como algo pertencente exclusivamente à esfera feminina (Pontes, et al., 2008) o que, segundo os autores, é fruto da socialização de gênero, que tem como base o corpo biológico. A partir dessa constatação, Pontes et al. (2009), construíram um proposta de intervenção, que teve como base a identificação de eixos norteadores para o incentivo à participação masculina no processo da amamentação, desde a infância até o momento da vivencia da própria paternidade. Foram encontrados como eixos norteadores a família, a escola e a instituição de saúde, e foi implantado um ambulatório de amamentação para atendimento à família, do pré-natal aos seis meses de vida do bebê e de socialização de meninos e meninas em prol da amamentação.

Além desses estudos que enfocam os sentimentos e vivências paternas desde a gravidez, outro item de interesse dos pesquisadores tem sido as múltiplas formas de vivenciar a paternidade, seja por via da adoção, de reconfigurações familiares ou das tecnologias reprodutivas.

Alguns estudos sobre adoção têm, como ponto de partida, a infertilidade de um dos membros do casal (Andrade et al., 2006; Ghirardi, 2009). Isso demonstra a importância dada aos filhos em nossa sociedade, principalmente aos filhos biológicos. Os filhos adotivos surgem, várias vezes, como uma alternativa, na impossibilidade de gerar os próprios filhos.

Esses estudos têm mostrado que a paternidade adotiva pode ser vivenciada de forma similar à paternidade biológica, sendo os filhos adotivos significados como a continuidade dos pais e uma decorrência natural do casamento (Andrade et al., 2006). Por outro lado, também pode ser vivenciada de modo bastante conflitivo quando os pais não conseguem superar o fato de não poderem ter um filho biológico e não aceitam a origem da criança, chegando ao ponto de devolvê-la (Ghirardi, 2009), ou então com maior dificuldade de

estabelecimento de vínculos no caso da adoção tardia (Costa & Rossetti-Ferreira, 2007). Costa (2002) aponta que nesse contexto, as tentativas de se igualar ou minimizar as diferenças entre um filho biológico e um adotivo são uma forma que os pais encontram para superar a tristeza de não poderem ter um filho biológico, porém esse permanece como ideal.

Entender os sentimentos dos pais em relação à infertilidade nesse contexto é importante, bem como representações sociais de filho biológico (Costa, 2002; Borlot & Trindade, 2004). A impossibilidade de ter filhos desencadeia uma série de sentimentos negativos como frustração, baixa autoestima, tristeza, ansiedade, vergonha, medo, podendo inclusive chegar ao desencadeamento de fortes quadros de estresse (Farinati, Rigoni & Müller, 2006). A infertilidade coloca em questão tanto a masculinidade quanto a feminilidade, embora de maneiras distintas. Para o homem, coloca em xeque a sua virilidade (Costa, 2002; Borlot & Trindade, 2004) e afeta os seus planos futuros, desencadeando neles uma tristeza, que, no entanto, pode ser superada. A sua virilidade também pode ser restabelecidas através de demonstrações de potência sexual. Por outro lado, para a mulher é a maternidade em si que atesta a sua feminilidade (Costa, 2002), pois é posta como a essência da mulher (Hennigen & Guareschi, 2008), como ponto central na construção da identidade feminina (Trindade, 1993). A mulher, ao se deparar com a infertilidade, vivencia sentimentos mais intensos de desespero (Costa, 2002), culpa e baixa autoestima, pois sente-se e é vista pela sociedade como incompleta (Borlot & Trindade, 2004).

Nesse sentido, atualmente, o desenvolvimento das tecnologias reprodutivas tem possibilitado a algumas pessoas, que têm condições de arcar com os altos custos desses procedimentos tecnológicos (Correa & Loyola, 1999), buscarem alternativas no intuito de realizar o plano da paternidade/maternidade biológica. Estas novas tecnologias trazem dilemas éticos para o campo da saúde há mais tempo e atualmente para a psicologia (Dias, 2007), pois fazem com que surjam novos discursos e, por conseguinte, novas formas de subjetivação e novas fronteiras morais. Paradoxalmente, tecnologias desenvolvidas para definir com maior certeza a paternidade biológica, como o exame de DNA, incitam mais dúvida e incertezas e acabam por fazer em alguns casos com que pais que conviveram a vida toda com seus filhos e estabeleceram forte vínculos com os mesmos comecem a duvidar da sua paternidade (C. Fonseca, 2005).

Percebe-se, assim, que a vivência da paternidade é fortemente perpassada pelas questões de gênero e pelo vínculo afetivo que é estabelecido com a companheira, tanto na ocasião de assumir a paternidade, como na ocasião de negá-la (Palma & Quilodrán, 1997).

Percebe-se também que, embora seja demonstrado por grande parte dos pais desejo de envolvimento no desenvolvimento dos filhos (Bornholdt et al., 2007) e grande proximidade e afeto na relação pai-bebê, a participação nos cuidados não se mostra tão efetiva quanto planejada pelos pais durante a gravidez (Krob et al., 2009). Resultado semelhante a este foi encontrado por Salém (1987) e Jablonski (1998). É interessante notar que mais de 20 anos se passaram e, no entanto, a participação masculina em relação aos cuidados permanece restrita em relação a suas intenções/expectativas. A questão que permanece é: por que isso ocorre?

Talvez esse fato possa ser explicado parcialmente pelos resultados encontrados por Trindade (1993) sobre as representações sociais de paternidade para homens, com e sem filhos, participantes de um Serviço de Acompanhamento Genético. Para os primeiros, a representação da paternidade é ser ‘pai provedor’, enquanto que para os últimos a representação é a ‘concretização da identidade masculina’, ou seja, os núcleos das representações sociais mudam na medida em que muda o contexto. As representações sociais, por sua vez, também intervêm na identidade e nos comportamentos, num movimento dialético. Sendo assim, o fato de os pais criarem uma expectativa de serem mais participativos e depois isso não ocorrer como planejaram, pode ser explicado pelo fato de antes de serem pais perceberem o advento da paternidade de uma forma mais vaga e talvez idealizada ou perpassada pelos discursos mais recentes. No entanto, com a consolidação da paternidade, surgem as necessidades concretas dos bebês serem providos e cuidados. Sendo assim, os homens se percebem como tendo que responder a outro imperativo para serem reconhecidos e se reconhecerem enquanto pais: prover. Apesar de haver um discurso que diz que o pai precisa estar mais presente e participativo no contexto familiar, o discurso do homem enquanto provedor não foi extinto da nossa sociedade, pelo contrário: permanece ainda com muito mais força em todo o tecido social do que aquele que diz que ele deve participar dos cuidados.

Oliveira (2010), investigando pais de baixa renda, encontrou nos aspectos centrais da representação social de pai tanto elementos do que se convencionou chamar “nova paternidade”, como maior proximidade afetiva e cuidado com os filhos, como aspectos do modelo mais tradicional de pai.

A Teoria das Representações Sociais tem trazido contribuições significativas para a compreensão da temática da paternidade, pois mostra como as representações sociais estão vinculadas a uma origem histórica na sua formação e como vão mudando ao longo do tempo: muitas vezes de forma bastante lenta, parcial e diferente entre os diversos grupos. Coexistem

assim em nossa sociedade concepções arcaicas e modernas em diferentes grupos sociais, mas também dentro de um mesmo grupo (Trindade, 1999).

Em relação a prática profissional, Trindade (1999) aponta a importância da postura ética dos psicólogos reconhecerem as próprias representações de paternidade e também as dos sujeitos com os quais vão trabalhar, para que as representações do profissional não sejam tomadas como a verdade. Trindade (1998) e Rodrigues (2000) mostram que a psicologia, através de algumas teorias que naturalizam as diferenças de gênero, contribuiu e ainda contribui para reiterar valores e vivências tradicionais no que se refere à maternidade e à paternidade. Alguns autores apontam como a mídia também vem sendo um importante instrumento de construção social do par indissociável paternidade/maternidade (Rodrigues, 2000; Santos, 2005; Hennigen & Guareschi, 2002, 2008; Chechi & Hillesheim, 2008; Hennigen, 2010), muitas vezes se apropriando do discurso de especialistas (Santos, 2005; Hennigen, 2010) para transmitir a idéia de um discurso cientificamente embasado e, portanto, com estatuto de verdade. No entanto, Jablonski (1998) mostra que a mídia retrata apenas parcialmente as vivências, disseminando apenas os aspectos positivos e alerta em relação aos estudos que priorizam essa fonte de informação. Pesquisadores da mídia precisam ter em mente que a mesma não retrata fielmente as vivências sociais, mas, incita expectativas, constrói subjetividades e identidades (Hennigen & Guareschi, 2002; 2008, Chechi & Hillesheim, 2008; Hennigen, 2010). As relações de gênero perpassam todo o tecido social e os significados de masculinidade e paternidade se associam, bem como de feminilidade e maternidade.

Rodrigues (2000), investigando a revista Pais e Filhos no que se refere à responsabilidade atribuída pelo desenvolvimento dos filhos nas diversas etapas da infância e da adolescência aponta que tanto na década de 60 como na de 90 as mães são vistas como as principais responsáveis pelo desenvolvimento dos mesmos. Com o aumento da idade das crianças, o pai vai sendo progressivamente mais considerado, embora não alcance em nenhuma das fases do desenvolvimento dos filhos a mesma importância atribuída à mãe. Ramires (1997) corrobora estes achados afirmando que “somente nos últimos anos destacou-se a importância da figura paterna desde os primeiros dias de vida, e até mesmo desde o momento da concepção” (p.60).

Alguns autores como Olavarría (2001), Villa (1997), Scott, Athias e Longhi (2005) e Dominguez (1998) apontam para as diferentes percepções de homens de diferentes idades, com relação a questões como afeto e cuidado infantil, responsabilidade contraceptiva, sexualidade e divisão sexual do trabalho, respectivamente. Percebe-se nos três primeiros

estudos uma maior ênfase na igualdade no que se refere aos aspectos citados por parte dos homens mais jovens se comparados aos homens de gerações anteriores, o que nos levaria a crer que talvez eles estejam mais dispostos a vivenciar uma nova forma de masculinidade e paternidade. Já Dominguez (1998) constatou que os adolescentes mais jovens tendem a perceber a divisão sexual do trabalho como algo desejável. Em contrapartida, os adolescentes mais velhos, por já terem passado por alguns relacionamentos tendem a relativizar mais as posições. Por outro lado, todos os autores enfatizam aspectos em comum entre os homens mais jovens e os de gerações anteriores como a importância do trabalho para a construção da identidade masculina (Olavarría, 2001), pouco conhecimento sobre o funcionamento biológico da fecundidade (Villa, 1997) e uma separação entre as “mulheres para ficar” e as “mulheres para casar” (Scott, Athias & Longhi, 2005).

Ainda em relação ao aspecto geracional, Unbehaum (2000) mostra como os pais de camadas médias na década de 90 buscam diferenciar-se dos seus pais, sendo mais presentes e afetuosos com seus filhos. Trindade, Andrade e Souza (1997) também encontraram diferenças ao investigarem as representações sociais masculinas da paternidade e das práticas parentais entre homens que se tornam pais nas décadas de 60 e 80. Constataram que, apesar das representações ainda estarem fortemente arraigadas nos modelos tradicionais, algumas modificações vêm ocorrendo, principalmente no que se refere à questão do afeto e relacionamento positivo, que estão mais presentes nas auto-definições dos pais de nível superior da década de 80, estando a caracterização como provedor menos presente para esses mesmos pais. Por outro lado, todos os pais investigados consideram que uma boa mãe precisa ser boa esposa e dona de casa, enquanto que para o pai basta ser bom pai. A categoria provedor não aparece na representação da maternidade, assim como a categoria cuidados com a casa não aparece como elemento da representação da paternidade. Estes achados demonstram a permanência de uma forte divisão sexual dos papéis parentais. Outro fato interessante é que apenas os pais de escolaridade superior reconhecem aspectos negativos em seu relacionamento com os filhos, o que, segundo Trindade et al. (1997) necessita um maior estudo.

Percebe-se a partir desse conjunto de estudos que embora muitos pais enfatizem em seus discursos uma atuação mais próxima do que pode ser considerado uma “nova paternidade”, ao mesmo tempo reiteram concepções tradicionais de masculinidade, seja na sociabilidade entre pais e filhos, seja nos espaços ocupados por estes, seja na forma com que esses cuidados são realizados, divididos e significados.

Diante de todas essas tensões, mudanças e permanências ocorridas nos últimos anos nas sociedades urbanas, surgem as seguintes questões: Como homens de diferentes gerações e escolaridades que se tornaram pais recentemente constroem a sua identidade paterna? Onde estas construções se ancoram? Muitas são as influências e diversos os discursos que circulam na contemporaneidade, porém esses discursos não são dirigidos, não atingem e nem são apropriados por todos da mesma forma e muitos aspectos tradicionais permanecem inalterados, lado a lado aos novos valores, que podem ser percebidos concomitantemente inclusive no mesmo sujeito. Compreender como e por que isso ocorre torna-se relevante. Desse modo, optamos por buscar responder a esses questionamentos e aos objetivos específicos através da escuta direta dos pais, por meio de entrevistas.

Apresentamos então os objetivos específicos do presente trabalho:

- Identificar e analisar os significados e valores compartilhados e específicos relacionados à paternidade segundo os entrevistados.
- Identificar e analisar as dificuldades e potencialidades de ser pai no atual momento da vida segundo os entrevistados.
- Identificar e analisar se e como a paternidade se inseriu/insere no projeto de vida desses homens.
- Identificar e analisar características da relação entre pai/filho(a), considerando os aspectos relacionais de gênero, segundo os entrevistados.
- Identificar e analisar como os sujeitos negociam as suas referências paternas com a experiência de ser pai.
- Identificar e analisar, como os sujeitos vivenciam e dão significado a sua condição de pais, a partir das pertencas a diversos grupos.
- Identificar descrever e analisar se e como os sujeitos realizam atividades cotidianas relativas ao cuidado com o filho(a).
- Identificar e analisar como os sujeitos percebem a avaliação dos outros com relação ao exercício da sua paternidade.
- Identificar e analisar quais expectativas os sujeitos possuem quanto ao futuro da sua relação com seus/suas filhos(as).

2. MÉTODO

2.1. Sujeitos

Foram entrevistados 14 sujeitos, todos pais do primeiro filho, com idade entre 2 a 7 meses, vivendo com a mãe da criança (esposa/companheira), residentes da região metropolitana de Belo Horizonte/MG. A princípio, seriam entrevistados 12 sujeitos, sendo 6 com idade entre 21 e 30 e os outros 6 entre 31 e 40. No entanto, como encontramos um pai com idade entre 41 e 50 decidimos incluí-lo, mesmo sabendo da dificuldade de encontrar o mesmo número de pais que se enquadrassem totalmente no que havia sido proposto para a pesquisa. Conseguimos ainda, com bastante dificuldade, mais um pai dentro dessa mesma faixa e com a mesma escolaridade do que havia sido anteriormente entrevistado. Sendo assim, resolvemos considerar essas entrevistas nos resultados, mesmo sem ter o comparativo em relação as outras escolaridades, pois, é ainda mais difícil encontrar pais do primeiro filho com até sete meses nesta faixa etária com menor escolaridade, uma vez que, entre esses pais, o que costuma ocorrer é uma maior priorização e dedicação a outros aspectos, como o estudo, antes de terem filhos.

O acesso aos sujeitos ocorreu por abordagem direta da pesquisadora aos pais, em seus locais de trabalho, em suas residências e em festas infantis. Quando percebia que o pai poderia estar dentro do perfil esperado, convidava-o a participar da pesquisa. Também houve casos em que os sujeitos foram indicados por amigos/conhecidos e alguns foram acessados a partir do método bola de neve, que consiste na indicação de outros sujeitos pelos próprios entrevistados, sendo realizado em todos os casos contato telefônico ou por e-mail para agendar a entrevista.

Os sujeitos foram selecionados levando-se em consideração a faixa etária e a escolaridade. Devido à dificuldade de encontrar sujeitos com apenas ensino fundamental e ensino médio que estavam sendo pais pela primeira vez entre 40 a 50 anos, a única escolaridade contemplada nessa faixa etária foi ensino superior, conforme tabela abaixo (Tabela 1).

Tabela 1 - Idade e escolaridade dos pais entrevistados

Escolaridade/ Faixa etária	Fundamental	Médio	Superior	Total
20 à 29	2	2	2	6
30 à 39	2	2	2	6
40 à 50	0	0	2	2
Total	4	4	6	14

Quanto à caracterização dos entrevistados, além da idade e escolaridade dos mesmos (E), foram levantadas a idade e escolaridade das suas companheiras (C); o tempo de relacionamento (casados ou vivendo em união estável, C/UE) e o tempo total de relacionamento, desde o início do namoro (TR); o sexo e idade da criança; a profissão do entrevistado e de sua companheira; se estavam empregados no momento da entrevista; a renda própria (RP) e renda familiar (RF) e religião. É importante ressaltar que estas informações serão consideradas na análise apenas quando produzirem algum resultado significativo que destaque um certo grupo de pais com determinadas características. Atribuímos nomes fictícios aos entrevistados e a suas esposas/companheiras e filhos(as) quando mencionados, para preservar o direito ao sigilo (Tabela 2).

2.2. Instrumentos

As entrevistas foram realizadas através de um roteiro semi-estruturado (APÊNDICE A) elaborado a partir dos objetivos descritos, pois esta técnica permite de acordo com May (2004, p. 148) “sondar além das respostas e assim estabelecer um diálogo com o entrevistado”. O primeiro bloco introduz o tema através de questões que investigam definições, avaliações e memórias em relação à paternidade. O segundo bloco investiga a gravidez: planos, preocupações, vivências, relacionamento com a companheira e mudanças. Logo em seguida, no terceiro bloco, são investigadas as mudanças na vida dos entrevistados a partir do nascimento do filho, a avaliação dos aspectos positivos e negativos da paternidade e da influência da idade nesta vivência. O quarto bloco traz questões que visam identificar o papel de outras pessoas na construção da paternidade. A vivência cotidiana com o filho (a) é abordada no quinto bloco. No sexto bloco são exploradas as expectativas em relação à paternidade e, por fim, no último bloco, é levantado o perfil sóciofamiliar dos entrevistados.

2.3. Entrevista

As entrevistas foram realizadas entre setembro e dezembro de 2010, mediante assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (APÊNDICE B) aprovado pelo COEP (ANEXO I). Na maior parte das vezes, ocorreram nas casas dos sujeitos. Todas as entrevistas foram gravadas e transcritas integralmente e tiveram duração entre 20 minutos e 1 hora e 25 minutos, tendo em média 40 minutos de duração.

2.4. Tratamento dos dados

Os dados coletados nas entrevistas foram submetidos a Análise de Conteúdo, que é definida por Bardin (p. 38, 1977) como “um conjunto de técnicas de análise das comunicações que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens”.

Segundo Bardin (1977), Bauer (2002) e Franco (2003), a Análise de Conteúdo tem como objetivo produzir inferências, o que deve ser realizado através da contextualização dos resultados. Vala (2003) elabora um esquema no qual as “condições de produção do discurso” produzem um “discurso sujeito a análise” e, por outro lado, “condições de produção da análise” geram um “modelo de análise”, que desemboca no “resultado” da pesquisa. As condições de produção do discurso e da análise se influenciam mutuamente, devendo, portanto, ser consideradas na análise dos resultados.

Fazendo um resgate histórico, Franco (2003) afirma que as primeiras pesquisas que utilizaram a Análise de Conteúdo estavam voltadas mais para a análise de documentos, ou seja, o material já estava disponível ao pesquisador. Atualmente tem se ampliado o número de pesquisas que utilizam da Análise de Conteúdo para obterem inferências sobre dados obtidos a partir de entrevistas e observações e com intuito de testar hipóteses. Tem-se ampliado também o recurso a programas computacionais, como no caso da presente pesquisa, que utilizou o Software Nvivo7 como suporte para realização do procedimento de análise das entrevistas.

O NVivo 7 é um software especializado em análise qualitativa de dados, criado em 2006 por uma empresa Australiana de Software, a QSR. Surge como fruto da junção de dois outros programas que tinham finalidades diferentes: o NUD*IST, criado para analisar grande volume de dados e o NVivo 2, que permitia explorar de forma mais criativa um conjunto menor de dados (Saur-Amaral, 2010). Este software possibilita a organização do material em categorias hierarquicamente estruturadas ou categorias livres.

A análise dos dados foi realizada em diversas etapas, sendo a primeira delas uma leitura flutuante do material coletado para que fossem extraídas impressões gerais das entrevistas. Em um segundo momento as entrevistas foram lançadas no Nvivo 7 como documentos a serem categorizados e casos, aos quais foram vinculados atributos que caracterizam os sujeitos. Foi definido como Unidade de Registro o Tema.

A codificação temática foi desenvolvida, segundo Flick,

para os estudos comparativos, nos quais os grupos estudados são obtidos a partir da questão de pesquisa, sendo assim, definidos *a priori*. O assunto da pesquisa é a distribuição social de perspectivas sobre um fenômeno ou um processo. A suposição que subjaz é a de que em mundos ou grupos sociais diferentes podem ser encontradas visões distintas (p. 197, 2004).

Essa perspectiva coaduna perfeitamente com o objetivo da presente pesquisa, que é descrever e analisar como homens de diferentes gerações compreendem e vivenciam o

nascimento do primeiro filho e integram aspectos relativos à paternidade a sua identidade. Parte-se da hipótese de que os significados da paternidade se apresentem de maneiras distintas para as diferentes gerações.

No processo de categorização, foi levado em consideração, a princípio, apenas o conteúdo manifesto e as categorias foram desenvolvidas a partir das perguntas do roteiro semi-estruturado. Levou-se em consideração as regras propostas por Bardin (1977) para criação das categorias: homogeneidade, que se refere à maior semelhança semântica possível no conteúdo de cada categoria; exaustão, que se refere à análise total do texto; exclusividade, que aponta para a impossibilidade de um mesmo elemento ser classificado em mais de uma categoria; e adequação/pertinência, que se referem à adequação ao conteúdo e ao objetivo da pesquisa. Posteriormente foram reagrupadas dentro de cada pergunta as categorias com significados similares e depois foram reagrupadas as próprias perguntas no intuito de reduzir ao máximo as categorias. Partiu-se assim de um nível mais descritivo para um nível mais abstrato no decorrer da categorização. Paralelamente foram criadas categorias livres a partir de algumas temáticas transversais, ou seja, que não estavam presentes em uma resposta específica, mas perpassavam o discurso dos sujeitos em variados momentos.

Os resultados foram organizados segundo os seguintes critérios: cada sujeito só foi contabilizado uma vez em cada categoria mesmo que tenha dado mais de uma resposta que pudesse nela ser classificada. Esta forma de apresentação dos resultados deve-se ao fato de ser pequeno o número de sujeitos e para que não houvesse distorções quanto à proporção do número de respostas apresentadas em determinada categoria em relação ao conjunto das categorias. Dessa forma, os números informados em cada categoria devem ser considerados em relação ao total de entrevistados. Por outro lado, o mesmo sujeito pode ter dado respostas diferentes para uma mesma pergunta, o que fará com que ele seja contabilizado em mais de uma categoria.

A descrição dos resultados será feita tendo como base o esquema que se segue, formulado a partir de uma reestruturação do roteiro de entrevista e das categorias finais em 5 novos blocos. Algumas perguntas do roteiro foram reagrupadas no momento da categorização, sendo assim não aparecerão nesse esquema.

A partir da reorganização foi colocando em evidência um tema nuclear, que engloba a definição de pai e uma avaliação geral do que seja um bom pai. Este tema nuclear servirá de ponto de partida para a descrição e articulação posterior dos resultados por estarem esses dois aspectos bastante relacionados aos demais. No primeiro bloco, “Tornar-se pai”, foram incluídas as questões que nos remetem a planos, vivências e mudanças durante a gravidez e

pós-nascimento do filho(a). Em seguida, no bloco 2, “Cotidiano”, serão apresentadas as questões relativas à vivência prática da paternidade e aos cuidados com a criança. O terceiro bloco, “Avaliação”, enfatizará a percepção do entrevistado e de outras pessoas em relação a suas vivências e atuação como pai. No quarto bloco, “Os Outros”, será explorada a vivência social da paternidade. No quinto e último bloco apresentaremos as “Expectativas e planos para o futuro” dos entrevistados em relação a sua condição de pais.

Esquema para apresentação dos resultados

1- Tornar-se pai

A gravidez foi planejada? Você teve alguma preocupação durante a gravidez? Como foram os 9 meses? Como era o relacionamento entre você e a sua companheira?

O que mudou para você durante a gravidez em relação ao trabalho, ao lazer, relacionamento com a companheira, relacionamento com amigos, relacionamento com a família de origem e religião?

- O que mudou depois do nascimento do seu filho (a) em relação ao trabalho, ao lazer, relacionamento com a companheira, relacionamento com amigos, relacionamento com a família de origem e religião?

2- Cotidiano

-Quantas horas por dia passa com o filho?Quais atividades realiza? Quais mais gosta de realizar e com qual frequência as realiza?Quais menos gosta de realizar e com qual frequência as realiza? O que se recusa e porquê?

-Tem empregada, babá? Como são realizados os cuidados com o filho(a)? Quem faz o que? Faz mais ou faz menos?

Tema Nuclear

O que é ser pai?

O que ser um bom pai?

5-Expectativas e planos para o futuro

- Como acha que será o relacionamento com o filho (a) daqui a 5 anos? E daqui a 15?

-Pensa em ter outros filhos?

- Como pai, qual é o seu maior medo? E qual será sua maior alegria?

3- Avaliação

Você se considera um bom pai? Porque? E o seu pai como era?

-Qual a importância de um filho(a) na vida de um homem? O que você considera os principais aspectos positivos de ser pai?

E os principais aspectos negativos?

-Você acha que a sua idade influencia em algum desses aspectos citados anteriormente?

- Como que você acha que as pessoas te percebem enquanto pai? E a sua companheira?

4 Os outros

-- Tem amigos que são pais?

_ Costuma conversar com alguém sobre essa experiência? Se sim, com quem? Sobre o que vocês falam?

- Se não, porquê? Gostaria de conversar? Se não, porquê?

3. RESULTADOS

3.1. Tema Nuclear

Neste capítulo serão apresentados os resultados a partir das duas questões elegidas para compor o Tema Nuclear. São elas: 1) O que é ser pai? 2) O que é ser um bom pai? Houve grande heterogeneidade nas respostas dadas a estas duas perguntas. Os resultados serão apresentados do mais frequente ao menos frequente, levando-se em consideração a totalidade dos pais e a especificação das respostas por faixa etária. Foram entrevistados no total 14 pais, que ficaram assim distribuídos: 6 pais com idade entre 20 e 29 anos, 6 com idade entre 30 à 39 anos e 2 na faixa de 40 à 50 anos.

As definições de pai podem ser vistas na tabela que se segue (Tabela 3).

Tabela 3 - Definição de pai

Categorias/Faixa etária	20 à 29	30 à 39	40 à 50	Total
Muito bom	5	4	1	10
Ser responsável	2	2	1	5
Novidade e descoberta	2	1	1	4
Continuidade da vida	1	1	1	3
Incomparável/indescritível	1	1	1	3
Saber educar/criar/orientar	0	3	0	3
Dar o melhor que puder/o que não teve	0	2	0	2
Participar de todos os cuidados	0	2	0	2
Ter amor	1	1	0	2
Acompanhar o desenvolvimento	0	1	0	1
Participar da vida do filho	0	1	0	1
Estar junto da esposa quando for necessário	0	1	0	1
Ser amigo	0	1	0	1
Ser fiel ao filho	0	1	0	1
Papel importante na vida do homem	0	1	0	1
Realização de um sonho	0	1	0	1
Reviver a infância	0	1	0	1
Ter mais força para fazer as coisas	0	1	0	1
Ter um novo projeto	1	0	0	1
Cansativo	1	0	0	1
Total de entrevistados	6	6	2	14

Como pode ser observado, grande parte dos entrevistados considera que ser pai é “muito bom” - 10 entre os 14 entrevistados. Logo em seguida, temos como categoria mais frequente “ser responsável”, sendo mencionado por 5 pais e “novidade e descoberta”, que foi citado por 4 pais. Não há variações significativas em relação às faixas etárias para estas respostas. Já as respostas “saber educar/criar/orientar”, “dar o melhor que puder/o que não teve” e “participar de todos os cuidados” foram resposta dadas apenas pelos pais da faixa

etária de 30 à 39. A maioria das repostas exclusivas, ou seja, dadas por apenas um pai também se concentraram nessa faixa etária.

No geral podemos perceber que a experiência da paternidade tem sido vivenciada com satisfação por grande parte dos pais e mesmo aquele que considera “cansativo” também contempla o aspecto positivo em sua definição:

Ser pai é coisa boa. Como se diz, né, a gente num precavê, né, mas... é bom. Tudo... a criança... Às vezes da canseira, mas não é nada sério não. (Wesley, 20-29)

Nossa, melhor experiência da minha vida. Tá muito bom, gostoso demais. É, muito bom mesmo. É, o sorriso, cê chega em casa, já chega do trabalho agora é só pensando no sorriso da criança, se chegá e vê ele... é muito bom. Até na caretinha de chorar dele é gostoso de vê. É muito bom mesmo, te da força pra fazer muita coisa que você não tinha força pra fazer antes. (Sinval, 30-39)

Oh, na atualidade é a melhor coisa do mundo. Uma experiência única. Pena que foi muito tarde e eu vou ter... só um filho. Só um. (Reinaldo, 40-50)

No que tange à avaliação do que consideram ser um bom pai (Tabela 4), temos as seguintes respostas mais frequentes: em primeiro lugar, 7, ou seja, a metade dos sujeitos considera que ser um bom pai é “saber educar/criar/orientar”. Esta resposta citada por 3 pais com idade entre 30 e 39 na definição de pai (Tabela 3) passa a ser considerada também pelos pais de outras faixas etárias, inclusive em maior proporção em relação ao total de pais entrevistados por faixa etária) na avaliação do que seja um bom pai. Em seguida, “dar amor e carinho” é citado por 6 pais e “cuidar e estar presente/participar da vida do filho” é citado por 4 sujeitos, estando esta resposta ausente na faixa dos 40 à 50 anos:

Eu acho que é aquele que cuida, que respeita e que, ao meu modo de ver, que a principal responsabilidade do pai é educar o filho bem, principalmente educação intelectual e moral. (Fabiano, 20-29)

Bom pai? Eu acho que é você conseguir orientar bem o... o filho. Conseguir criar bem, conseguir educar, da bons exemplos pro seu filho, conseguir... que ele seja uma pessoa boa no futuro. (Armando, 30-39)

Ser um bom pai? Eu imagino que ser um bom pai... é... dar carinho, dar educação, ensinar, ou melhor, trocar, né, ensinamentos é... Mostrar os caminhos possíveis da vida. Eu acho que ser um bom pai é preparar um filho para o mundo. (Rogério, 40-50)

Tabela 4 - Definição de bom pai

Categorias/Faixa etária	20 à 29	30 à 39	40 à 50	Total
Saber educar/criar/orientar	3	2	2	7
Dar amor/carinho	1	3	2	6
Cuidar	2	2	0	4
Estar presente/participar da vida do filho	2	2	0	4
Prover das necessidades materiais	1	2	0	3
Ajudar/colaborar com a companheira	1	1	0	2
Cumprir com suas obrigações/ser responsável	1	1	0	2
Apoiar os gostos do filho	0	1	0	1
Ser preocupado	0	1	0	1
Ser dedicado	0	1	0	1
Ser compreensivo	0	1	0	1
Sacrificar	0	1	0	1
Reconhecer o esforço da companheira	0	1	0	1
Proteger	0	1	0	1
Respeitar	1	0	0	1
Ser companheiro (da esposa e da criança)	0	0	1	1
Total de entrevistados	6	6	2	14

3.2.Tornar-se Pai

Este primeiro bloco foi organizado em torno da emergência da paternidade. Procurou-se explorar planos, vivências e mudanças durante a gravidez e pós-nascimento do filho.

A maior parte dos pais afirmou ter planejado a gravidez, conforme pode ser visto na tabela abaixo (Tabela 5):

Tabela 5 - Planejamento da gravidez por faixa etária

Faixa etária	SIM	NÃO	Total
20 à 29	2	4	6
30 à 39	5	1	6
40 à 50	2	0	2
Total	9	5	14

O único pai entre 30 e 39 que não planejou tem 30 anos, ou seja, está próximo da faixa etária dos outros 4 que não planejaram (20 à 29 anos). Alguns entrevistados atribuem os planos de ter filho ao longo período de casamento, dentre outros aspectos.

Foi. Foi planejada. Nós ficamos casados... 5 anos e depois disso nós resolvemos ter filho. (Reinaldo, 40-50)

Então assim, eu me programei né... eu fiz projetos, para que quando chegasse a oportunidade deu ser pai eu tivesse numa situação boa... com quase tudo, uma estrutura já bem já organizada né... a gente sempre quis ter um filho né, nos fazemos o... a prevenção, tudo corretamente, só que chegou um ponto que a gente falou assim, ah, vamo ter um filho... vamo ver o que acontece e ai a gente deixou as coisas acontecer e o filho veio, só que ele veio assim numa boa hora, pra todo mundo, tanto pra mim quanto pra ela né... então assim foi muito, é meio que planejado, eu tenho, é... seis anos de casado né, então acaba que a gente sempre conversou sobre o assunto, sempre planejamos o futuro, como seria... (Manuel, 30-39)

Durante a gravidez, 11 dos 14 pais tiveram alguma preocupação/medo (Tabela 6). A preocupação mais comum entre eles foi a “saúde da criança”, admitida por metade dos pais e única preocupação para a faixa 40 à 50.

A “saúde da esposa” foi a segunda preocupação mais frequente, citada por 3 pais, assim como “medo da esposa andar de moto” e de “não conseguir prover todas as necessidades materiais”.

Ah, eu preocupava com a minha esposa, com a saúde dela, com a saúde do neném, de... de alimentação dela, medicamentos, essas coisas assim... preocupava mais com a saúde, com a saúde dos dois. (Armando, 30-39)

Tabela 6 - Medos e preocupações durante a gravidez

Categorias/Faixa etária	20 à 29	30 à 39	40 à 50	Total
Saude da criança	2	3	2	7
Saude da esposa	1	2	0	3
Medo da esposa andar de moto	2	1	0	3
Não conseguir prover todas as necessidades materiais	2	1	0	3
Novo aborto	0	2	0	2
Bem estar	1	1	0	2
Cuidar do emocional da esposa	0	1	0	1
Adequar o espaço	0	1	0	1
Preocupação com o parto	1	0	0	1
Total de entrevistados	6	6	2	14

Em relação ao período da gravidez, a metade dos pais afirmou que transcorreu tudo “tranquilo” (Tabela 7), sendo que esta tranquilidade diz respeito, na maioria das vezes, mais à vivência da gravidez pela esposa, do que por suas próprias vivências. A resposta “apenas o final da gravidez foi mais complicado”, mencionada por 3 pais também diz respeito ao desconforto vivido nos últimos meses pela esposa/companheira e ao parto:

Super tranquilos. Super tranquilos. É... o final foi um pouco... foi um pouco...difícil, a gravidez dela toda foi bem tranquila assim, não teve enjoão... é...questão de desejo, nada disso, foi super tranquilo, ele se desenvolvendo dentro do útero dela de uma maneira é... razoável, de uma maneira que era prevista né, e até esperada pelos médicos, mas o final foi um pouco apreensivo ficou aquele dilema se iria ou não iria ser cesárea. (Tércio, 20-29)

As demais respostas sobre o período da gravidez (Tabela 7), contemplam mais as vivências e participação dos próprios pais durante os 9 meses, embora algumas também englobem as vivências da esposa/companheira:

Ah, ficamos curtindo a cada minuto, impaciente já... o primeiro chute dele, tudo foi muito gostoso, foi muito bom. Eu colocava a mão na barriga dela sentia ele mexendo era muito bom também... Os 9 meses dela, todas as ultrassons, todos o pré natal eu acompanhei todo o dia que ela tinha que ir no médico, principalmente durante a gravidez dela que eu trabalhava só num serviço à noite, então tava o tempo todo com ela. (Sinval, 30-39)

Tabela 7 - Como foram os 9 meses

Categorias/Faixa etária	20 à 29	30 à 39	40 à 50	Total
Tranquilo	3	3	1	7
Acompanhava as consultas médicas	1	1	2	4
Apenas o final da gravidez foi mais complicado	1	1	1	3
Ficou sempre próximo a companheira	0	2	0	2
Ansioso para o filho nascer	1	1	0	2
Preparação para chegada do filho	0	1	1	2
Muito bom	0	1	0	1
Passou a valorizar mais a mulher	0	1	0	1
Sentia o bebê na barriga	0	1	0	1
Começou a investir na gravidez apenas depois do 4º mês	0	1	0	1
Despreocupou apenas depois do quarto mês	1	0	0	1
Cuidaram para o bem estar da criança	1	0	0	1
Distante da companheira	1	0	0	1
Fez raiva e estressou a companheira	1	0	0	1
Total de entrevistados	6	6	2	14

As respostas à pergunta “como era o relacionamento entre você e a sua companheira durante a gravidez?” foram categorizadas junto das respostas sobre as mudanças no relacionamento com a companheira, pois quase todas as respostas diziam respeito à mudanças.

Dentre os 14 entrevistados, 12 consideraram que houve mudanças no relacionamento com a companheira. As principais mudanças podem ser observadas a seguir (Tabela 8):

Tabela 8 - Mudanças no relacionamento com a companheira durante a gravidez

Categorias/Faixa etária	20 à 29	30 à 39	40 à 50	Total
Mudanças positivas	5	5	1	11
Aproximou o casal	3	3	1	7
Procurou ser cuidadoso para não magoar ou irritar a esposa/companheira	2	2	0	4
Conversavam bastante	1	2	0	3
Passou a gostar mais da esposa/companheira	0	2	0	2
Ficou mais paciente e compreensivo	0	2	0	2
Passaram a brigar menos	1	1	0	2
Mudanças negativas	3	3	1	7
Companheira ficou mais nervosa, ansiosa	3	3	0	6
Aumentaram um pouco as discussões	1	1	0	2
Companheira ficou mais preocupada	0	1	0	1
Diminuição das relações sexuais	0	0	1	1
Total de entrevistados que consideram que mudou	5	5	2	12

Como mudança positiva, metade dos entrevistados afirmou que a gravidez aproximou o casal:

Você fica assim, com uma atenção especial, a sua esposa tá... além de ser... você passa a gostar dela tipo duplamente, né... Além de você gostar dela por ela ser a pessoa que tá do seu lado, você passa a gostar dela além de tudo porque ela tá carregando uma pessoa que é um pedaço de você... Então, muda muita coisa. Eu fiquei mais atencioso, mais preocupado... digamos, mais presente com ela. Então é aquele cotidiano normal das pessoas, você aumenta sua atenção com a pessoa. Se antes de engravidar você ligava pra pessoa umas dez vezes no dia, a partir que ela engravida você passa a ligar vinte. (Mário, 30-39)

Cada dia que passa você fica mais próximo da pessoa né. Você vê também que ela necessita um pouco mais de carinho, o corpo dela tá mudando... Então ela fica meio... Às vezes, ela olha o corpo dela no espelho e fala assim “nó, eu tô ficando gorda, tô ficando aquilo outro...”. Então você tem que ter um carinho a mais pra tentar tirar um pouquinho isso dela. (Reinaldo, 40-50)

Alguns entrevistados citaram tanto mudanças negativas como positivas no relacionamento do casal durante a gravidez, sendo que em alguns casos estas mudanças estão relacionadas. A mudança negativa citada com maior frequência, por 6 entrevistados, foi

“companheira ficou mais nervosa, ansiosa”, seguida por “aumentaram um pouco as discussões” e “companheira ficou mais preocupada” (Tabela 8). Essas alterações são atribuídas, na maioria dos casos, a aspectos “naturais” da maternidade, aos hormônios e às transformações no corpo. Isso explica que, dentre as mudanças positivas, seja encontrada a resposta “procurou ser cuidadoso para não magoar ou irritar a esposa/companheira” e “ficou mais paciente e compreensivo”, que aparecem em alguns casos como uma tentativa de evitar ou minimizar o nervosismo/ansiedade da esposa/companheira, as discussões e as preocupações:

No relacionamento com ela... é, teve aqueles... alguns dias em que ela ficava às vezes um pouco mais ansiosa, um pouco mais nervosa...né... um pouco preocupação também, né, de mulher e que vai ser mãe. Mas, pelo tempo de convívio que nós temos, que além da gente tá casado há três anos, a gente tem um relacionamento de... entorno aí já de 11 anos, então, quando ela não está no normal dela, geralmente eu consigo perceber... E aí eu procuro não fazer nada que possa deixá-la ainda mais nervosa assim (...) Às vezes ela me pedia pra fazer alguma coisa e as... e eu não conseguia fazer... é, até mesmo pelo compromisso com o trabalho. Ou então ela queria que eu fizesse num dia, e aí eu fazia no dia seguinte... Sim, mas, é, ela... as expectativas que eram criadas sobre o meu comportamento, mas que nem sempre eu podia corresponder, né, de acordo com a minha realidade. (André, 30-39)

Ah, isso foi algo assim, vamos dizer como uma montanha russa... Tinha altos e baixos, por causa da mudança hormonal, né... Então, tinha dias que ela tava muito mais sensível do que o normal, tinha dias que ela tava muito mais radical do que o normal... Então, cada dia eu tentava negociar para ver de que forma eu ia abordar pra ser menos agressivo, ou então ser mais cauteloso, alguma coisa do tipo. (Felipe, 20-29)

Por outro lado, em alguns casos, foi a maior proximidade do casal que permitiu que houvesse uma maior compreensão e paciência por parte do entrevistado:

Muito bom também, não tinha nada a reclamar não. Tinha as discussão, tinha sim, mas não eram mais igual eram antes. Ela tinha mais discussão, agora, depois que ela engravidou, acabou aproximando a gente mais, deixando a gente mais paciente. Mais eu. Aí tem que ver o lado dela, né... Passa chuva, passa sol, aquele barrigão e o tempo não passa pra o nenê nascer, a pessoa só vai pesando mais. Aquilo incomoda até pra dormir e tudo e tal. Eu entendo o lado dela que às vezes ficava meio... talvez mais um pouco sem paciência... (Sinval, 30-39)

Dentre as mudanças negativas mais frequentes não foram encontradas respostas dos pais de pais de 40 a 50 e apenas um deles citou como aspecto negativo a “diminuição das relações sexuais”:

Ah, bom... não mudou assim em termos afetivos e tal, essas coisas assim, num mudou nada, né. Entre mim e ela não mudou nada em termos, nesses termos... Agora, na parte... sexual mesmo... é... eu já fiquei assim um pouco... com o pé atrás, sabe... Tipo assim, com medo de... de isso ocasionar algum problema... ao feto, alguma coisa assim. Então assim, diminuiu bastante mesmo a intensidade, né, a frequência, né, exatamente por isso. Mesmo o médico falando que não tinha problema né, a gente

ficava meio assim... Sei lá, aquele grilo né... tipo assim, pô, meu filho tá ali dentro... (risos). (Rogério, 40-50)

Em relação ao lazer, 12 pais consideraram que houve mudanças durante a gravidez (Tabela 9). Todos esses consideraram que o lazer diminuiu e, um deles, com idade entre 20 e 29, considerou que mudaram os lugares que ele e a companheira passaram a frequentar (ambientes mais familiares).

Tabela 9 - Mudanças no lazer durante a gravidez

Categorias/Faixa etária	20 à 29	30 à 39	40 à 50	Total
Reduziu	5	5	2	12
Mudaram os lugares	1	0	0	1
Total de entrevistados que consideram que mudou	5	5	2	12

Alguns fizeram uma diferenciação entre o lazer individual e o lazer do casal, sendo que o primeiro reduziu e o segundo não e houve também aqueles pais que, apesar do lazer ter reduzido, não sentiram muita diferença, pois já não eram de sair mesmo:

Bom, não mudou nada. Não mudou nada, a gente não deixou de fazer nada, né. Eu me privei um pouco mais, eu fiquei mais próximo. Eu deixei de fazer algumas coisas que eu fazia antes, assim, com mais frequência, né, até com... é, futebol, eu jogava três vezes por semana, né, basicamente isso. Aí, eu reduzi, né, aí os meus horários eu troquei, aí eu jogo às vezes no domingo de manhã, né, com meus amigos, aí eu fui fazer academia, na academia, antes de ir pro trabalho, né. (Manuel, 30-39)

A gente saía sim, não saía assim igual a gente saía, mas a gente saía... igual ela que, depois da gravidez mesmo, a gente não sai igual saía durante a gravidez né, mas a gente saía, de vez em quando, a gente saía. Eu mesmo não sou muito de sair né... sou mais caseiro. E tanto eu como ela também. (Wilson, 20-29)

No que se refere ao relacionamento com os amigos, 11 pais afirmaram ter ocorrido mudanças durante a gravidez (Tabela 10).

Tabela 10 - Mudanças no relacionamento com amigos durante a gravidez

Categorias/Faixa etária	20 à 29	30 à 39	40 à 50	Total
Mudanças positivas	1	4	2	7
Aumentaram as brincadeiras	0	1	2	3
Ficaram mais próximos e unidos	0	2	1	3
Aumentou o contato com pessoas que têm filho	1	2	0	3
Mudanças negativas	4	1	0	5
Afastou-se	4	1	0	5
Total de entrevistados que consideram que mudou	4	5	2	11

Os pais com idade entre 30 e 50 tendem a considerar mais mudanças positivas e os pais com idade entre 20 e 29 mais mudanças negativas – afastamento dos amigos – resposta dada por todos os 5 que consideraram haver mudanças negativas. Um desses considerou que o afastamento dos amigos acabou por fazer com que ele estabelecesse novas amizades com pessoas casadas e que têm filhos:

Ah, mudou demais. Questão de amigos mudou demais que antes a maioria dos meus amigos era só para andar de moto, só pra andar de carro, entendeu? Procurava a gente só pra isso, aí depois que eu já tive a minha família, que veio a nenenzinha, aí os amigos a maioria se afasta, questão de que, questão de só estar ali presente pra andar no que cê tem, espelha muito no que você tem, entendeu. Aí... pra mim tá ótimo as amizades que eu tenho hoje. São a maioria pessoas também que têm filhos, pessoas que são casadas, são bem melhores do que as que eu tinha antes. (Talles, 20-29)

A resposta “aumentou o contato com pessoas que têm filho” foi citada por 3 entrevistados, bem como “aumentaram as brincadeiras” e “ficaram mais próximos e unidos”.

Aquele negócio que na hora que ficaram sabendo que era mulher, que era menina... só falaram, uns falaram que ia ser... que o filho dele ia ser... que eu ia ser sogro do filho dele, aquele negócio todo. Só isso, mas, no mais, não mudou nada não. Só brincadeiras mesmo com relação a isso do dia a dia de quem vai ter uma filha... uma filha... mulher. Ah...(risos)... que você vai...(risos)... que passou a ser... fornecedor, que fulano vai pegar a sua filha, aqueles negócio todo. Essas brincadeiras de... de quem vai ter menina mesmo. (Reinaldo, 40-50)

Isso aí teve umas mudanças interessantes, né, eu dizendo pra eles, né, que eu ia ser pai, e vários desses amigos meus são amigos de muitos anos, tinha gente que falava assim: “o quê? Océ, pai? Nunca pensei que ocê ia ser pai na vida”. E aí muita brincadeira, né... muita... muita... gozação. Muito apoio, né, lá no meu trabalho. Por exemplo, fizeram um chá de bebê, eu cheguei com o carro cheio de fralda aqui. Então... os amigos deram muito apoio nessa fase aí. Bacana. (Rogério, 40-50)

Em relação ao trabalho, também são sentidas mudanças durante a gravidez por 10 entrevistados. Estão ausentes entre esses os pais de 40 à 50 anos (Tabela 11). A principal mudança mencionada foi “ficava preocupado com a esposa durante o trabalho”, que está associada em alguns casos à mudança da rotina de trabalho para se dedicar mais à família:

Ao meu trabalho, eu acredito que... alguns dias eu tinha muito que ficar até mais tarde. Meu trabalho é um trabalho que às vezes eu tenho que ficar até mais tarde. Então, durante a gravidez, é... até um pouco tempo depois que ele nasceu, mudou um pouco eu tive que realmente impor limites ao meu trabalho, né... Eu tive que sentar, conversar, negociar pra não sair mais tarde. Como eu disse, no começo, eu a trazia em casa, mas até depois que a gente parou de andar de moto, eu fazia questão de encontrar com ela no metrô, a gente vir junto, no mesmo horário, chegar em casa juntos, passar o maior tempo possível juntos, então meu trabalho realmente ficou um pouco em segundo plano, como não pode ser diferente. (...) Mas assim... a questão de produtividade foi normal. Lógico, a preocupação de sempre que tiver uma folguinha ligar, saber como que tá, mas nada que influenciasse ou que atrapalhasse ou prejudicasse o rendimento. (Tércio, 20-29)

Tabela 11 - Mudanças no trabalho durante a gravidez

Categorias/Faixa etária	20 à 29	30 à 39	40 à 50	Total
Ficava preocupado com a esposa durante o trabalho	2	1	0	3
Mudou a rotina de trabalho para se dedicar mais à família	1	1	0	2
Responsabilidade	1	1	0	2
Passou a ter que trabalhar/trabalhar mais	1	1	0	2
Ficou mais entusiasmado/com coragem para melhorar de vida	1	1	0	2
Passou a considerar mais o filho e a esposa nas decisões profissionais	1	0	0	1
Desligava do trabalho quando saía para não influenciar a gravidez	1	0	0	1
A gravidez o fez refletir mais sobre o seu próprio trabalho	0	1	0	1
Brincadeiras dos colegas de trabalho	0	1	0	1
Total de entrevistados que consideram que mudou	6	4	0	10

Em se tratando das mudanças em relação à família de origem, a metade dos entrevistados considera que houve mudanças. Assim como em relação aos amigos (Tabela 9), os pais com mais de 30 tendem a se aproximar da família no período da gravidez e os mais jovens a se afastar, como pode ser visto nas falas a seguir e na Tabela 12:

Nossa, eu tenho 7 (irmãos), né. Cada irmão meu tem 3, 4 filhos. Então assim, minha família... foi tudo de bom. A minha sobrinha mais velha tem 6 anos..., então eles ficaram todos na expectativa, né. Toda minha casa vive cheia de gente todos os dias, meus sobrinhos, né. (...) Então assim, com a chegada do meu filho, então, e durante a gravidez eles ficaram mais próximos ainda. Eles vinham aqui na minha casa todos os dias...né, ia na minha casa, brincávamos, zoávamos lá, né. Então, assim, nos não deixamos de ter essa vivência, né, assim... diária. Agora com meu filho então eles não saem de lá. O menino fica andando de braço em braço... (risos). (Manuel, 30-39)

Durante a gravidez, como eu disse também, acho que é...entra na mesma situação da amizade, assim... é... se tem aquele laço familiar mas naquele momento o mais importante é sua esposa e seu filho, né, então eu acho que o tempo principal, você tem que se dedicar à estruturação para receber essa criança, à assistência que você dá a sua esposa, no sentido de dar carinho, dar atenção, não só a ela mas como ao neném. Então eu acho que a família se encaixa um pouco dentro dessa amizade. É lógico, a família é muito mais importante que os amigos. É que te deu a origem, que te estruturou, no caso a minha mãe e a minha irmã, mas eu acho que neste contexto ela também fica em segundo plano, o principal é a sua esposa e o seu filho. (Tércio, 20-29)

Tabela 12 - Mudanças no relacionamento com a família de origem durante a gravidez

Categorias/Faixa etária	20 à 29	30 à 39	40 à 50	Total
Se aproximaram	0	3	1	4
Se afastaram	3	0	0	3
Total de entrevistados que consideram que mudou	3	3	1	7

O único aspecto em que predominou a resposta de que não houve mudança foi em relação à religião (Tabela 13). Seis dos 14 sujeitos consideraram que ocorreram mudanças neste aspecto durante a gravidez, sendo que quase a totalidade desses consideraram que se aproximaram e prevaleceu esta resposta entre os pais de 30 à 39 anos.

Não, não mudou muito não... a gente, a gente nunca... tipo assim... Eu ia na igreja, mas nós nunca foi fiel assim de religião não, sabe. A gente vai de vez em quando... Então, tem muito tempo que a gente não vai memo, então é de vez em quando que a gente vai na igreja. A gente nunca foi fiel "assim", com religião não. (Wilson, 20-29)

Aumenta mais a fé da gente, cê procura mais a igreja, cê reza mais pra pedir mais proteção pra mãe, né, pelo menos no meu caso, pedia muito pra mãe e pro nenê nascer bem, pra correr tudo bem na gravidez. (Sinval, 30-39)

Tabela 13 - Mudanças na religião durante a gravidez

Categorias/Faixa etária	20 à 29	30 à 39	40 à 50	Total
Se aproximou	1	4	0	5
Se afastou	1	0	0	1
Total de entrevistados que consideram que mudou	2	4	0	6

Após o nascimento do filho, as mudanças continuam ocorrendo e são consideradas por quase a totalidade dos pais. Se durante a gravidez predominava uma aproximação do casal e certo cuidado por parte dos pais com a companheira, nesse momento o filho passa a concorrer com o espaço do casal. Dos 13 que consideraram haver mudanças, 8 citaram a “divisão do tempo e atenção disponível para o casal com o filho” (Tabela 14):

É... agora a gente... a gente... os assuntos agora são quase todos em relação ao filho, assim, a gente não conversa tanto ao nosso respeito, assim... de outros... ou de outros assunto, é quase só com relação ao filho. Então, mudou muito isso e, assim, quase tudo voltado... quase tudo que a gente faz é voltado para ele. Então, às vezes a gente até fica um pouco afastado assim... Ele demanda muita atenção da gente. Então... é mais ou menos isso. (Armando, 30-39)

Ainda assim, do mesmo modo que durante a gravidez, a metade dos pais considerou que “o relacionamento ficou ainda melhor/ficaram mais unidos”:

Nossa, aproximou a gente demais... mas muito mesmo. A gente se amava muito, mas, agora o que a gente sente é uma coisa muito concreta, muito firme. É igual se tivesse instaurado uma rocha no nosso relacionamento. Ficou muito forte. O que a gente já tinha certeza, agora a gente tem muito mais, que a gente vai ficar junto. (Sinval, 30-40)

Tabela 14 - Mudanças no relacionamento com a companheira após nascimento do(a) filho(a)

Categorias/Faixa etária	20 à 29	30 à 39	40 à 50	Total
Divisão do tempo e atenção disponível para o casal com o filho	4	3	1	8
O relacionamento ficou ainda melhor/ficaram mais unidos	4	2	1	7
Total de entrevistados que consideram que mudou	6	5	2	13

A mesma frequência foi encontrada em relação ao lazer, apenas um pai, na faixa de 30 à 39 considera não ter ocorrido mudanças. Entre os 13 pais, 9 afirmaram que “passou a sair menos e deixou de fazer alguma atividade de lazer” (Tabela 15). Cinco disseram que o lazer passou a ser estar com o filho. Um dos pais citou esses dois aspectos em sua resposta:

Ah, em relação ao lazer, o lazer se tornou, ela... de certa forma... à noite, a gente tenta seguir os horários, a gente tem bastante regras, pra tentar... padronizar, né, o tipo de vida dela, né... Então... a gente tenta... sempre dar um... Ela tem um certo horário pra dormir, então a gente evita sair nesses horários. Então acaba que o lazer, hoje, é só diurno. O lazer noturno, a gente, praticamente, extinguiu. São ocasiões só que a gente consegue sair à noite... Por exemplo, hoje (risos)... Já tá no horário dela dormir e a gente tá na rua (risos). Só algumas exceções que a gente abre pra poder sair, pra fazer alguma coisa na rua, e... normalmente a gente tenta seguir os horários dela.” (Felipe, 20-29)

Tabela 15 - Mudanças no lazer após nascimento do(a) filho(a)

Categorias/Faixa etária	20 à 29	30 à 39	40 à 50	Total
Passou a sair menos e deixou de fazer algumas atividades de lazer	4	3	2	9
O lazer passou a ser estar com o filho	2	2	1	5
Total de entrevistados que consideram que mudou	6	5	2	13

Em relação ao trabalho, a principal mudança parece ser o foco cada vez maior no trabalho (Tabela 16).

Tabela 16 - Mudanças no trabalho após nascimento do(a) filho(a)

Categorias/Faixa etária	20 à 29	30 à 39	40 à 50	Total
Ficou mais responsável no trabalho	3	1	0	4
Fica pensado no filho(a)/quer ir para casa vê-lo	0	1	1	2
Mudou a rotina de trabalho para se dedicar mais à família	0	1	1	2
Passou a trabalhar	1	0	0	1
Anima mais a trabalhar	1	0	0	1
Ficou mais atento ao trabalho	1	0	0	1
Mudou de emprego	0	1	0	1
Ficou preocupado por estar desempregado	0	1	0	1
O nascimento o fez refletir mais sobre o seu próprio trabalho	0	1	0	1
Pessoas no trabalho perguntam pelo filho (a)	0	0	1	1
Total de entrevistados que consideram que mudou	5	5	2	12

Se antes, durante o período da gravidez (Tabela 11) uma das mudanças mais citadas foi a preocupação com a esposa, a partir do nascimento, o trabalho, como forma de garantir o sustento do filho e, em alguns casos, o da esposa e o da casa, passa a ser a prioridade, principalmente entre os pais mais novos:

Depois do nascimento, eu acredito que... é... principalmente ter mais responsabilidade... Quando você... no caso, antes de você ter um filho, é... você não liga muito se vai ser mandado embora, lógico, isso preocupa qualquer um, mas, você não tem muito medo de pedir um aumento, de cobrar alguma coisa, se você for mandado embora, quem depende de você é sua esposa e você. (...) Só que depois que nasce uma criança, aí muda a história, cê começa a preocupar não só com você, mas é com ele. Cê não pode perder o emprego. Se você perder o emprego, você não vai conseguir comprar a lata de leite que é 25 reais a lata e ele toma três latas por semana, então não tem condição, cê começa a se preocupar. (Tércio, 20-29)

Se, por um lado, alguns pais se voltam nesse momento mais para o seu trabalho, outros parecem estar mais envolvidos com o filho recém-nascido, como pode ser percebido nas respostas dadas por 2 pais: “fica pensado no filho(a)/quer ir para casa vê-lo” e “mudou a rotina de trabalho para se dedicar mais à família”. A mudança na rotina de trabalho para se dedicar mais à família parece resultar de uma série de fatores relacionados no caso desses entrevistados: sua escolaridade e a da companheira (ambos possuem ensino superior completo), o fato de a companheira trabalhar e ter renda, maior renda familiar entre os entrevistados e as condições de trabalho mais flexíveis:

Bom, no trabalho, é mais em termos de horário mesmo. No meu trabalho, é mais em termos de horário... que... as vezes eu tenho que sair... chegar um pouco mais tarde ou sair um pouco mais cedo, por causa da escolinha. Uma meia hora, meia hora mais cedo às vezes. E às vezes assim... Tenho que levar ele no pediatra, ou em algum médico, aí... eu chego mais tarde ou não vou uma parte da manhã, mas isso é... não é sempre não. De vez em quando. Nós dois (levam o filho ao pediatra), nós dois, nós dois. Vou (ele sempre vai). Não, isso foi... isso é assim: amanhã eu tenho médico, tenho que levar o Rodrigo no médico, aí, (risos) eu aviso, não tem jeito, eu só aviso. Eu comunico que eu vou chegar mais tarde... mas nunca teve problema não. (Armando, 30-39)

É... sou autônomo... Ah, no momento eu tô... por conta dela. Hoje... até esse primeiro mês eu tô 24 h. Dei uma abdicada das minhas coisas pra ficar com ela. E isso vai ser... se Deus quiser, vai ser os 4 primeiros meses, vai ser por conta disso. Me programei para isso. Me programei pra isso. (Reinaldo, 40-50)

As mudanças no relacionamento com amigos após o nascimento do filho (Tabela 17) seguem um padrão parecido com o das mudanças nesse relacionamento durante a gravidez (Tabela 10).

Tabela 17 - Mudanças no relacionamento com amigos após nascimento do(a) filho(a)

Categorias/Faixa etária	20 à 29	30 à 39	40 à 50	Total
Se afastaram	5	2	1	8
Mudaram as amizades	2	0	0	2
Se aproximaram	0	2	0	2
Total de entrevistados que consideram que mudou	5	4	1	10

A maior parte daqueles que consideram ter se afastado dos amigos são mais novos e entre esses, 2 citam ainda a mudança de amizades:

Igual assim eu te falei, em questão de amizade, muitos distanciam, aqueles que só quer farra, aqueles que só quer gandaia, aqueles que só quer mulherada. Então pra mim, esse tipo de amizade tanto faz. Por que, pra mim, não serve. Amigo pra mim tem que ser aquele cara que tá ali, se precisou, ajuda, e tal. Agora, aquele que só tá perto d'ocê quando ocê ta com o bolso cheio de dinheiro, quando se tem carro e tem moto, pra mim não dá. Mudou praticamente todos, todos, todos, todos, todos, todos. Pessoas que eu não conversava, que eu nunca tinha conversado, hoje vem aqui em casa, bate papo comigo numa boa... E os outros que cresceram comigo, que viu eu crescendo em questão financeiramente, em questão de bens, hoje distanciam. (Talles, 20-29)

Com os amigos? É... muito raro eu converso com um, que é esse que é meu amigo, o Tonhão, meu primo também né... ou por internet, de vez em quando eu ligo pra ele, de vez em quando ele me liga, agora os outros... fiquei mais amigo da minha família, do meu pai, da minha mãe, assim também. (Fabiano, 20-29)

Já aqueles que consideram que se aproximaram se concentram na faixa de 30 à 39:

Deixa eu ver... Na verdade o meu filho ele... ele serviu assim... ele hoje é considerado como um ponto de referência, principalmente nos lugares onde eu convivo com os meus amigos... Então assim, os meus amigos se tornaram mais presentes, até mesmo por causa dele..., por ele ser alegre e descontraído como ele é, ele causa todo um envolvimento nas pessoas. Então assim, os meus amigos hoje se achegaram mais a mim por causa dele, estão sempre mais comigo... Então assim, onde eu estou, onde eu vou, hoje a primeira pergunta, se eu chego em algum lugar, antes de até mesmo me perguntar como eu estou, como é que eu fui... é por ele. "Ah, cadê o Pedro?! Como é que ele tá?" E aí depois o pessoal lembra: "e aí, como é que cê tá?" Então assim... com os meus amigos eu acho que aumentou um pouco a amizade... A gente ficou assim mais próximos um do outro, isso tudo por causa realmente do meu filho. (Mário, 30-39)

No relacionamento com a família de origem houve a mesma frequência de entrevistados que consideram mudanças após o nascimento do filho em relação às amizades nesse mesmo período (Tabela 17), ou seja, 10 dos 14 entrevistados (Tabela 18):

Tabela 18 - Mudanças no relacionamento com a família de origem após nascimento do(a) filho(a)

Categorias/Faixa etária	20 à 29	30 à 39	40 à 50	Total
Aproximou-se	3	5	0	8
Distanciou-se	1	0	1	2
Total de entrevistados que consideram que mudou	4	5	1	10

Diferentemente do momento da gravidez, no qual os pais mais velhos afirmaram ter se aproximado e os mais novos se afastado da família de origem, o nascimento do filho aproximou mais da metade dos entrevistados de suas famílias, com exceção dos pais de 40 à 50 e embora prevaleça esta resposta entre os pais com idade entre 30 e 39 (Tabela 18):

Nossa, ai ficou bom... A família de origem, meus pais, minha mãe e minha irmã, aumentou entre eles o convívio. O convívio foi algo assim que cresceu totalmente entre eu e eles, que até então a gente tinha aquela... aquela coisa de... ser família, estar presente, mas não é como é agora. Vamos colocar... por exemplo, que hoje eles têm um diferencial, um ponto pra poder ir, digamos... pra ta sempre mais presente, pra ta sempre mais junto, que é o Pedro. O meu filho hoje, ele criou essa... essa maior união entre a gente, entendeu... esse maior convívio entre a gente. Tudo graças a ele mesmo... aumentou. (Mário, 30-39)

Logo quando ele nasceu, eu acho até que... que isso ajudou muito no sentido de aproximação da Amanda com a minha família, né? A Amanda com a minha família era um relacionamento... corriqueiro... um relacionamento... né, é... Ela é minha esposa e minha família é minha família. Então, quer dizer, eles tinham que conviver, mas não tinha aquele laço, assim afetivo... E depois que o Marcelo nasceu, isso... é, estreitou. Esse laço estreitou. Então, logo quando ele nasceu, a gente já começou a ficar mais presente lá e eles aqui... minha irmã vem sempre aqui visitar, minha mãe me... ajuda, fica na parte da tarde com o Marcelo durante toda a semana pra gente trabalhar, minha sogra na parte da manhã, então, quer dizer, isso estreitou bastante os laços. (Tércio, 20-29)

Já a resposta “distanciou-se” foi mencionada por dois pais e não foi contemplada pelos pais de 30 à 39 anos.

Em relação a religião, aumentou o número daqueles que consideram que houve mudanças após o nascimento do filho (Tabela 19), se comparado com as mudanças durante gravidez (Tabela 13). O que houve foi basicamente um acréscimo de um pai entre a faixa de 20 a 29 e outro entre 40 à 50 que consideraram ter ficado mais próximos da religião a partir do nascimento do filho:

Tabela 19 - Mudanças na religião após nascimento do(a) filho(a)

Categorias/Faixa etária	20 à 29	30 à 39	40 à 50	Total
Aproximou-se	2	4	1	7
Afastou-se	1	0	0	1
Total de entrevistados que consideram que mudou	3	4	1	8

Olha, pra te falar a verdade... a gente não é muito de igreja, muito desses negócio... Então... eu acho que agora a gente tem até que ir mais... pra tentar fazer ela ir também, né, e pelo o que a gente passou também, eu acho que... A gente vê que a gente tem que tá mais perto de Deus, a gente tem que... na hora que a gente passa alguns sufocos, a gente lembra dele. Então, eu acho que gente tem que estar mais perto dele. (Reinaldo, 40-50)

3.3.Cotidiano

Este bloco abordará a paternidade em seus aspectos mais práticos, ou seja, na vivência e interação entre pai e filho(a) no dia-a-dia. Serão apresentados o tempo dedicado ao(à) filho(a), as principais atividades realizadas pelos pais, aquelas que eles mais gostam e menos gostam, a frequência com que estas atividades são realizadas e aquilo que se recusam a fazer. Também será abordado como são operacionalizados os cuidados: quem os realiza, quem faz mais e faz menos e se há alguém que auxilia o casal com os cuidados diários.

Em relação ao tempo dedicado ao filho, encontramos os seguintes resultados: a maioria dos pais passa algum tempo com o filho durante todos os dias da semana. Apenas um deles, com idade entre 30 e 39 anos, fica com o filho apenas durante o fim de semana e atribui esse fato a sua extensa jornada de trabalho. Ele afirma ainda que gostaria de passar mais tempo com o filho e que quando ele nasceu tinha uma jornada de trabalho menor, o que o possibilitava que ele cuidasse mais da criança:

É, eu só venho à noite, fico 36 horas fora, depois eu venho só à tarde, pra vim... Aí, eu venho dormir e no outro dia eu saio cedo, e final de semana eu fico o máximo que eu posso, que é sábado e domingo, eu trabalho... Quando eu não trabalho no sábado à noite, eu fico sábado de dia e de noite e domingo com ele. Mas, por enquanto o serviço influi muito pra não deixar... me deixar longe dele... [Gostaria de passar mais horas com ele?] Com certeza!!... Quando ela ganhou neném, ela tava de cesariana, quem deu banho, trocou fralda fez tudo foi eu. Quando ele nasceu, eu tava trabalhando só num emprego, depois que eu fui... que eu fui trabalhar no outro. (...) Eu ajudo, nos dias que eu tô, às vezes à noite quando eu vou dormir em casa, às vezes, eu troco ele à noite, que às vezes ela tá muito cansada também, aí eu mesmo levanto e troco ele. (Sinval, 30-39)

Para os outros 13 pais que disseram passar um tempo todo dia com o filho, foi calculado uma média do tempo que ficam com a criança de segunda à sexta e nos fins de semana. Os resultados podem ser observados na Tabela 20:

Tabela 20 - Média de horas por dia que os pais passam com os filhos

Categorias/Faixa etária	20 à 29	30 à 39	40 à 50	Total
De 4 a 7 horas por dia	2	3	1	6
Até 3 horas por dia	2	1	0	3
De 7 a 12 horas por dia	1	1	0	2
12 horas por dia	1	0	0	1
24 horas por dia	0	0	1	1
Total de entrevistados	6	5	2	13

São variadas as razões que levam os pais a passarem mais tempo com os filhos. Aqueles que afirmam passar entre 12 e 24 horas por dia com o(a) filho(a), o fazem ou devido a um planejamento prévio, como já havia sido mencionado anteriormente no que se refere às mudanças no trabalho após o nascimento do filho(a), ou por estarem desempregados:

Agora eu tô num momento... eu tô em casa agora, né, que eu tô de aviso, né, eu tô em casa. No momento, eu tô passando o dia todo com ela agora, o que... 12 horas por dia eu tô passando com ela. A mãe dela sai cedo, então eu fico o dia inteiro com ela. A maioria do tempo eu fico com ela, a maioria do tempo eu to com ela agora, nesse momento agora. (Wilson, 20-29)

Ah, no momento eu tô... por conta dela. Hoje... até esse primeiro mês eu tô 24 h. Dei uma abdicada das minhas coisas pra ficar com ela. E isso vai ser... se Deus quiser, vai ser os 4 primeiros meses, vai ser por conta disso. Me programei para isso. Me programei pra isso. (Reinaldo, 40-50)

É interessante notar o caráter provisório dessa dedicação quase exclusiva. Os dois afirmam reiteradamente que é uma questão momentânea. Apesar dessa semelhança, as duas falas têm uma conotação diferente: o primeiro parece vivenciar essa situação mais por uma necessidade, por uma contingência externa do que pela sua própria vontade. Já o segundo afirma ter se programado para isso.

Buscando compreender para quais atividades esse tempo que relataram passar com o filho é direcionado, encontramos as “atividades de lazer” (assistir DVD, brincar, cantar, dançar, passear) como as mais frequentes (Tabela 21). Todos os pais citaram este tipo de atividade, com a exceção de 1 pai da faixa etária entre 30 e 39 anos. Cabe ressaltar que este pai é um dos que passa menos tempo com a filha no decorrer da semana:

Então, durante a semana vamos colocar assim, que juntando esses períodos que eu tô em casa talvez é... acho que até uma hora chega a dar. Em torno de meia hora, uma hora. Final de semana eu procuro pegar um tempo maior, é... mas também eu tô pensando o seguinte, não é só eu que fico exclusivamente, né. Por exemplo, a gente vai almoçar ou vai fazer alguma, ou a gente tá conversando, né... nós... Ela fica lá no bebê conforto e aí ela fica ali na nossa presença e isso estaria contando também um tempo que eu estou na presença da minha filha, né, que, que eu passo ali, mesmo que minha esposa esteja junto. Ah, eu acho que daria umas 3 ou 4 horas por dia no final de semana... (André, 30-39)

Tabela 21 - Atividades que realizam com os filhos

Categorias/Faixa etária	20 à 29	30 à 39	40 à 50	Total
Atividades de lazer	6	5	2	13
Conversar	1	1	2	4
Colocar o filho (a) pra dormir	1	3	0	4
Cuidados com a alimentação	1	2	1	4
Cuidados com a higiene	1	2	1	4
Carregar	1	2	1	4
Cuidados com o bem estar	0	1	1	2
Levar e buscar na escolinha	0	1	0	1
Ajudar o filho a andar	0	1	0	1
Observar a criança	1	0	0	1
Total de entrevistados	6	6	2	14

Parte dos pais (5) cita o fato do(a) filho(a) ainda ser muito novo, o que pode indicar que ainda não sentem que tem muito a realizar com ele para além das brincadeiras:

Por enquanto, eu fico só dentro de casa ainda brincando com ela, é muito novinha ainda, né. Ai você fica mais dentro de casa mesmo, brincando com ela e tal. (Talles, 20-29)

Ah, com ele? Ah, muito pouca. Ele tem sete meses, na verdade, eu só... Eu brinco com ele na cama, mas, acho que só isso, por que... Eu saio pra pegar sol com ele, dou... não sei dar papinha, isso aí também tá incluído na... (risos), é... levo pra escola, eu também levo, busco, né. Todos os dias não... São três vezes por semana, 2 ou 3 vezes por semana eu levo e busco, levo todo dia na verdade, busco umas três vezes por semana. Na verdade eu levo ele pra escolinha, busco, brinco com ele na cama, ponho ele pra rolar e às vezes ponho ele pra dormir também, troco fralda, dou mamadeira, assim... Quando precisa, eu faço isso tudo. Papinha também, comidinha, final de semana também, é isso aí, levar para dar mamadeira, levar pra pegar sol, dou banho, essas coisas. (Armando, 30-39)

Por outro lado, 4 sujeitos citaram “conversar” como atividade realizada. Entre estes, foram encontrados 2 que conversavam no intuito de ensinar ao filho sobre o mundo e sobre o que é certo e errado:

Ah... eu ando (com ele no colo), danço, canto... (risos), faço massagem na barriguinha dele, converso com ele, ih... Bato o maior papo com ele. É... mostro as coisas... é... fico mostrando as coisas pra ele, sabe... Ah, aquilo ali é assim, funciona assim, assim e assim... aquilo ali é assim... assado... assim assado... Outro dia, por exemplo, tinha um filhote de pardal, é aqui na minha casa. Aqui tem um telhado aqui, então eles fazem muito ninho né... na beirada do telhado. Então, tinha um filhote meio perdido... outro dia na janela ali. Aí, eu peguei o filhote e tava procurando um lugar pra colocá-lo que ficasse mais fácil do... da mãe dele e do pai dele... né, socorrê-lo, né, pra comer e tal. Só que, antes de colocar no lugar, eu peguei o filhote e fui mostrar pra ele, né... Eu falei: “isso aqui, ó, é um filhote de passarinho, ocê é um filhote de gente... Então, isso aqui é assim (risos)”. Então, tipo assim... eu fico é... bom, claro que... Claro que mais é mais mesmo é uma viagem minha, né... Ele não tá entendendo mesmo, né... (risos). Mas eu fico mostrando as coisas pra ele. “Aí... aqui vai ser assim, ó, depois quando você crescer, papai vai te dar uma bicicleta, você vai andar de bicicleta com o papai, num sei o que, nós vamos fazer isso, vamos fazer aquilo...” Sabe, falo essas coisas com ele. (Rogério, 40-50)

Eu já tento passar pra ele o certo, sempre converso com ele. Quando eu tenho que pedir ele as coisas, eu não falo... “ô, menino, não faz isso...” Eu falo: “Pedro... por favor não faça...” Entendeu? Para ele já ir, como se diz..., pra ele ir crescendo naquela rotina assim do que é o certo e do que não é. (Mário, 30-39)

Também são citados por 4 pais: “colocar o filho para dormir”, “cuidados com a alimentação” (dar comida ou mamadeira), “cuidados com a higiene” (dar banho, trocar a fralda) e “carregar”.

Algumas perguntas do roteiro foram reagrupadas no momento da categorização do material, pois geraram respostas similares, por vezes até repetidas pelo mesmo sujeito. Foi o caso das perguntas “Quais mais gosta de realizar e com qual frequência as realiza?” e “O que gosta mais de fazer” que se referem a cuidados com o filho. Nesta última questão não era perguntada a frequência. Isto fez com que, nessa categoria, algumas das respostas ficassem sem essa informação. É importante mencionar que algumas respostas aparecem mais ou exclusivamente na pergunta relativa a atividades gerais (atividades de lazer, contato, fazer o filho sorrir, conversar e observar) e outras na pergunta sobre cuidados (cuidados com a higiene, cuidados com alimentação, fazer a filha dormir, tudo e lavar a roupa do filho), o que pode ser percebido pelo número de respostas sem informação de frequência (Tabela 22):

Tabela 22 - Atividades que mais gostam de realizar com o(a) filho(a)

Categorias/Faixa etária	20 à 29	30 à 39	40 à 50	Total
Atividades de lazer (assistir desenho, DVD, brincar, passear)	5	4	0	9
Sempre	3	2	0	5
Frequentemente	2	2	0	4
Cuidados com a higiene (dar banho, trocar a fralda, trocar a roupa)	2	5	0	7
Sem informação	2	5	0	6
Frequentemente	0	1	0	1
Contato (abraçar, apertar a bochecha, pegar no colo, tocar)	1	3	1	5
Sempre	1	2	1	4
Frequentemente	0	1	0	1
Fazer o filho sorrir	0	4	0	4
Sempre	0	3	0	3
Frequentemente	0	1	0	1
Cuidados com a alimentação (dar comida, mamadeira)	1	1	1	3
Sem informação	1	1	1	3
Conversar	1	1	0	2
Sempre	1	1	0	2
Fazer a filha dormir	1	0	1	2
Sem informação	1	0	1	2
Tudo	0	1	1	2
Sem informação	0	1	1	2
Observar	1	0	0	1
Sempre	1	0	0	1
Lavar a roupa do filho	0	1	0	1
Sem informação	0	1	0	1
Total de entrevistados	6	6	2	14

Assim como no item anterior, foi encontrado como resposta mais frequente para as atividades preferidas as “atividades de lazer”, citada por 9 pais, sendo que a maioria afirma realizar essas atividades “sempre”. O “contato”, citado por 5 pais, em alguns casos, também está presente na resposta dada por esses pais, que afirmam em sua maioria realizá-lo “sempre”:

Com ele? Estar juntinho com ele, abraçado, brincando, fazendo ele sorrir, acho que o melhor momento que eu tenho é assim de tá sempre próximo dele. O tempo todo, no colo, o momento que eu tenho, assim, o espaço que eu tenho com ele do dia, né... Igual eu te falei, eu trabalho de segunda à sexta. Então, sábado e domingo eu tiro o dia por conta dele, tá sempre perto da esposa, perto do filho, sabe. Então, assim, o tempo que eu tenho, de folga em casa é o tempo que eu tenho o tempo todo com ele. Quando ele não tá no colo, ele tá no berço ali ou então ele tá aqui na cama brincando comigo, uma hora nós estamos deitados no colchãozinho ali de frente à televisão assistindo desenho, brincando. Então eu brinco o tempo todo com ele. (Sebastião, 30-39)

Os cuidados com a higiene também aparecem com frequência e foram citados por 7 pais. Cabe mencionar que essa foi a única atividade na qual houve uma significativa influência do sexo da criança: dentre os 7 pais que deram essa resposta, 6 tem filhos e apenas 1 é pai de uma menina. Há também um predomínio dessa resposta entre os pais de 30 a 39 anos:

Que eu mais gosto... é... deixa eu pensar aqui, acho que é dar banho. Ele se diverte, assim, ele adora tomar banho. Mas acho que é só final de semana, ele já toma banho na escolinha. Acho que é dar banho nele. (Armando, 30-39)

Também foram agrupadas as perguntas “Quais (atividades) menos gosta de realizar”, “com qual frequência as realiza?” e “O que não gosta?”. As atividades que menos gostam de realizar são, em primeiro lugar, aquelas relativas aos cuidados com a higiene, citadas por 8 sujeitos (Tabela 23).

Tabela 23 - Atividades que menos gostam de realizar com o(a) filho(a)

Categorias/Faixa etária	20 à 29	30 à 39	40 à 50	Total
Cuidados com a higiene (dar banho, trocar fralda)	4	2	2	8
Sem informação	3	2	2	3
Quase nunca	1	0	1	2
Raramente	2	0	0	2
Sempre	1	0	0	1
Nada	2	4	0	6
Fazer dormir	1	2	0	3
Frequentemente	0	1	0	1
Raramente	1	0	0	1
Sempre	0	1	0	1
Cuidados com a alimentação (dar comida)	1	0	0	1
Sem informação	1	0	0	1
Cuidados com o bem estar (fazer massagem)	0	0	1	1
Sempre	0	0	1	1
Lavar a roupa da filha	0	0	1	1
Sem informação	0	0	1	1
Total de entrevistados	6	6	2	14

É interessante notar que os cuidados com a higiene foram os segundos mais citados entre as atividades que mais gostam e o primeiro entre as que menos gostam. Isso é explicável pelo fato de terem sido agrupadas nessa categoria dar banho, trocar fralda, trocar roupa. Dentre aqueles que mencionam essas atividades, 6 afirmam gostar de dar banho, 3 de trocar a roupa e 3 de trocar a fralda. Mesmo assim, entre esses, existem aqueles que dizem gostar de trocar fralda por ser uma das poucas atividades que realizam com o filho:

De trocá ele, uai. É... basicamente a única coisa que eu faço agora. É só isso... (Sinval, 30-39)

Por outro lado, quando mencionam as atividades que menos gostam de realizar, 6 falam de trocar as fraldas e 3 de dar banho. Outro fator relevante é que alguns dos que mencionam gostar de trocar fralda, dizem que não há nada que não gostem de fazer pelo filho. “Nada” foi a segunda resposta mais mencionada (6 dos 14), sendo que é predominante entre os pais de 30 a 39 anos:

Qualquer coisa que eu puder fazer, eu faço, ainda mais que é pro meu filho. Faço de tudo, troco, dou banho, dou mamadeira, ponho roupinha, lavo roupinha também. Nós faz de tudo aqui, nós num... Pra mim, não tem nada que eu não gosto de fazer não. (Sebastião, 30-39)

A resposta “nada” pode ter dois significados: alguns dizem que não há nada que não gostem de fazer, pois, a maioria das atividades já fica a cargo da companheira e, assim, eles não precisam realizar nenhuma atividade considerada “desagradável”. Por outro lado, existem aqueles pais que participam da maioria dos cuidados e não há nada que realmente os desagrade:

Não, até que no momento não [a companheira realiza todas as atividades de cuidado]. (Talles, 20-29)

Menos... que eu menos gosto de realizar? Ah, eu acho que não tem o que eu não gosto de realizar não, a maioria dessas coisas eu gosto de realizar com ela. (Wilson, 20-29)

Cabe ressaltar que aquelas atividades que menos gostam são realizadas com menor frequência do que as atividades que mais gostam, como pode ser observado nas Tabelas 22 e 23. Enquanto que nas atividades que mais gostam é mais comum a resposta “sempre” e “frequentemente”, nas atividades que menos gostam aparece “quase nunca” e “raramente” para os cuidados com a higiene e fazer dormir, atividades que são, na maioria das vezes, delegadas à companheira, principalmente pelos pais com idade entre 20 e 29 anos:

Colocar ela pra dormir (risos)... Isso é bem difícil. Normalmente é só minha esposa que faz. Se eu fiz, acho que duas ou três vezes foi muito. O máximo que eu faço é carregar ela pra cama... pro berço, né. Às vezes, ela dorme no colo da minha esposa. Aí, eu pego e coloco ela no berço. Agora, fazer ela dormir mesmo, difícil, hein... (Felipe, 20-29)

Trocar fralda... (risos). Troco, mas não gosto não. Ah, uma vez no mês, mais ou menos... (Wesley, 20-29)

Trocar fralda. Fralda de cocô (risos). Primeiro, ela não fica quieta, né, e cocô é foda... Cocô ninguém agüenta... Aí, tem sempre, é lógico que eu troco, né, mais sempre que dá pra Cláudia trocar, eu peço pra Cláudia trocar. (...) Maioria das vezes a Cláudia é que troca e dá o banho. Banho eu nunca dei, acho que uma vez só. Eu sei fazer, mas eu prefiro que a Cláudia faça. Eu prefiro que ela faça. Não sei por quê. Não sei se ela tem mais habilidade. Não sei. (Fabiano, 20-29)

Ao serem questionados se há alguma coisa que se recusam a fazer, quase todos os pais (12) disseram que não há nada. Não foi obtida resposta para essa pergunta de um pai de 20 a 29, pois o mesmo afirmou que todos os cuidados são realizados pela companheira e apenas um pai da mesma faixa informou que se recusa a dar mamadeira:

Eu não gosto de dar mamadeira de jeito nenhum, fico com medo de sufocar, algumas coisas assim, né. Isso aí eu me recuso. (Wesley, 20-29)

A maioria dos casais não tem nem empregada nem babá (Tabela 24):

Não, baba é nós memo... (risos). (Sebastião, 30-39)

Tabela 24 - Tem empregada/babá

Categorias/Faixa etária	20 à 29	30 à 39	40 à 50	Total
Não	4	4	0	8
Tem apenas empregada ou faxineira	1	1	2	4
Família ajuda	1	1	0	2
Total de entrevistados	6	6	2	14

Apenas 4 deles afirmaram ter empregada/faxineira, sendo predominante essa resposta entre os pais de 40 à 50. Também existem aqueles que recebem ajuda de familiares (irmã, mãe, sogra) e as consideram como se fossem as babás dos filhos:

Não, a minha irmã que... empregada não. Tem a minha irmã que toma conta dele, né... como se fosse babá. Dia todo. Ela que, na verdade, que fica com ele a maior parte do dia. Ela pega ele por volta de 8, 8:30, né, e eu pego ele 17h, por aí. (Mário, 30-39)

Não, nós temos é... pessoas que nos ajudam que, no caso, é minha sogra e a minha mãe. Que elas ficam... seriam na verdade as babás, mas aí já no papel de avós, né. Que, graças a Deus por isso, então a minha sogra fica na parte da manhã e a minha mãe na parte da tarde. (Tércio, 20-29)

Em relação à divisão dos cuidados com a criança (Tabela 25), não foi possível identificar exatamente quem faz o que, já que, em alguns casos, foi dito pelos pais que “a companheira é quem cuida” e nos casos em que “os dois é que cuidam” ou “quando estão em casa os dois cuidam”, nem sempre as tarefas são definidas para um ou para o outro. Os dois

costumam fazer as mesmas coisas, revezando. Optou-se por categorizar o mesmo sujeito em uma dessas ultimas categorias e na primeira ao mesmo tempo em 3 casos: um deles trabalha fora e a esposa fica em casa cuidando do filho. Nesse momento ela é a responsável pelos cuidados, quando ele chega, eles dividem. Já os outros dividem as atividades com a companheira. No entanto, existem atividades que normalmente só ela faz, como lavar a roupa, preparar a roupa, dar banho e preparar a comida do filho:

A gente reveza. Quem tá mais próximo é que faz, né. Nós dois, né. Se a gente vai dar banho, um tá preparando a roupa, o outro tá cuidando... tá preparando a água, né. Aí, um da banho, o outro pega e vai secar e o outro pega e veste a roupa, né, então, assim... (Manuel, 30-39)

Ah, deixo mais por conta da mãe em termos de lavar a roupa, preparar a roupa dela, é... o banho, deixo mais pra ela também. As outras coisas a gente faz junto, cada hora um faz... Durante a noite a gente faz um revezamento... um levanta, troca, dá mamadeira. (Reinaldo, 40-50)

A minha irmã pega ele lá em casa, mas a responsabilidade com ela mesma, dela mesmo é... olhar ele e dar os alimentos na hora certa e trocar fralda. A comida a gente já manda pra ele, não é ela que faz... Então, a gente já manda a comida... A Ju, minha esposa, ela que faz a comida dele que ele já vai almoçar, que ele já vai jantar, a mamadeira dele já é mandada, já tem um medidor que carrega a quantidade certa de cada mamadeira... Já tem os horários programados, já tem as fraldas, na verdade, o serviço principal da minha irmã é... dar banho, trocar uma fralda e dar a alimentação. (...) Então geralmente quando ele chega em casa a gente tem todo algo a fazer. Então geralmente é... eu fico tomando conta dele, enquanto a Ju vai fazer algo, preparar os ali... a janta, alguma coisa assim. Geralmente ele toma banho comigo, enquanto ela tá arrumando as coisas, e nesse meio tempo, às vezes a gente reveza muito. Às vezes, ele... ele... grita por ela querendo ir com ela, aí ela pega ele um pouco, aí eu vou fazer o que tem que fazer no fogão, vou olhar o que tem que olhar e, quando vai ficando mais tarde, ele mama... e dorme normal... (Mário, 30-39)

A tabela a seguir apresenta quem realiza os cuidados com o filho(a):

Tabela 25 - Quem realiza os cuidados com o(a) filho(a)

Categorias/Faixa etária	20 à 29	30 à 39	40 à 50	Total
Companheira cuida	3	4	2	9
Os dois cuidam	1	3	1	5
Ele ajuda	1	2	1	4
Quando estão em casa os dois cuidam	1	1	0	2
Ele cuida	1	1	0	2
Família cuida	1	1	0	2
Empregada ajuda	0	1	0	1
Família ajuda	0	1	0	1
Total de entrevistados	6	6	2	14

Quando perguntados quem faz mais ou faz menos, 11 deles disseram que a esposa realiza mais atividades do que eles (Tabela 26).

Com certeza ela faz mais. Por exemplo, agora eu tô aqui e ela tá... cuidando dela. Provavelmente, ela deve tá mamando. Ah, ela cuida o dia inteiro, né. Minha esposa, ela fica em casa hoje. Ela tem a possibilidade de trabalhar em casa, então, ela fica em casa com a minha filha... Quando ela dorme, ela tenta trabalhar um pouquinho... Aí, quando ela acorda, ela para, vai cuidar dela, em geral, é ela que cuida. (Felipe, 20-29)

Na verdade acho que a gente faz... nós dois fazemos tudo, mas ela que faz a comida dele, as papinhas ela que faz, ela que cuida da roupa, que passa a roupa, assim, trocar a fralda, trocar a roupa, dar banho, banho até a gente da junto também, é legal que ele se diverte e aí a gente se diverte também...(risos) (Armando, 30-39)

Tabela 26 - Quem faz mais

Categorias/Faixa etária	20 à 29	30 à 39	40 à 50	Total
Ela faz mais	4	5	2	11
Ele faz mais	1	1	0	2
Outros fazem mais (a sogra)	1	0	0	1
Total de entrevistados	6	6	2	14

Entre os que afirmaram fazer mais que a companheira, está Wilson, que disse passar 12 horas por dia com a filha e cuidar dela enquanto a mãe vai trabalhar (Tabela 20):

No momento tá sendo eu, né, a mãe dela tá trabalhando e eu tô em casa... No momento tá sendo eu mesmo. Eu faço mais atividade assim com ela. Eu que faço mais né... No momento, pra mãe dela ir trabalhar. A mãe dela chega tarde. (Wilson, 20-29)

Também Sebastião afirmou fazer mais que a companheira:

Muitas vezes, a Maria dá banho nele, muitas vezes é eu. Mas é eu que troco fralda dele. Agora, à noite é mais eu, que Maria tá cansadinha, igual... Ela trabalha o dia todo em pé, né, e eu também, mas eu tenho mais pique, sabe... Eu por ser homem, então acho que homem é mais resistente um pouco, então, à noite, eu olho ele mais lá. Talvez ele respunga um pouquinho lá no berço, eu já corro lá e olho. Talvez ele pode tá coberto, né, não sabe... Então, eu fico sempre atento, qualquer cochilo, qualquer chorinho ou respungo dele, eu corro lá e olho... À noite, talvez eu acordo muitas vezes, é três, quatro vezes à noite, vou lá, olho se ele tá coberto, se ele tá sentindo frio, se ele tá descoberto, né, porque esfria muito. Então, eu vou lá, cubro ele, ponho o biquinho na boquinha dele, sempre tô atento com ele. (Sebastião, 30-39)

Existem algumas semelhanças entre esses dois pais: ambos estudaram até o ensino fundamental e possuem as menores rendas próprias entre os entrevistados.

3.4. Avaliação

Neste bloco apresentaremos as autoavaliações paternas, a avaliação dos entrevistados em relação ao seu próprio pai, qual consideram ser a importância de um filho(a) na vida de um homem, os principais aspectos positivos e negativos da paternidade, a influência da idade nesses aspectos e a percepção das pessoas em geral e da companheira/esposa sobre os entrevistados como pai.

Grande parte dos pais (10) se considera um bom pai. As razões que mencionam para justificar essa avaliação variam bastante e são em grande parte pessoais, como pode ser observado na Tabela 27. Apenas 4 respostas coincidiram entre 2 sujeitos. São elas: “dá amor e carinho”, “participa da vida do filho”, “cuida” e “age conforme aquilo que acredita ser um bom pai”. Estas três primeiras respostas estão presentes dentre as respostas mais citadas do que eles consideram ser um bom pai (Tabela 4) e a última também encontra-se nessa direção, na medida em que enfatiza que agem conforme aquilo que consideram ser um bom pai. Já a resposta “saber educar/criar/orientar”, mais citada dentre as considerações do que é ser um bom pai, na autoavaliação não é citada entre as mais frequentes, sendo mencionado “dá educação” por apenas um pai com idade entre 20 e 29 e “tenta criar bem o filho” por outro com idade entre 30 e 39. As demais respostas foram dadas por apenas 1 sujeito, sendo a maioria por pais com a idade entre 20 e 29 anos:

Tabela 27 - Autoavaliação (se considera bom pai?) e justificativas

Categorias/Faixa etária	20 à 29	30 à 39	40 à 50	Total
Sim	4	4	2	10
Dá amor, carinho	1	1	0	2
Participa da vida do filho	1	1	0	2
Cuida	0	1	1	2
Age conforme aquilo que acredita ser um bom pai	1	0	1	2
Referência de pessoa trabalhadora e honesta	1	0	0	1
Atencioso tanto com a filha como com a esposa	1	0	0	1
Dá educação	1	0	0	1
Respeita	1	0	0	1
Tem paciência	1	0	0	1
Brinca com o filho	0	1	0	1
O filho gosta de ficar com ele	0	1	0	1
Mais ou menos/tenta ser bom pai	2	2	0	4
Ausente	2	0	0	2
Relação pai e filho recente	0	2	0	2
Ainda precisa aprender	1	1	0	2
Falta tempo	1	1	0	2
Ajudar	0	1	0	1
Tenta conciliar o tempo com o filho e no trabalho	0	1	0	1
Tenta não transferir tanta responsabilidade para a esposa	0	1	0	1
Tenta criar bem o filho	0	1	0	1
Tenta fazer com que o filho seja saudável	0	1	0	1
Tenta provê-lo de tudo que for necessário	0	1	0	1
Considera ser um bom pai mas gostaria de ser ainda melhor	0	1	0	1
Não consegue acompanhar as mudanças da filha	1	0	0	1
Total de entrevistados	6	6	2	14

Quatro pais afirmaram que são “mais ou menos/tenta(m) ser bom(s) pai(s)”. Na faixa de 20 a 29, dois atribuem essa avaliação ao fato de serem “ausentes” e, entre 30 e 39, o mesmo número de sujeitos considera que a “relação pai e filho ainda é recente”:

Eu sou muito auto-crítico. Então, acho que fico muito tempo fora, sou muito ausente e, quando eu chego em casa, sempre chego muito cansado, então, eu tento... dentro de... uma hora e meia, duas horas, tentar ficar um pouco com ela, mas é difícil. Dado isso eu acho que sou assim, de médio pra baixo. De médio a ruim (...) Acho que... eu ignoro muita coisa, não conheço muita coisa, não sei muita coisa. Não a conheço, é... Então, eu acho que, cada dia que passa, ela vai modificando, então, como eu fico o tempo... muito tempo fora... às vezes, eu chego, a... cada dia que eu chego, ela... é uma pessoa diferente né. (Felipe, 20-29)

Um pai de cada uma dessas faixas considera que “ainda precisa aprender” a ser pai e também que “falta tempo”, como pode ser visto na fala acima. Dentre aqueles que consideram “mais ou menos/tenta ser bom pai”, houve um predomínio das respostas individuais entre os pais de 30 a 39 anos.

Em relação à memória dos entrevistados sobre como eram seus pais durante a infância, houve uma enorme gama de respostas. As respostas mais frequentes, citadas por 6 sujeitos, foram “ausente/distante”, sendo esta resposta predominante entre os pais mais velhos (de 30 a 50 anos), e “bom pai”, predominante entre os pais mais jovens, como pode ser observado na Tabela 28:

Tabela 28 - Como era o seu pai

Categorias/Faixa etária	20 à 29	30 à 39	40 à 50	Total
Ausente, distante	1	3	2	6
Bom pai	4	2	0	6
Pouco esclarecido	3	0	0	3
Educava, ensinava	0	2	1	3
Agressivo	2	1	0	3
Bebia muito	2	0	0	2
Presente	0	2	0	2
Provedor	1	1	0	2
Reservado	1	1	0	2
Um homem bom, de caráter	1	1	0	2
Amigo	1	1	0	2
Trabalhador	0	1	1	2
Nunca bateu	0	1	1	2
Ótimo pai	0	1	0	1
Brincava com ele	0	1	0	1
Participava da vida dos filhos	0	1	0	1
Tinha outra família	0	1	0	1
Não atendia as necessidades do filho	0	1	0	1
Não era amigo	0	1	0	1
Não era um bom exemplo	0	1	0	1
Não assumia os cuidados com os filhos	0	1	0	1
Não violento	1	0	0	1
Não respeitava	1	0	0	1
Não incentivava os estudos	1	0	0	1
Muito rigoroso	1	0	0	1
Carinhoso	0	0	1	1
Preocupado com a educação	0	0	1	1
Total de entrevistados	6	6	2	14

Meu pai era ausente. Eu perdi meu pai quando eu tinha 18 anos... 16 anos... 17 anos e 11 meses, né. Meu pai era um homem bom, trabalhador, né, mas, não tinha um vínculo familiar muito afimco não, né. Então, quando eu tinha 5 anos de idade, meu pai saiu de casa com, pra morar com outra família, né. Então, daí pra cá, as coisas, é... eu guardo a lembrança dele boa, né, ele nunca foi ruim par mim, né, ele sempre foi aquele pai que, sempre quando ele quis tá, era presente. Mas eu tive muito problema com a perda do meu pai, eu era muito apegado a ele. Então, dos 3 até os meus 7 anos, eu tive problema psicológico, acompanhamento psicológico, né. Não conseguia me concentrar direito, pela presença, ausência do pai... né. Então, até meus 10 anos de idade, eu tive dificuldade em quase tudo na minha vida por causa de relacionamento com o pai. Era um contato esporadicamente, mas ele não era um pai presente, né. Eu era uma criança muito ligada ao pai, mas eu não tinha a presença dele. Eu sabia que ele existia, mas eu também não tinha aquele contato com ele. Então, eu ficava sempre à espera dele, né, que ele voltasse pra casa, que ele, no final do dia, né, chegasse. Então, assim, sempre ficava com pensamento ligado ao pai mesmo. Era raro a presença dele quando separou, né... Então, acho que era isso o dificultador, né. (Manuel, 30-39)

Ele, meu pai, era bom, é bom, né... Só que ele é meio ignorante. (Wesley, 20-29)

Todos os pais que consideraram ter um bom pai demonstraram uma certa ambivalência, uma vez que consideraram também características negativas dos seus pais, como “ignorância”, “ausência/distância”, “agressividade”, “não respeitava”, “bebia muito”, “reservado”, “tinha outra família”, “não incentivava os estudos” e era “muito rigoroso” em oposição às considerações positivas. Essa ambivalência também pôde ser percebida através do modo como se expressaram (tonalidade, expressões corporais, hesitações).

Em relação à importância de um filho(a) na vida de um homem, 12 dos entrevistados afirmou que ter um filho é importante, pois “muda a vida da pessoa” (Tabela 29).

Tabela 29 - Importância de um filho(a) na vida de um homem

Categorias/Faixa etária	20 à 29	30 à 39	40 à 50	Total
Muda a vida da pessoa	5	5	2	12
Tudo	1	2	0	3
Realização de um projeto de vida do casal	0	2	0	2
Continuação da vida	1	0	1	2
Ampliar a família	0	1	0	1
Ter alguém para cuidar de você quando for velho	0	1	0	1
Ter filho não é uma coisa importante para todos	0	1	0	1
Colocar em prática o aprendizado ao longo do tempo	0	1	0	1
Fazer pelo filho o que não foi feito pelo pai dele	0	1	0	1
Dar e receber amor	1	0	0	1
Tem importância, mas não sabe dizer qual é	1	0	0	1
Total de entrevistados	6	6	2	14

Dentre essas mudanças, foram citadas: a prioridade passa a ser o filho, amadurecimento, responsabilidade/compromisso, novos aprendizados, mais confiança e incentivo pra lutar por uma vida melhor, precisa ter mais amor, carinho, compreensão e diálogo e muda os pensamentos. A resposta “tudo” vem logo em seguida, sendo mencionada por 3 sujeitos. Boa parte dessas respostas pode ser encontrada na fala de um dos entrevistados:

A importância dum filho na vida dum homem...? Eu acho que é... nossa mãe, é tudo... Eu acho que um filho, na vida de uma pessoa,... ele... totalmente ele... ele... tudo o que pode acontecer... Como eu te falei anteriormente, muda tudo na sua vida... A... Uma criança eu acredito que ela vem pra poder estabelecer responsabilidade, estabelecer compromisso... você entendeu? Embora a gente tá cansado de ver por aí pessoas que não pensam dessa forma... Até quando você não tem um filho... você pensa pra você, você trabalha pra você, você vive a sua vida... A partir do momento que você tem um filho, tudo muda, a sua responsabilidade aumenta, o seu compromisso aumenta, se você vai comprar uma roupa, você pensa se você... se seu filho não tá precisando primeiro, que aí já não tem aquele pensamento igual tinha antigamente. (...) O seu trabalho hoje gira em torno do seu filho. Você já sai de casa pensando “eu tenho que trabalhar por causa do meu filho. Pra dar para ele tudo do bom e do

melhor...” Então assim, um filho, ele veio pra trazer compromisso, responsabilidade, e... pra mudar realmente. Meu filho é minha vida, hoje... meu mundo gira em volta dele. Então o bem estar dele hoje é o meu sentido de vida. Não adianta eu querer estar bem e meu filho não estar... eu posso tá... como se diz... pronto pra fazer o que for, pra sair pra onde for, pra qualquer tipo de evento, mas se ele não estiver bem, acabou... Num adianta eu sair sabendo que ele não tá bem. Então, ele pra mim é isso, ele é... significa tudo... ele é a mudança que, às vezes a gente precisa mesmo pra gente aprender a ter responsabilidade e aprender ter confiança e compromisso com as coisas. Muito bom. Confiança assim... às vezes, eu, particularmente, eu quando eu fiquei sabendo que ia ser pai eu tava muito inseguro... Eu num... tinha medo de... de poder... tinha dúvidas sem saber se eu ia conseguir dar pro meu filho o que ele tem hoje... se eu ia poder sempre dar ele do bom e do melhor, mas com o tempo isso foi amadurecendo, isso foi amadurecendo e eu falei... “não, na hora, quando ele tiver aí a gente vai saber”. A gente cria uma expectativa com medo de não conseguir. Acho que a gente tenta, a gente já tem assim a vontade louca de dar pra aquela criança tudo, que a gente causa um certo medo de poder achar que a gente não vai conseguir. Mas aí quando acontece, quando a criança vem, a gente vê que as coisas não é igual era, que a gente às vezes fantasiou o mundo... e não era um mundo tão grande assim... E hoje eu vejo, ele lá tem tudo, graças a Deus, do bom e do melhor, não falta pra ele nada. Então, eu tenho pra ele hoje esse tipo de confiança. Eu sei que ele me incentiva, ele me dá força pra continuar, digamos, lutando sempre pelo melhor, tanto pra mim quanto pra ele e, assim, hoje ele é um incentivo que eu tenho, pra poder... é... lutar, cada dia mais por uma vida melhor pra gente, pra gente poder conseguir mais coisa, pra gente poder viver bem. É isso que eu penso. (Mário, 30-39)

Foi citado ainda por 2 pais de 30 a 40 a “realização de um projeto de vida do casal” e por um de cada uma das outras faixas “continuação da vida”.

Dentre as mudanças citadas, no que se refere à importância de um filho na vida de um homem, “responsabilidade” e “amadurecimento” foram mencionadas por 5 e 3 pais, respectivamente e também como principais aspectos positivos da paternidade (Tabela 30). A “sensação de que o filho é uma continuidade” aparece novamente citada pelo mesmo número de sujeitos e da mesma faixa etária do item anterior.

Positivos? Hum... A sensação de responsabilidade... né... de tá criando uma pessoa para o mundo, né, de fazer isso bem feito... Deixar a pessoa com o mínimo de preparo pra enfrentar o mundo, que nós sabemos que não é mole aí fora, né... Então... tipo assim, eu sinto uma grande responsabilidade nas minhas costas, de prepará-lo pra ele enfrentar o mundo, sabe. É claro... às vezes, eu falo assim, parece que lá fora é uma guerra. (risos) Mas não é bem assim não. Claro que ele vai enfrentar também muita coisa boa e inclusive pras coisas boas ele precisa estar preparado e saber como lidar com isso, né.... É... esse é... eu acho que é o principal aspecto. O outro... é aquele que eu te falei, aquela sensação de que ele é uma continuidade minha. Então, isso aí dá, de certa forma... de certa forma... um... um... tipo... uma sensação de, tipo assim, quando eu morrer... nem tudo tá acabado, né... tipo assim... não tô totalmente morto, sabe como...? (Rogério, 40-50)

Tabela 30 - Principais aspectos positivos da paternidade

Categorias/Faixa etária	20 à 29	30 à 39	40 à 50	Total
Responsabilidade	1	2	2	5
Amadurecimento	2	0	1	3
Estar feliz, ver o filho feliz	0	2	1	3
Brincar, passear	1	2	0	3
Sensação de que o filho é uma continuidade	1	0	1	2
Ser uma figura protetora para o (a) filho (a)	1	1	0	2
Dar atenção, estar presente	1	1	0	2
Ter uma pessoa pra cuidar	0	1	1	2
Amor	0	1	1	2
Ver o filho com saude	0	1	0	1
Ser reconhecido pelo filho	0	1	0	1
Acompanhar o desenvolvimento	0	1	0	1
Educar	0	1	0	1
Aprender com o (a) filho (a)	0	1	0	1
O contato físico	0	1	0	1
A família fica mais completa	0	1	0	1
Dinheiro passou a render mais	0	1	0	1
Realização de um sonho	1	0	0	1
Planejar o futuro	1	0	0	1
Muda o pensamento	1	0	0	1
Imaginar que a filha será mais prospera que ele	1	0	0	1
Total de entrevistados	6	6	2	14

Os sentidos de responsabilidade são diversos. Alguns mais focados na educação/preparo do filho para o mundo, outros mais focados no presente, no sentido de garantir que o filho tenha saúde e seja feliz. “Estar feliz/ver o filho feliz” e “brincar/passear”

foram citados por 3 pais. Este trecho de uma das entrevista exemplifica bem essas categorias e o último sentido de responsabilidade:

Poder brincar, sair com o filho, passear no shopping, levar no parque, brincar com ele... É poder... quer dizer... Apesar que o Luís ainda não tá nessa idade, tá com seis meses, mais vai chegar uma idade aí de um ano, um ano e meio, mais ou menos, ele vai tá entendendo um pouquinho, poder sair aí num parque, entrar num barquinho, remar com ele, ensinar a ele jogar bola, ensinar a ele, sabe, ah muita coisa, sabe... Assim, andar de bicicleta, divertir, sempre estar sabe alegre, distraído. Acho que isso é importante. O pai tem que ser tudo para o filho. Não nas horas só de lazer, como nas horas também igual vem problema de saúde igual ele teve, teve uns tempos aí atrás, aí que ele tava passando bastante mal, ele teve até febre, aí eu pude mostrar para ele o que é um pai de ter responsabilidade de poder levar um filho, consultar, andar com ele em dias ali, sabe... Olhar, sabe, em questões de saúde do filho, por que acho que questões dessas é a saúde primeiramente, por que se o filho não tiver bem o pai também não tá bem, por que acho que assim o filho, se tá sentindo algum mal, o pai e a mãe também sente. A gente fica assim com um sentimento assim triste... de saber que o filho tá ali doente, mas graças a Deus vai lá consulta, ele melhora aí se já vê a alegria do filho, então acho que o filho tá alegre e tá com saúde e feliz, os pais também estão felizes. Acho que a felicidade é essa. (Sebastião, 30-39)

Em se tratando dos aspectos negativos da paternidade, cinco sujeitos consideram que não há aspectos negativos (Tabela 31):

Negativos...? Olha, pra ser bem sincero, eu não vejo nada negativo. Eu acho que pra mim, tudo é um aprendizado.” (Felipe, 20-29)

Tabela 31 - Principais aspectos negativos da paternidade

Categorias/Faixa etária	20 à 29	30 à 39	40 à 50	Total
Não tem	3	2	0	5
A responsabilidade	0	3	1	3
Redução do tempo para si mesmo	2	1	0	3
Dorme menos	1	2	0	3
Perda da liberdade	0	1	1	2
Cobranças da companheira	1	0	0	1
Demanda dinheiro	1	0	0	1
Total de entrevistados	6	6	2	14

A “responsabilidade” aparece logo em seguida, como a segunda resposta mais frequente, mencionada por 3 sujeitos, bem como a “redução do tempo para si mesmo” e “dorme menos”.

Bom, eu acho que é assim... Perda da liberdade. Assim, você não poder fazer o que você quer, a hora que você quer. Que, você fica mais voltado pra criança... Você tem responsabilidade de... de cuidar dela. Então, acaba essa história de... de sair e voltar a hora que você quer. De faz... dormir à tarde, (risos). Essas coisas todas... Você perde muito a sua liberdade, porque tem muita coisa que você não pode fazer, por causa da cri... do filho. Acho que... mais muda... mais negativo é isso. Perda da liberdade... (Armando, 30-39)

Em relação à influência da idade nos aspectos citados anteriormente (Tabela 32), 6 pais disseram que a idade não influencia, tendo 4 deles idade entre 20 e 29. Dos 8 que consideraram que a idade influencia, a maioria considerou aspectos negativos. Apenas 2 pais com idade entre 30 e 39 consideraram que a idade influenciou positivamente. Segundo eles “foi em uma boa hora”.

Eu acredito que uma pessoa nessa idade minha aqui já tá... na hora de ser pai, acho que, depois de vinte e cinco anos, ele já tá pronto para ser pai. Eu acho que com 25 anos a pessoa já viveu, curtiu o que tinha de curtir... (Sinval, 30-39)

Tabela 32 - Influência da idade nos aspectos positivos e negativos

Categorias/Faixa etária	20 à 29	30 à 39	40 à 50	Total
Influencia negativamente	2	3	1	6
No amadurecimento	2	1	0	3
Nas condições financeiras	1	1	0	2
Se fosse pai mais velho talvez não sentiria tanto a perda da liberdade de fazer algumas coisas	0	1	0	1
Ainda não teve tempo de terminar a formação	0	1	0	1
Se fosse mais novo teria mais tempo de vida - convivência com a filha	0	0	1	1
Se fosse mais novo seria mais jovial	0	0	1	1
Se fosse mais velho teria outras prioridades	1	0	0	1
Influencia positivamente	0	2	0	2
Foi em uma boa hora	0	2	0	2
Total dos que consideram que influência	2	5	1	8

Três pais consideram que a idade influencia negativamente “no amadurecimento” e dois citaram “nas condições financeiras”, sendo que, dentre esses não há pais entre 40 e 50 anos. O pai dessa faixa que considerou haver influência da idade afirmou “se fosse mais novo seria mais jovial” e “teria mais tempo de vida/convivência com a filha”:

Não... eu só acho que... foi tarde. Eu fui pai tarde. Mas eu descobri isso só depois que eu tive filho, que é muito bom... mas... eu acho que valeu, por tudo que eu fiz... por tudo que eu fiz tanto solteiro como casado no início... tudo o que eu fiz foi muito bom, mas... se eu tivesse tido filho antes, eu acho que teria sido melhor. Ah, eu acho que, no futuro, eu teria mais tempo de acompanhar o crescimento dela. Seria mais esse mesmo, de ter mais tempo ao lado dela, ser mais... mais jovial ao lado dela, eu acho que é diferente, entendeu... ser um pai mais jovem, eu acho que influencia um pouco. (Reinaldo, 40-50)

Por outro lado, é interessante notar que, um pai com 38 anos considerou que “se fosse pai mais velho talvez não sentiria tanto a perda da liberdade de fazer algumas coisas”

Assim... com... Pelo fato deu... por exemplo, gostar de... sair um pouco... Assim, a gente não saía muito, mas, eu gostava de sair pra barzinho assim, e poder ver futebol na televisão, o dia e a hora que eu quisesse, deitar no sofá e dormir, e num poder, num... num... Eu acho, mas, principalmente barzinho. Assim, talvez se eu fosse mais velho, se eu fosse pai novo mais velho... (risos)... Eu acho talvez eu não fosse preocupar tanto em não poder sair, essas coisas... É eu acho que aí, talvez, eu não preocupasse tanto...

Quase a metade dos pais (6), tendo todos eles de 30 à 50 anos, imagina que as pessoas o percebem como um pai babão/coruja (Tabela 33):

Eu escuto assim, que as pessoas é... ao saberem como que a minha filha ta se desenvolvendo, eu escuto muito os parabéns, né, pela minha filha. É, aí... (risos)... que tem aquela coisa... isso aí já é só suposição mesmo, né, é a imaginação das pessoas, né... mas, aquela coisa assim... ah, esse... Quando me vêem, que eu to ajudando, né... às vezes... desperta uma certa curiosidade, sobre se eu to fazendo alguma troca de fralda... (risos). Eu acho que tem uma certa admiração também... A expressão assim “pai coruja”, “cê ta babando com essa filha, né”... e aí eu falo: “é... tô babando mesmo”. (André, 30-39)

Tabela 33 - Como as pessoas o percebem enquanto pai

Categorias/Faixa etária	20 à 29	30 à 39	40 à 50	Total
Babão/coruja	0	4	2	6
Bom pai	0	3	0	3
Dedicado/cuidadoso	1	1	0	2
Responsável	1	1	0	2
Doido, irresponsável (foi pai novo)	2	0	0	2
Maduro	1	0	0	1
Não tem idéia	1	0	0	1
Total de entrevistados	6	6	2	14

Três na faixa entre 30 e 39 acham que são vistos como bons pais. O que mais chama a atenção nesse item é que 2 pais entre 20 e 29 afirmam que as pessoas os percebem como doido(s)/irresponsável(is) por terem tido filhos novos:

Ah, não sei, viu... Ah, é doido, ser pai novo... Geralmente, as pessoas falam assim, né... Só fazem cagada, nessas idades aí, é isso aí. Ah, é, ninguém tá querendo arrumar filho nessa idade. A maioria das pessoas quer curtir a vida, né... e, quando acaba arrumando um filho, “ah, fulano é doido de arrumar um filho...” (Wesley, 20-29)

Ah, eu acho que muita gente acha que eu sou novo para ser pai, deve achar que eu sou irresponsável... num sei, eu acho que é isso aí. O povo da rua, qualquer pessoa que vê “ah, essa menina é sua filha? Cê é muito novo, né não? Num sei o que...” (Fabiano, 20-29)

Mesmo o pai que disse “não tem ideia” parece ficar perdido entre a sua própria avaliação e as opiniões da família dele e da esposa:

Olha... não tenho ideia, porque... assim como eu te falei, eu sou muito crítico. Então, muitas vezes as pessoas, nó... Eles podem achar bom, mas pra mim... Dificilmente vai tá bom, eu acho que sempre vai precisar melhorar (risos). Então, pra mim, é difícil ter essa percepção. Ao contrário, eu sempre acho que eu tenho que melhorar, mesmo que a pessoa fale que... esteja bom, eu sempre acho que tem alguma coisa a melhorar. Não sei, é difícil ter uma opinião assim, de fora... A pouca opinião que eu tenho é só mais dos meus familiares, né, e não dos meus amigos. A minha família, eles acham que eu participo muito... A família dela já acha que eu participo pouco, então...” (Felipe, 20-29)

Se em relação à percepção das pessoas em geral (Tabela 33) a maioria dos pais consideram que são vistos como pais babões, corujas e bons, em relação à percepção da companheira essa ordem se inverte e “bom pai” passa a ser o mais citado e “babão” é citado

por apenas um pai com idade entre 40 e 50 anos. Oito sujeitos disseram que imaginam que a esposa os percebe como bons pais, sendo a maioria deles (5) com idade entre 30 e 39 anos (Tabela 34):

Eu acho que ela me vê como um bom pai também, atencioso, cuidadoso, que ajuda na... tanto na criação dele quanto na casa, e tudo, que ajudo... Procuo ajudar a ela a cuidar de tudo. Tudo é cuidar do filho, cuidar da casa, cuidar... Fazer compras, essas coisas todas assim. Tudo que tá nela... tem que fa... que faz agora a mais do que já fazia, que eu ajudo também, é... Então, acho que ela me vê como um bom pai... (risos) (Armando, 30-39)

Tabela 34 - como a companheira o percebe enquanto pai

Categorias/Faixa etária	20 à 29	30 à 39	40 à 50	Total
Bom pai	2	5	1	8
Responsável	2	1	0	3
Dedicado/compromissado	2	0	0	2
Esquecido/desligado	1	0	0	1
Ausente/desatencioso	1	0	0	1
Brincalhão	0	1	0	1
Interessado	0	1	0	1
Presente	0	1	0	1
Babão	0	0	1	1
Total de entrevistados	6	6	2	14

Três pais disseram que as esposas/companheiras os percebem como pais responsáveis e dois responderam dedicado/compromissado. Entre os pais de 20 à 29 se concentram os aspectos mais negativos, assim como no item anterior. No entanto, esses aspectos não são os mesmos. Enquanto a resposta das pessoas diz respeito a uma percepção mais geral dos homens que são pais novos, a percepção da companheira diz respeito ao pai concreto, com quem convivem cotidianamente. Mesmo assim, aquele que afirma que a esposa o considera esquecido/desligado, atribui esse fato à sua natureza e considera que, apesar disso, ela o considera um pai dedicado:

A minha imagem pra ela? Eu acredito que a mesma coisa... acredito que um pai dedicado, às vezes, às vezes...um tanto... é... o que pode acontecer realmente, às vezes, um deslize, um esquecimento, de... no

sentido de dar uma mamadeira, de... ah, leite tá acabando, cê tem que comprar... sair correndo pra comprar... Às vezes, eu sou desligado, mas eu sempre fui desligado de natureza, em qualquer situação, até no meu serviço. Mas já melhorei bastante com isso. Então... mas, no geral, a imagem que eu acredito que ela tenha de mim é de pai dedicado. (Tércio, 20-29)

3.5. Os outros

Quase todos os pais entrevistados afirmaram ter amigos que são pais, com exceção de um pai com idade entre 20 e 29:

Tenho amigos, mas nenhum deles acho que é tão apegado ao filho igual eu não. Não... eles não para dentro de casa, eles não lembra do filho, só fica na rua... a hora que tem de folga não leva o menino pra... passear, não leva num parque, não leva nada... (Sinval, 30-39)

A grande maioria também afirmou conversar com alguém sobre a experiência de ser pai, com exceção de dois pais entre 20 e 29. Dentre os que conversam, foi perguntado com quem conversam (Tabela 35). A maior parte deles (6) respondeu “com os amigos/colegas”. Essa foi a única resposta mencionada pelos pais entre 40 e 50 anos:

Os amigos... quando encontram... assim os amigos. Hoje tá mais difícil desses encontros, mas, às vezes, a gente... encontra com eles, aí a gente comenta... Ou então pelo telefone... “E aí, como é que tá e tal aquela situação, cê tá passando alguma coisa, tá precisando de alguma coisa? Não. Como é que tá...?” Aqueles... só isso. (Reinaldo, 40-50)

Costumo conversar com o... Às vezes, a gente troca um pouco de experiência, eu troco um pouco de experiência com outros colegas meus que são pais também, né... E, às vezes, outros que pretendem ser. (Rogério, 40-50)

Tabela 35 - com quem conversa

Categorias/Faixa etária	20 à 29	30 à 39	40 à 50	Total
Com os amigos, colegas	2	2	2	6
Com todos	1	3	0	4
Com as pessoas com quem trabalha	2	1	0	3
Família	1	2	0	3
Com a companheira	1	1	0	2
Total de entrevistados	4	6	2	12

Quatro responderam “com todos” e três disseram que conversam com as pessoas com quem trabalham e com a família:

Converso, eu dou exemplo do meu dia-a-dia com as famílias que a gente recebe aqui, quando a gente vê um conflito familiar, né. Quando um pai e uma mãe tão rejeitando os filhos e, algumas coisas, eu tento com a experiência do que eu to... que eu vivenciei e to vivenciando, né, colocar em prática para eles como é bom com exemplos, né, e acho que é isso. Meus amigos, minha mãe... (Manuel, 30-39)

Em relação ao assunto que conversam, 8 disseram falar sobre a experiência de ser pai e 6 sobre a criança (Tabela 36). Existem aqueles que deram as duas repostas:

Lá, no meu trabalho, eu tenho... tive a oportunidade de trabalhar com pessoas que, da minha idade, que também eram pais. Tem uma pessoa, que é mais nova do que eu, já é mãe... Então, quer dizer... a gente sempre troca figurinha: “ah, meu filho fez isso, eu tive que fazer aquilo”. Então, você troca experiência. É inevitável isso. No trabalho então é o lugar que eu mais troco experiência com relação a isso. Sobre birra, sobre pirraça, sobre... sobre festinha, a criança na creche, no caso do Marcelo sobre as lembranças à noite, que graças a deus agora ele tá parando, sobre as risadas, sobre as primeiras palavras que ele tá falando, que ele não tá falando palavra, mas já tá começando a balbuciar, então, é, principalmente sobre isso. (Tércio, 20-29)

Igual eu já... tem um colega meu que eu converso muito assim com ele, né, mas eu num... igual eu já falei, ele tem uma filha também né... Ah, eu... já falei com ele já, que é bom, ele também já... ele já me dá força também, já: “nó, é muito bom” Ele me dá muita força, né, entendeu... sobre isso... sobre filho mesmo, né, sobre a filha... a menina dele, sobre a menina... Eu também falo as minhas coisas também, o que ela aprontava aqui também, que ela... Falo as coisas assim, assim, que de menino, sabe, brincadeira, brincando com ela, ele também, fala também. Então, a gente conversava e só com esse aí que eu conversava um pouquinho mesmo... é... afinidade das crianças, né... sabe... Essas coisas assim. (Wilson, 20-29)

Tabela 36 - Sobre o que falam

Categorias/Faixa etária	20 à 29	30 à 39	40 à 50	Total
Sobre a experiência de ser pai	3	3	2	8
Sobre a criança	3	3	0	6
Total de entrevistados	4	6	2	12

Entre aqueles que disseram que não conversam, foi perguntado se gostariam de conversar e por quê. Um deles disse que não gostaria, pois, não tem vontade. Do outro não obtivemos resposta.

Não. Ah, não me da vontade de conversar com ninguém não. (Wesley, 20-29)

3.6. Expectativas e planos para o futuro

Ao imaginarem como será o relacionamento com o filho daqui a 5 anos, quase a totalidade dos pais considerou que “serão amigos/companheiros” (Tabela 37):

Nossa... ah... o melhor possível... Ah, o melhor possível... Porque, daqui a 5 anos, ele já vai tá assim, aprendendo o que pode, o que não pode, já vai ter uma visão totalmente formada do que eu sou pra ele, do que eu represento pra ele... uma figura de pai, uma figura de amigo. Então, eu acho que vai ser o melhor possível, ele não vai ter do que se queixar comigo não... (Mário, 30-39)

Tabela 37 - Como será o relacionamento com o filho (a) daqui a 5 anos

Categorias/Faixa etária	20 à 29	30 à 39	40 à 50	Total
Serão amigos/companheiros	5	5	2	12
Irão brincar, passear e se divertir	2	4	0	6
Ótimo/maravilhoso	1	1	1	3
O melhor possível	1	1	0	2
Vai dar tudo que puder para ele	0	1	0	1
Acompanhará a vida escolar da filha	0	1	0	1
Espera conseguir passar mais tempo com ela do que passa agora	0	1	0	1
Espera que o filho(a) o obedeça	1	0	0	1
Não consegue imaginar/talvez seja bom	1	0	0	1
Vai depender também da filha	1	0	0	1
Total de entrevistados	6	6	2	14

Logo em seguida, foi mencionado por 6 pais “irão brincar/passear/se divertir”, sendo predominante essa resposta entre 30 e 39 e ausente entre os pais de 40 à 50. Três sujeitos, um de cada faixa etária, disse que será “ótimo/maravilhoso” o relacionamento com o filho.

Assim como em relação ao relacionamento com o filho após 5 anos, daqui a 15 anos, 8 deles também consideram que “serão amigos”, exceto os pais com idade entre 40 e 50 (Tabela 38):

Ah, daqui a uns 15 anos, eu não sei não. Eu creio que, de repente, ele vai estar numa idade de, né, que vai falar assim: “ah, hoje eu sou um rapaz”. Ele vai querer ter a liberdade dele, né, de pode sair e tudo, mas sempre... vou querer ta ali, sabe, saber dele, onde que ele está, o que tá fazendo... pra não deixar ele seguir o caminho pior, sabe. O que eu puder ajudar ele, eu quero ajudar, sabe, estar bem, próximo dele ali. Não digo, né, “ah...vou prender meu filho”, porque ninguém prende filho nenhum hoje em dia. Os filho de hoje em dia já cresce, daí a pouco já pega uma idade aí, quer seguir a vida, o rumo deles. Então, fica difícil do pai quere segurar. Mas, eu o que eu puder ajudar meu filho eu vou ajudar. Antigamente era diferente, por que não tinha esses negócio de droga, né, não tinha essa bagunça, né. Hoje em dia, os filhos tá muito envolvido... Hoje cê vê que filho a maioria não respeita os pais, os pais não respeita os filhos, mas eu quero seguir assim uma forma de ta respeitando meu filho e meu filho poder me respeitar. De poder ser um amigo meu e eu também poder ser um grande amigo dele, principalmente como pai. Então, eu acho que eu tenho que ser mais amigo dele, do que ele comigo. De poder ensinar, de poder educar, de ensinar a ele o caminho certo. (Sebastião, 30-39)

Tabela 38 - Como será o relacionamento com o filho (a) daqui a 15 anos

Categorias/Faixa etária	20 à 29	30 à 39	40 à 50	Total
Serão amigos	3	5	0	8
Será bom, ainda melhor	3	2	1	6
Irá conversar muito com a filha	0	1	1	2
Tem que ser um pai mais duro	1	1	0	2
Irão fazer coisas juntos	1	0	0	1
Nem quer imaginar (filha)	1	0	0	1
Não sabe	1	0	0	1
Tranquilo	0	0	1	1
Vai depender também da filha	0	0	1	1
Irá estimular o filho (a) a ter um juízo crítico sobre a vida	0	1	0	1
Total de entrevistados	6	6	2	14

Seis consideram que o relacionamento entre eles “será bom/ainda melhor”, e dois mencionaram “irá conversar muito com a filha” e “terá que ser um pai mais duro”. Alguns pais temem a adolescência na medida em que sentem que nessa fase vão perdendo o controle sobre os filhos. Essa ‘dureza’ surge no intuito de tentar preservar o respeito do filho pelo pai, que também pode ser percebido na fala anterior, embora nela haja mais a expressão de um respeito mútuo do que um respeito unilateral, como no caso daqueles que afirmam que terão que ser mais duros:

Nó, daqui a quinze anos... tem que ser um pouquinho mais duro, né, que aí já vai questão de namorar. Aí, se ficar aquele pai muito molenga... num da certo. Aí, cê perde, num é questão de perder o respeito, mas aí já fica um pouquinho mais assim... “Ah, cê não sabe de nada”. Então, cê tem que ser aquele pai presente. (Talles, 20-29)

Eu acho que... eu gostaria que fosse um relacionamento legal assim de pai, com respeito que o filho tem que ter pelo pai, mas de amigo também, mas sempre guardado a hierarquia, né... o respeito que tem que ter... tem que ser. Eu espero que ele seja um adolescente consciente... e ... que ele, sei lá... eu fico preocupado assim de como é que vai ser. Se os exemplos que eu vou dar, se ele vai... se vão ser corretos e se ele vai assimilar isso. Isso é uma das coisas que mais me preocupava e que me preocupa. É, como vai ser quando a gente tiver um filho adolescente em casa, se ele vai chegar cheio de tatuagem, brinco, aqui, falando que largou a escola... (risos) Aí, o que eu vou fazer? Como que eu vou agir numa situação dessa? Porque é como todo mundo fala: “por enquanto, ocê ainda tem controle sobre a criança”. Eu acho assim... até os... sei lá... de repente... até os dez anos, oito anos assim, ocê ainda tem controle sobre o que ele faz. Você consegue cuidar dele melhor, não sei se você cuida dele melhor, mas ocê tem mais controle... de onde que ele tá, o que ele tá fazendo. Depois que ele começa a sair sozinho..., cê perde um pouco esse controle. (Armando, 30-39)

O pai que diz que “nem quer imaginar” também compartilha com os pais anteriores o medo de perder o controle sobre a filha na adolescência e de que ela siga um caminho errado:

Ai, eu nem sei, nem imagino e nem quero imaginar. Ah, é adolescência, num sei, num sei. Não quero pensar nisso agora não. Mas eu vou dar uma boa educação para ela, isso eu tenho certeza, vou fazer de tudo pra que ela saiba resolver isso, essas coisa assim. Não que eu tenha controle. Questão de... ela já começa querer sair pra vida ou então para estudar, ou namoro. Essa época que eu acho que é a época que a criança... adolescente, né, tem os caminhos, quinhentos caminhos errados e um certo. Eu quero educá-la para que ela tenha discernimento de fazer a escolha certa, que é o caminho do estudo. Que, primeiro, ela resolva a vida dela para depois pensar em outras coisas... aprender a beber, fumar... namorar... isso aí, depois. (Fabiano, 20-29)

Nove entrevistados afirmaram que têm planos de ter mais filhos (nenhum deles está na faixa de 40 a 50 anos) (Tabela 39).

Penso, principalmente a Lara Sofia, daqui a uns três, quatro anos, ela deve vir por aí. Ah, já tenho até o nome... Lara Sofia! Vai ser linda, maravilhosa... nossa senhora! (Sebastião, 30-39)

Tabela 39 - Pensa em ter outros filhos

Categorias/Faixa etária	20 à 29	30 à 39	40 à 50	Total
Sim	5	4	0	9
Talvez	0	2	1	3
Não	1	0	1	2
Total de entrevistados	6	6	2	14

O maior medo citado pelos entrevistados em relação aos filhos foi o envolvimento destes com violência/drogas/más companhias, sendo essa resposta citada por 8 dos quatorze pais (Tabela 40):

Perder minha filha pro mundo mesmo... droga, sexo, ela não querer estudar, eu não conseguir colocar isso na cabeça dela essa consciência da importância que é o caráter do ser humano, da importância do estudo. (Fabiano, 20-29)

Tabela 40 - Como pai, qual é o seu maior medo

Categorias/Faixa etária	20 à 29	30 à 39	40 à 50	Total
Violência, drogas, mas companhias	3	4	1	8
De perder ou se afastar do(a) filho (a)	4	2	1	7
De não poder fazer tudo para o filho (a)	0	1	0	1
Medo de morrer	0	1	0	1
Não tem medo	0	1	0	1
De não poder dar o que ele precisar	1	0	0	1
Da filha não querer estudar	1	0	0	1
Sexo	1	0	0	1
Total de entrevistados	6	6	2	14

A segunda resposta mais citada foi medo de perder ou se afastar do(a) filho(a) (medo do(a) filho (a) morrer ou dele se separar da companheira), sendo essa resposta dada por 7 pais, sendo predominante entre os pais de 20 à 29.

Por fim, 8 pais consideram que sua maior alegria será “ver o(a) filho(a) estudado(a) ou estudando” (Tabela 41):

Vê-la bem, ah, subindo na vida, bonitona, estudando... é isso que eu penso. (Wesley, 20-29)

Tabela 41 - Como pai, qual você acha que será sua maior alegria

Categorias/Faixa etária	20 à 29	30 à 39	40 à 50	Total
Ver a(o) filha (o) estudado (a) ou estudando	3	3	2	8
Que o filho tenha sucesso profissional	3	2	0	5
Ver o filho colhendo bons frutos e sendo reconhecido pelo o que ele fizer pra ele agora	1	3	0	4
Ver o filho (a) ser uma boa pessoa/uma pessoa de caráter	1	2	1	4
Estar perto do (a) filho (a)	2	1	0	3
Ver o (a) filha(o) crescido (a), adulto	1	1	1	3
Ver o filho realizado no futuro	0	2	0	2
Ver as conquistas do filho (a)	0	1	0	1
Ver o filho (a) feliz	0	1	0	1
Ver a família toda bem e feliz	0	1	0	1
Ver o filho com sua própria família constituída	0	1	0	1
Que o filho nunca se envolva com droga	0	1	0	1
Ver a filha bonita	1	0	0	1
Total de entrevistados	6	6	2	14

Cinco pais citaram como maior alegria “que o filho tenha sucesso profissional”, quatro disseram que será “ver o filho colhendo bons frutos do que ele fizer pra ele agora” e “ver o filho(a) ser uma boa pessoa/uma pessoa de caráter”.

Passaremos agora à análise desse conjunto de resultados.

4. DISCUSSÃO

Este capítulo será dividido em 2 partes: na primeira, apresentaremos uma articulação entre os resultados apresentados no capítulo anterior e as teorizações sobre identidade, apresentadas na introdução, tendo como base principal a Teoria da Identidade Social de Henri Tajfel; na segunda, os resultados serão comparados e articulados com os trabalhos sobre paternidade, apresentados no primeiro capítulo.

Partiremos, assim, dos três aspectos que compõem a identidade social, segundo Tajfel (1983), cognição, avaliação e emoção, e das relações desses aspectos com as práticas paternas para organizar a primeira parte. No entanto, a linha divisória entre estes três componentes nem sempre é bem nítida e, como veremos, eles se influenciam mutuamente.

Outro aspecto importante de ser retomado e analisado quando se trata da identidade é que essa se constitui de forma relacional, através da comparação social, produzindo antinomias entre “eu” e “eles”, no caso da identidade pessoal ou “nós” e “eles” no caso da identidade social. Essas antinomias, poderão ser percebidas no decorrer da análise dos componentes identitários.

4.1. Primeira Parte: Os componentes identitários.

4.1.1. Componentes Cognitivos

Entre os componentes cognitivos da Identidade Social estão tanto a definição de “pai” como a de “bom pai”.

A definição central de pai, analisando a totalidade dos resultados, parece ser “ser responsável”, que perpassa o discurso dos pais em vários momentos das entrevistas. A essa definição se vinculam uma série de outros variados sentidos, calcados em modelos que vão das noções/modelos mais tradicionais de pai aos mais recentes. Sendo assim, os entrevistados parecem definir a paternidade como um ato de responsabilidade, tanto pela educação/criação dos filhos, como pelo sustento, pelos cuidados e proteção dos mesmos:

Responsabilidade, né, de tá criando uma pessoa para o mundo, né, de fazer isso bem feito... Deixar a pessoa com o mínimo de preparo pra enfrentar o mundo, que nós sabemos que não é mole aí fora, né... (Rogério, 40-50)

Eu acho que quem acha que ter filho é brincar de boneca, você... é muito diferente, é uma responsabilidade muito grande. A coisa é muito... como que eu posso dizer... uma coisa tão frágil ali do seu lado, precisando tanto de você... (Reinaldo, 40-50)

Estas estruturações são interessantes na medida em que nos mostram que os homens pais se diferenciam primordialmente dos outros a partir da noção de responsabilidade, corroborando o estudo de Arilha (1998) que nos mostra que ser responsável está fortemente associado à noção de ser homem e que essa noção se contrapõe à “zoeira” da adolescência. O afastamento dos amigos, em alguns casos, demonstra essa passagem da vida de “zoeira” para a vida de responsabilidade.

Em questão de amizade, muitos distanciam. Aqueles que só querem farra, aqueles que só querem gandaia, aqueles que só querem mulherada. Então, pra mim, esse tipo de amizade, tanto faz. Porque pra mim não serve. Porque amigo pra mim tem que ser aquele cara que tá ali, você precisou, ajuda, e tal. Agora aquele que só tá perto de você quando você tá com o bolso cheio de dinheiro, quando você tem carro e tem moto, pra mim não dá... Mudou praticamente todos, todos, todos, todos, todos, todos (...) pra mim tá ótimo as amizades que eu tenho hoje. São a maioria pessoas que também têm filhos, pessoas que são casadas, são bem melhores do que as que eu tinha antes. (Talles, 20-29)

Para os homens, o advento da paternidade chega como forma de transição para uma vida com mais responsabilidade, principalmente em relação ao trabalho, acontecendo para alguns desde o momento da gravidez e, para outros, principalmente após o nascimento, como pode ser visto a partir das falas do entrevistados:

Ah, a gente... a gente descobre assim, tá ocorrendo tudo bem, que a esposa tá grávida, a gente esforça mais, né, a gente tem mais aquela, aquela pegada no trabalho, sabendo que tá vindo uma... pra gente ter responsabilidade, né. Aí, a gente fica mais é entusiasmado, mais é... pra crescer na vida, pra dá as coisas pro outro, pra ela, né... pra filha da gente. (Wilson, 20-29)

Depois do nascimento, eu acredito que... é... principalmente ter mais responsabilidade. Porque... quando você, no caso, antes de você ter um filho, é... Você não liga muito se vai ser mandado embora. Lógico, isso preocupa qualquer um... mas, você não tem muito medo de pedir um aumento, de cobrar alguma coisa, porque se você for mandado embora, quem depende de você é sua esposa e você (...) Só que, depois que nasce uma criança, aí muda a história, porque você começa a preocupar não só com você, mas é com ele (...) Então eu acho que principalmente a responsabilidade no sentido de manter esse emprego. (Tércio, 20-29)

A definição de “bom pai” também engloba o aspecto da responsabilidade, principalmente a responsabilidade de “saber educar/orientar/criar”, mas também a

responsabilidade de “prover” e de “cuidar”. Alguns pais consideram inclusive que aqueles que não cuidam não podem ser considerados como pais.

Eu acho que é aquele que cuida, que respeita e que ao meu modo de ver que a principal responsabilidade do pai é educar o filho bem, principalmente educação intelectual e moral. (Fabiano, 20-29)

Ser um bom pai é ser um pai presente, é um pai que está junto a todos os momentos, é um pai que assume não só o nome de pai. Assume a responsabilidade de ser um pai. É um pai que não deixa que as coisas faltarem, é um pai que tá... na hora de sentir a dor, é um pai que tá... na hora de dar um banho, na hora de trocar uma fralda, em todos os sentidos. Além de ser pai ser como se diz... o protetor daquela criança, porque, na verdade, é muito fácil a pessoa falar “eu sou o pai de fulano”, mas às vezes não tem responsabilidade nenhuma com ela. Às vezes não acompanhou o crescimento da pessoa. Às vezes não acompanhou nem um passo e é pai só na hora de pegar, colocar no braço e sair passeando. Não tem a responsabilidade de trocar uma fralda, de ver como é que a criança é... fora do... longe do... do horário dele. (...) Pai pra mim é aquela pessoa que sabe e é presente em todos os momentos, desde trocar uma fralda, a fazer uma comida, a dar um banho, a passear, levar num médico, a levar num parque pra brincar... isso pra mim é ser pai de verdade e é o que eu tenho feito e tentado passar pro meu filho hoje. (Mário, 30-39)

Alguns consideram que o filho ainda é muito novo, o que parece estar também estreitamente vinculado à noção de que ser um bom pai é “saber educar/criar/orientar”, ou seja, o momento de exercer a sua paternidade, de provar que é, efetivamente, um bom pai, ainda não chegou:

Olha... eu ainda vou... ter que procurar ser um bom pai né... Recentemente, dois meses apenas, então eu acho que eu tenho ainda uma longa jornada pra ser um bom pai ainda. (Reinaldo, 40-50)

Ah, eu considero. Tá certo, meu filho tem 7 meses... (risos)... eu tô tentando ser... Porque, pelo menos, eu tento criar ele bem, tento prover ele de tudo que ele precisa, ajudar... Tento fazer com que ele seja um garoto saudável... e... Os exemplos, ainda não dá pra dar, ainda, porque ainda não tem consciência, mas, eu pretendo também dar bons exemplos para ele. (Armando, 30-39)

Outro aspecto que parece ser central na definição de bom pai é “dar amor e carinho”, associado aos aspectos da responsabilidade paterna referente à educação, a prover e cuidar.

Um bom pai é um pai que tem principalmente o amor, né, que eu acho que um pai tendo amor por filho e saber educar... Acho que isso é um bom pai. E saber ensinar. (Sebastião, 30-39)

Eu acredito que é dar a ele principalmente amor e carinho e cuidar bastante dele, e de poder dar de tudo aquilo que a gente... que os bens materiais pode ser dado mas, principalmente primeiro o amor, que é o principal. (Sinval, 30-39)

Desse modo percebe-se que a presença paterna também é um dos aspectos importantes na definição do que seja um bom pai, pois, junto com os aspectos citados anteriormente,

constrói uma figura paterna mais próxima dos filhos tanto física como afetivamente e também da companheira, ou seja, ser um bom pai é ser companheiro, colaborar, compreender e estar sempre ao lado da mãe da criança.

Um bom pai é aquele que tá sempre presente, aquele pai que participa, né. Que tá... que sempre ajuda, sempre colabora. Que tá com a filha a todo momento, tudo que precisar, nunca tá ausente e ajuda também a mãe da criança, em casa mesmo, né? Não só naqueles momentos mais difíceis, mas sim em todos os momentos, né. Tanto nos bons quanto nos ruins. (Talles, 20-29)

Dar educação, amor, ser companheiro... tanto da criança como da mãe dela, né. (Reinaldo, 40-50)

Pode-se inferir assim que o conteúdo do que seja um bom pai perpassa os modelos tradicionais, ou seja, o pai como o condutor moral e intelectual do filho. Segundo Rotundo (1985), estes aspectos estariam mais presentes no modelo patriarcal. Por outro lado, a forma de atuação parece ser mais próxima do que pode ser designado pelo autor como “paternidade andrógena”, ou por outros autores como “nova paternidade”, mais afetiva. O pai não é mais visto como aquele que deve ocupar o lugar de autoridade distante, nem o de provedor exclusivo e o bom pai passa a ter a missão de, junto com a mãe, educar bem os seus filhos, dando a eles amor e carinho.

4.1.2. Componentes Avaliativos

Dentre os componentes avaliativos estão presentes a autoavaliação, a percepção dos outros e da esposa/companheira, a avaliação que fazem do próprio pai, os aspectos positivos e negativos da paternidade e o modo como eles avaliam que será o relacionamento com o filho daqui a 5 anos e a 15 anos.

Os entrevistados buscaram em sua maioria construir uma imagem positiva de si mesmos, conforme era previsto a partir da Teoria da Identidade Social. A maioria se considera um “bom pai” e outros consideram que “tentam ser” ou são “mais ou menos”. Esta imagem é construída a partir da apropriação individual dos significados do que consideram ser um bom pai (e que são compartilhados socialmente), das imagens de si mesmo projetadas através do olhar dos outros, entre eles da esposa/companheira e da comparação com o próprio pai e com outras pessoas que são pais, como, por exemplo, seus amigos. Em alguns casos, mecanismos de justificação são colocados em prática no intuito de melhorar a autoimagem.

Sim, bom pai, porque o que eu considero ser um bom pai é o princípio, princípio que eu... assim, que eu tô agindo, né. O que eu acho que é ser um bom pai, é o que eu também tô exercendo em si, tentando dar educação, respeito, respeitando ela, né... (Fabiano, 20-29)

Na maioria dos casos, a noção que têm da imagem que os outros em geral e as esposas/companheiras têm deles está de acordo com a autodefinição de bom pai, pois são percebidos na maioria das vezes pelos outros como “babão/coruja” ou como “bom pai” também pelas esposas/companheiras.

No entanto, alguns casos, como o de André, que trazem mais contradição, mostram de forma interessante o modo como as expectativas sociais e da esposa/companheira se cruzam na elaboração de sua autodefinição. Ele retira elementos mais dessas expectativas do que da própria definição do que seja um “bom pai” para se definir enquanto tal. Em relação à imagem que as pessoas em geral e a esposa têm dele enquanto pai, ele afirma:

É, as pessoas (...) quando me vêem, que eu tô ajudando, né... Às vezes... desperta uma certa curiosidade, sobre se eu tô fazendo alguma troca de fralda... (risos), eu acho que tem uma certa admiração também...

Uai, eu acho que ela me percebe como alguém que tá fazendo aquilo que é possível, né, dentro do... da minha realidade de vida, meu trabalho, meus estudos... Eu acho que ela me percebe como alguém que consegue reservar um tempo... para, para tá com a Marcela. Ela, assim... têm algumas expectativas, mas não só como eu como pai, mas algumas expectativas sobre o meu comportamento de forma geral. E às vezes eu correspondo e às vezes não. Como marido também (...) É, às vezes é assim... Talvez ela tenha expectativa de que... eu pudesse participar igualmente dos cuidados, da mesma forma que... A mesma quantidade de fralda que ela toca eu deveria trocar também... Ou então, ficar ninando a Marcela, né, de noite, até que ela conseguisse dormir... Só que às vezes eu tenho que falar que algumas coisas eu não vou fazer, né, porque eu tenho que cuidar também daquilo que é do meu interesse... Me preservando também na minha saúde, na minha disposição, pra dar conta depois de trabalhar, ou mesmo de fazer alguma das coisas que ela me pede, já que ela tá mais impossibilitada de sair de casa e de resolver qualquer problema, né. Então eu tenho que dizer que... a partir de determinado momento que ela que deve assumir o cuidado sim... Ah, eu acho que ela me percebe de forma positiva, né, alguém que tá ali interessado, presente...

Desse modo, ele mantém uma autoimagem positiva através da afirmação de uma autoimagem criada a partir das expectativas descritas acima. Por outro lado, ele elabora a percepção da esposa em relação a ele como um bom pai a partir da definição do que ele considera ser um bom pai (interessado e presente).

Eu me considero um bom pai... (risos). Porque eu procuro sempre pegá-la no colo, pra que ela se acostume comigo desde pequena, é... eu também já tenho até trocado fraldas... Acontece de vez em quando, mas eu também me disponibilizo para isso... Eu ajudo ela também para dormir, quando ela está mais agitada... (André, 30-39)

André, ao se comparar com o próprio pai retoma os aspectos da presença e interesse para defini-lo como bom pai. Para construir uma imagem positiva de si mesmo, destaca que ele faz mais do que o pai fazia, embora diga em outros momentos que a esposa assumiu todos os cuidados, assim como a sua mãe, e que ele, às vezes, devolve essa responsabilidade para ela, na medida em que precisa se poupar para poder trabalhar no dia seguinte, assim como o seu pai:

Meu pai, eu acho que ele não fazia tudo isso que eu faço... É... meu pai delegou muito os cuidados dos filhos para a minha mãe. É... e minha mãe assumiu a maior parte. Eu sei que meu pai não acordava à noite... mesmo se houvesse necessidade, porque tinha que trabalhar no dia seguinte... mas, quem levava, quem nos levava para a escola, né, pro médico... geralmente, era a minha mãe. Mas, fora isso, meu pai procurava também ser um pai presente... Procurava... ter uma amizade conosco e saber também qualquer coisa que se passava com a gente.

A comparação com o próprio pai apareceu na fala de vários entrevistados e, apesar deles ressaltarem uma série de características negativas, se diferenciando positivamente dos mesmos, fazem um arranjo de forma a apresentá-lo ao final como um bom pai:

Meu pai também foi um bom pai. Ele era assim mais caladão, mas na dele assim, acho que minha mãe que participava mais da... da minha vida assim, mas ele foi um bom pai também... num... nunca deixou faltar nada, sempre teve presente... assim... nunca... Só é mais fechadão, mas, acho que foi um bom pai também. (Armando, 30-39)

Esta contradição, presente na fala de diversos entrevistados merece ser considerada. Ao mesmo tempo que se diferenciam dos pais enfatizando diversos aspectos negativos, parecem querer manter também a todo custo uma imagem positiva dos pais. Isto pode ser explicado a partir de justificativas de diversas ordens, desde o temperamento paterno, como foi visto no exemplo acima, como pelas questões de gênero e geração, que colocam uma forma de agir mais severa ou mais branda conforme o sexo do filho ou como parte de uma educação à moda antiga, que se diferencia da atual. Também pode ser notada a questão de gênero nos casos em que a ausência paterna devido ao trabalho é vista como algo natural:

Meu pai é tudo de bom pra mim. Foi e sempre vai ser, né. Eu vou ser um pouquinho menos rigoroso. Porque ele é muito na risca, sabe. Até pelo fato também de ser filho homem... Porque quando é filha moça você não pode tratar igual você trata um filho homem, né. Então, é mais delicado, é mais conversado e tal... Eu pretendo ser um pouquinho mais delicado e ter um pouquinho mais de compreensão com a minha filha. (Talles, 20-29)

Ah... meu pai já era assim..., a forma da educação dele era diferente porque meu pai só nele olhar para a gente, a gente já sabia o que era né que a gente já tinha errado, talvez se eu aprontasse alguma coisa, só do meu pai olhar eu já sabia que tinha, que já tinha cora mais tarde. Então, ele batia, meu pai batia, meu pai não deixava de bater em nós não, mas é por questões de educar, né, porque a educação deles foi diferente, o negócio deles era bater. Hoje não, hoje em dia você tem que saber como lidar com o filho. Eu acho que um pai tem que saber é... Hoje um pai tem que ser mais igual, eu tô querendo dizer, questões de ser amigo, né. Saber na hora de corrigir, na hora de falar, o filho tem que, né...

No entanto, outra explicação pode ser lançada. Os entrevistados precisam reconstruir constantemente uma imagem positiva de si mesmos. Para isso eles precisam se diferenciar dos pais ressaltando o que têm de melhor. No entanto, não podem denegrir totalmente a imagem paterna, pois, na medida em que consideram que ser um bom pai é principalmente “saber educar/criar/orientar” isso seria depor contra eles mesmos. Seria dizer que não foram bem educados/criados/orientados. Essa retomada da imagem positiva de seus próprios pais nem sempre se dá de forma coerente e consistente. Tampouco exprime fielmente a realidade vivida, pois, conforme as teorias apresentadas, vimos que o processo identitário tem mais compromisso com a constante construção ou retomada de uma imagem positiva, do que com a objetividade dos acontecimentos.

Meu pai sempre foi muito amigo, nunca agiu de violência com a gente... Hoje... depois de maior, né, principalmente depois de saber um pouco mais do que é o mundo, né, de tá maior, de ter estudado... Eu vejo às vezes meu pai assim... Às vezes não respeita muito minha mãe, não respeita muito meus irmãos. Meus irmãos também não respeitam meu pai, minha mãe não respeita. Assim, de... como é que fala... No modo de conduzir uma conversa. Às vezes, parte pra uma agressividade, responde mal assim, mas meu pai nunca agiu de violência com ninguém. Meu pai bebe. Assim, às vezes bebe, aí bebe, aí todo bêbado é chato né... aí vira aquela coisa na família, mas, nada grave, graças a Deus não. Mas assim, mesmo com essas particu... particularidades... Assim, né, eu também discuto com meu pai, embora eu vejo ele pouco, mas o que eu aprendi, que é a melhor herança que eu tenho do meu pai é caráter. É ser homem, ser humano, isso aí eu tenho. Tem muitos defeitos na criação, talvez, por não me forçar muito a estudar. Eu estudei, fiz curso superior por vontade própria, assim... ele achou que era ... que era bobagem, estudar, sempre... assim, meu pai veio da roça e tal, né, eu pensei de outra forma e tô aqui hoje, mas o que eu tenho do meu pai é só coisa boa. (Fabiano, 20-29)

Na verdade é uma situação complicada porque meu pai morreu eu era muito novo ainda... Eu tinha 4 anos. Então assim, eu não cheguei a ter uma referência do que é ser um pai, né, de como era. Eu não tive essa vivência com o meu pai, pra poder te dizer como ele era, como era essa relação, mas eu posso te dizer que o homem que eu sou a sementinha foi plantada nele, sabe. Ele teve também a parcela dele, mesmo que nesses primeiros anos de vida e somente isso, mas eu acredito que ele teve uma parcela de contribuição nessa educação, na minha educação, então é... Eu tenho certeza que ele foi um bom pai enquanto ele esteve presente. (Tércio, 20-29)

É interessante notar que os entrevistados não buscam estabelecer apenas uma imagem positiva de si mesmos, mas também daqueles que contribuem para a construção positiva de sua autoimagem, nesse caso os seus próprios pais.

Já em relação à comparação com os amigos são menos complacentes e se diferenciam deles, na maior parte das vezes, buscando estabelecer de fato uma melhor imagem de si mesmos, através da colocação de outros pais em um patamar inferior ao deles no que diz respeito à responsabilidade, afeto e presença:

Então assim, com os meus amigos, na verdade, o que mudou mesmo em relação a isso, era isso, eu procurava neles assim, uma certa res... é... experiência. Algum ponto, alguma coisa que eles já pudessem me indicar, pra mim poder entrar na vida que eu ia entrar, já sabendo como lidar com certos problemas. Mas já de certa forma, pra te ser sincero, eu descobri que não tinham muito o que pegar porque inclusive alguns dos meus amigos é... Eu vi que era até menos responsável do que eu quanto à criança. (Mário, 30-39)

Tenho amigos, mas nenhum deles acho que é tão apegado ao filho igual eu não. Não... porque eles não para dentro de casa, eles não lembra do filho, só fica na rua... A hora que tem de folga não leva o menino pra... passear, não leva num parque, não leva nada... (Sinval, 30-39)

Apenas um pai considerou a possibilidade de um amigo sentir amor pela filha, assim como ele sente:

Amigos, tenho que são pais. Portanto ele é pai, ele é separado da primeira mulher, né. Hoje ele tem a esposa dele, que... Hoje, nasceu até a filha dele, que chama Maria Flor e, eu creio que ele também tá na mesma fase que eu sabe... Assim, aquele amor todo, com recém-nascido em casa... (Sebastião, 30-39)

Passando para a questão da avaliação dos principais pontos positivos e negativos de ser pai, percebemos que novamente a responsabilidade tem um lugar de destaque na construção identitária da paternidade, uma vez que aparece tanto entre os aspectos positivos como entre os negativos.

A responsabilidade como aspecto positivo traz os sentidos de responsabilidade pela própria vida e com as vidas da filha e da esposa, de cuidar, proteger, de ser feliz e fazer o filho feliz e parece ser ativada e vivenciada como algo positivo tanto pelo amor e carinho que sentem pelo(a) filho(a), como pela afirmação da masculinidade. O amadurecimento os coloca em um lugar privilegiado em relação aos outros homens, como já foi mencionado anteriormente.

Os principais?... Ah, sei lá, é prazeroso. É, mostra maturidade, responsabilidade... ah, num sei. Acho que isso. Eu sempre fui muito criança, muito brincalhão, coisa assim do tipo, mas você tendo uma criança e principalmente uma esposa, você tem que pensar bem no que você faz, é questão de... até de bebida, porque eu gosto de cerveja. Não sou alcoólatra não, mas gosto de tomar uma cervejinha. Antes eu bebia mais quando eu saía com meus amigos. Hoje, por exemplo, eu bebo menos cerveja, rua não fico mais em rua, bar eu não vou mais. Porque eu tenho que tá em casa, né, eu não posso ir pra rua, ir prum lugar e deixar minha família aqui. Sou o protetor delas também. Na rua ou até aqui em casa mesmo. É... não sei, sou o responsável por duas vidas, além da minha, mais duas: a da esposa e da filha. (Fabiano, 20-29)

Ficar mais responsável... crescer como homem... e... ter uma fi... uma pessoa pra cuidar. Você fica muito feliz de ter e fica muito... como se diz... orgulhoso de poder dar para uma pessoa amor, carinho. Então, você tem que corresponder nesse fato de estar feliz e fazer a pessoa feliz. (Reinaldo, 40-50)

Por outro lado, a responsabilidade também é vivenciada como algo negativo, junto com a perda da liberdade de fazer e agir como quiser, ter que colocar o filho como prioridade em detrimento dos interesses e necessidades próprios, principalmente entre os pais com idade acima de 30 anos e escolaridade superior. Houve, no entanto, quem a mencionasse como aspecto positivo e negativo, como foi o caso de Reinaldo:

A carga de responsabilidade, então você tem que ser exemplo, né... Então, daqui pra frente eu vou ter que ser exemplo. Então, eu vou ter que ser responsável por causa desse exemplo. Nisso, você tem que ser uma pessoa mais certa pra você demonstrar para pessoa que vai crescer ao seu lado o lado certo também, né. Então, você tem que caminhar... trilhar coisas certas pra ensinar o lado certo também. (Reinaldo, 40-50)

Eu acho que é a responsabilidade que a gente passa a ter... a preocupação... é ter que pensar nas necessidades dela em primeiro lugar, depois naquilo que nos interessa... é estar ali... é uma preocupação, mas é algo da função do pai também, né, estar ali sempre presente, mas pode ser que em alguns momentos, eu gostaria de fazer alguma coisa do meu lazer ou do meu estudo e aí eu tenho que abdicar disso em prol de ficar com ela. (André, 30-39)

No que se refere ao relacionamento com o filho no futuro, os pais têm de modo geral expectativa de que tenham um bom relacionamento, pautado pela amizade, tanto daqui a 5 anos como daqui a 15 anos. Esta expectativa é embasada no relacionamento mais próximo física e afetivamente que eles afirmam querer construir e no modo como lidam com o(a) filho(a) no cotidiano. O pai se projeta como uma figura amiga, que procura fazer tudo o que pode, desde já, para construir um bom relacionamento com o(a) filho(a).

Olha, pelo o que eu estou buscando construir no momento, eu acho que vai ser muito bom, porque eu estou buscando ter essa proximidade com ela, me fazer conhecido. Eu acho que vai ser muito bom... (André, 30-39)

No entanto, embora a maioria considere que serão amigos, a questão da autonomia dos filhos se faz presente com grande força quando os pais passam a refletir sobre o relacionamento com eles daí a 15 anos, no momento em que os filhos estarão adolescentes. Alguns expressam uma maior tranquilidade em relação a essa autonomia, e enfatizam que estarão ao lado, dando suporte e sendo amigos. Outros expressam algumas dúvidas e medos mais ou menos intensos se os filhos irão seguir o caminho que eles consideram ser o caminho correto.

Daqui a 15 anos...? Acho que vai ser bem semelhante... daqui a 15 anos acho que ela já vai tá... estudando, já vai tá querendo tomar o caminho dela, acho que o máximo que eu vou poder fazer é dar o suporte que ela precisar, que as decisões eu acho que a partir desse ponto, acho que ela mesma já pode tomar. (Felipe, 20-29)

4.1.3. Componentes Emocionais

Como pode-se perceber, alguns dos componentes emocionais, como amor e carinho já aparecem dentre os componentes cognitivos e avaliativos, como na definição de pai e de bom pai, na autoavaliação, no modo como é percebido pelos outros, nos aspectos positivos da paternidade. Os medos também aparecem, principalmente quando questionados sobre como será o relacionamento com o filho daqui a 15 anos, quando os filhos estarão adolescentes.

Grande parte dos pais, que afirmaram sentir amor e carinho pelos filhos, também relataram uma experiência anterior de afeto: com outras pessoas em geral, com o próprio pai (como pode ser visto na fala de Rogério), e principalmente com a esposa/companheira.

Eu sou carinhoso com os filhos dos outros, com todo mundo, eu paro, comunico, cumprimento, né. Então, na minha comunidade, como no meu trabalho, eu recebo, né, criança assim novinha de colo até adulto, né. Então, assim... eu tento ser o melhor. Eu sou o melhor para os meus amigos, então eu tenho que ser o melhor para o meu filho também, né... Então assim, da mesma forma que eu trato com carinho o filho do outro eu tô tentando tratar ele o melhor mesmo. (Manuel, 30-39)

Sempre que ele tava junto com a gente era muito... muito carinhoso... (Rogério, 40-50)

A alegria também aparece entre as emoções dos pais entrevistados:

É uma alegria a cada dia... um descobrimento a cada dia, experiência nova a cada dia, é um negócio muito bacana... muito legal. (Armando, 30-39)

Ao serem questionados especificamente sobre os medos, os pais parecem ter medo principalmente de não conseguir que o filho siga o caminho que eles consideram ser o correto, ou seja, têm medo de falhar na sua missão de educar bem os filhos. Por outro lado, eles enfatizam a falta de controle que terão a partir de um certo momento sobre as escolhas do(a) filho(a), devido à autonomia dos mesmos:

Perder minha filha pro mundo mesmo... Droga, sexo, ela não querer estudar, eu não conseguir colocar isso na cabeça dela, essa consciência da importância que é o caráter do ser humano, da importância do estudo. (Fabiano, 20-29)

Meu maior medo.... Ah... medo de não... saber... Medo de não educar meu filho da maneira certa... da gente não poder fazer tudo pra ele. Mas, isso é coisa que a gente tem que correr atrás... pra não deixar acontecer. Mas, tirando isso, não tem mais nada que assim, possa fazer. (Mário, 30-39)

Os pais também trazem o medo da morte deles ou dos filhos, de se afastarem dele por separação da companheira, medo da violência, medo de não conseguir prover o filho do que ele precisar. Todos esses fatores se relacionam à possibilidade de acontecerem fatalidades, situações que fogem do seu controle.

Medo? De perdê-la. Ah, dela ir embora... Dela morrer antes de morrer, né. (Felipe, 20-29)

Ah, meu medo é que não aconteça nada de mal com elas, né, com ela e com outro filho que eu venha ter. Tenho medo assim da sociedade, como está atualmente. Pessoas que a gente acredita serem confiáveis, né, fazem coisas que não deveriam, né. Às vezes bate na criança, abusa... Ou então mesmo, né, dela tá ali na rua, sofrer um assalto, né, de alguém fazer alguma maldade com ela. (André, 30-39)

Dentre as principais alegrias estão ver o(a) filho(a) estudando, formado(a), ser um bom profissional, bem sucedido(a) profissionalmente, ver que se tornaram pessoas de bem, de caráter, ver que estão felizes e realizados. A maior alegria que um pai pode ter: provar, finalmente, que foi um bom pai, que soube educar e que agora o filho está colhendo os frutos desta boa educação.

O dia que ele formar na faculdade, isso aí, lógico... isso aí não tem nem que ver e conseguir um bom emprego, mas primeiramente formar na faculdade. É um bom começo. Independente do curso que ele escolher, independente do curso que ele escolher, é formar, ser um bom profissional, levar as coisas a sério, pra poder ser um bom profissional. Acho que vai ser a minha maior alegria. (Tércio, 20-29)

É... a realização dela como um ser humano do bem. De caráter, a palavra aí é caráter. Ela sendo uma pessoa que não faz mal pra ninguém, nunca queira tirar vantagem de ninguém e que tenha capacidade de ajudar sempre as pessoas que precisam. (Fabiano, 20-29)

Os componentes emocionais englobam também as atividades que gostam e que não gostam de realizar.

Dentre as primeiras, as atividades de lazer sobressaem, bem como as atividades de contato, que podem ser compreendidas como o modo pelo qual os pais vão criando uma relação de amizade com os filhos: através das brincadeiras, passeios e proximidade física e afetiva.

Ah, eu gosto de brincar, pegar ela no colo, ficar apertando as bochechas dela, ficar brincando com ela, isso sempre que eu chego do serviço. Quase todos os dias. (Talles, 20-29)

Estas atividades são prazerosas, mais relacionadas ao ambiente externo (passear) e proporcionam divertimento e elogios, que satisfazem tanto a eles como aos filhos, trazendo aos pais tanto avaliações como emoções positivas.

Ah, passear com ela na rua. É... de carrinho, ela fica na maior metideza, todo mundo mexe com ela e tudo mais... Elogia que ela é bonitinha e tudo mais, e aí a gente acha bom, né. O que eu mais gosto é isso. Aí, no mínimo uma vez por dia, mas tem dia ... Igual hoje que eu to de folga, hoje eu fui na rua com ela 4 vezes. Depende do dia, vai no Carrefour, vai ali embaixo. A oportunidade que eu tenho de sair com ela na rua com ela, eu vou. Porque ela gosta muito de ir pra rua. (Fabiano, 20-29)

As atividades que eles mais gostam são realizadas com grande frequência, diferentemente daquelas que eles afirmam não gostar, principalmente as atividades de higiene e fazer o(a) filho(a) dormir. Estas atividades são realizadas na maior parte das vezes pelas mães das crianças e, raramente, somente quando não têm outra opção, pelos pais.

Trocar fralda. Fralda de cocô (risos). Primeiro, ela não fica quieta, né, e cocô é foda... Cocô ninguém agüenta... Aí, tem sempre, é lógico que eu troco, né, mas sempre que dá pra Cláudia trocar, eu peço pra ela trocar. São poucas as vezes, geralmente quando a Cláudia às vezes não está aqui, ou quando ela tá tomando banho, ou sai. (...) Maioria das vezes a Cláudia é que troca e dá o banho. Banho eu nunca dei, acho que uma vez só. Eu sei fazer, mas eu prefiro que ela faça. Eu prefiro que ela faça. Não sei por quê. Não sei se ela tem mais habilidade. Não sei. (Fabiano, 20-29)

Através desses aspectos podemos perceber a desigualdade de gênero presente. Aquelas atividades consideradas insuportáveis ou difíceis de serem realizadas são delegadas à esposa/companheira. Aqui pode-se perceber novamente as antinomias, desta vez entre os grupos de homens e mulheres: mulher tem mais habilidade, homem é mais grosso. Essa

característica atribuída por Fabiano à sua companheira pode ser entendida como dizendo respeito ao conjunto de mulheres, sendo assim uma justificativa que divide o que devem ser atribuições femininas e masculinas. Essa lógica perpassa em alguns momentos as práticas paternas, como veremos a seguir.

4.1.4. Práticas

Entendendo a identidade como uma condição da ação, ou seja, um instrumento que serve a um fim prático, as práticas sociais podem ser compreendidas como articuladas aos três componentes identitários explicitados anteriormente. Agimos conforme aquilo que acreditamos ser adequado ao que somos, conforme aquilo que acreditamos que irá ser avaliado de forma positiva e conforme as emoções suscitadas por estas práticas.

Estes três fatores implicam relações intergrupais na medida em que a definição identitária ocorre no cruzamento das nossas diversas pertencas e é realizada na contraposição a outras identidades, ou seja, a outros grupos. Sendo assim, essas pertencas e oposições aos mais diversos grupos serão mais ou menos preponderantes em cada situação e definirão os modos de ação.

As práticas são os aspectos que trazem uma maior diferenciação dos pais com relação à idade. Essas diferenciações despontam desde o planejamento do primeiro filho até o planejamento em relação a ter outros filhos. A gravidez do primeiro filho não foi planejada pela maioria dos pais mais novos e ter outros filhos, por outro lado, não faz parte dos planos, principalmente, dos pais mais velhos.

Oh, na atualidade é a melhor coisa do mundo. Uma experiência única. Pena que foi muito tarde e eu vou ter... só um filho. Só um. (Reinaldo, 40-50)

A gravidez e o nascimento do filho surgem como um momento de transição identitária, no qual os pais irão se aproximar de alguns grupos e se afastar de outros, irão deixar de fazer certas coisas e passarão a fazer outras, buscando uma coerência e afirmação identitária.

Essas transições terão início para alguns desde a gravidez e para outros apenas após o nascimento do(a) filho(a). O relacionamento com a companheira, o lazer, o relacionamento

com os amigos e o trabalho são os principais aspectos que se modificam durante a gravidez e após o nascimento há mudanças significativas tanto nesses aspectos como também no relacionamento com a família de origem e a religião. O fator etário terá um peso importante em algumas dessas mudanças.

Durante a gravidez, os pais, de modo geral, se aproximaram das suas companheiras e tiveram mais afeto e cuidado com elas. Em sua maioria, esse cuidado era devido ao fato de considerarem que elas se mostravam mais nervosas, ansiosas e preocupadas do que o de costume.

Priorizaram assim o relacionamento conjugal em detrimento do lazer, do relacionamento com os amigos (principalmente os mais novos) e se mostraram preocupados com as esposas/companheiras e com o filho que estava sendo gerado, até mesmo durante o trabalho. Alguns mudaram inclusive a rotina de trabalho para se dedicarem, mais a família.

Meu trabalho é um trabalho que, às vezes, eu tenho que ficar até mais tarde. Então, durante a gravidez, é... até um pouco tempo depois que ele nasceu, mudou um pouco porque eu tive que realmente impor limites ao meu trabalho, né... Eu tive que sentar, conversar, negociar pra não sair mais tarde. (Tércio, 20-29)

Apesar de menos frequente, houve também mudanças no relacionamento com a família de origem durante a gravidez, sendo que dentre aqueles que consideraram ter havido mudanças, os mais novos se afastaram e os mais velhos se aproximaram. Esse afastamento, tanto da família de origem como dos amigos pode ser relacionado, nesse aspecto, ao fenômeno do “casal grávido”, descrito por Salém (1987), no qual a relação conjugal sobressai sobre todas as outras, principalmente durante a gravidez.

Durante a gravidez, como eu disse também, acho que é... Entra na mesma situação da amizade, assim... porque é... Você tem aquele laço familiar mas naquele momento o mais importante é sua esposa e seu filho, né. Então, eu acho que o tempo principal, você tem que se dedicar à estruturação para receber essa criança, à assistência que você dá a sua esposa, no sentido de dar carinho, dar atenção, não só a ela mas como ao neném. Então, eu acho que a família se encaixa um pouco dentro dessa amizade, é lógico, a família é muito mais importante que os amigos. É que te deu a origem, que te estruturou, no caso a minha mãe e a minha irmã, mas eu acho que neste contexto ela também fica em segundo plano porque o principal é a sua esposa e o seu filho. (Tércio, 20-29)

Em relação à religião, houve uma prevalência dos pais que consideram que não houve mudanças. No entanto, entre aqueles que consideraram que houve há um predomínio dos que consideram que se aproximaram, principalmente entre os pais com idade entre 30 e 39. O

único pai que considera que se afastou é Tércio, que, como já explicitado anteriormente, prioriza a relação conjugal em detrimento de qualquer outro vínculo/atividade.

Tércio exemplifica bem alguns aspectos do fenômeno do “casal grávido”, na medida em que ele abdica de vários aspectos da sua vida pessoal em prol do relacionamento conjugal e participa inclusive do parto:

A hora do parto foi terrível, eu fiquei completamente descontrolado. Depois só que eu entrei na sala de parto que eu vi ela tranquila que eu tranquilizei também. Participei... ativamente (...) Eu sempre fui muito... eu sempre relutei muito em ver, eu não queria... Então, eu acho muito forte, eu não sou muito dessas cenas fortes... mas eu sabia que minha hora ia chegar. Porque o meu filho, eu não podia deixar de ver o nascimento dele. (...) Foi incrível, eu acho que eu não vou sentir na minha vida sensação maior do que essa. (Tércio, 20-29)

Após o nascimento, a aproximação do pai em relação à esposa/companheira parece se manter, principalmente entre aqueles que já tinham um vínculo afetivo forte anterior, como foi demonstrado nos aspectos emocionais. No entanto, parte do tempo e atenção que era direcionado durante a gravidez para o casal, passou a ser dividido com a criança.

O lazer continuou restrito, porém alguns pais consideram o próprio fato de estarem com o(a) filho(a) como lazer, ou seja, parecem desfrutar desse momento.

Ah, pra mim foi melhor, sabe. Hoje eu sou mais feliz, tenho meu filho que sorri o tempo todo pra mim, sabe. Nó, ele é o máximo, sabe. Acho que ele cobriu todo o lazer meu, sabe. Por que só no ver ele ali sorrindo, alegre, estando saudável, saúde, perfeito, pra mim é um grande negócio. Ele pra mim é um lazer porque nós dois brinca o tempo todo. Nós é igual menino, eu e ele... Então, acho que eu voltei até um pouquinho a ser menino com ele sabe... Em vez de ficar mais velho eu fiquei mais novo, nós brincamos o tempo todo, então isso aí pra mim é um grande lazer que eu tenho com ele, sabe, diversão. (Sebastião, 30-39)

Há uma continuidade no afastamento dos amigos após o nascimento (novamente principalmente entre os mais novos) e conseqüente aproximação das pessoas que têm filho, o que demonstra uma nova identificação grupal. O estabelecimento de novas alianças identitárias lhe trará uma imagem de si mesmo mais positiva.

Por outro lado, houve uma aproximação da família de origem (principalmente entre os pais com idade entre 30 e 39 anos) e também da religião.

Mais fé ainda. Todo domingo de manhã, nós vamos na missa e se não der para mim ir, se eu tiver no serviço e se não der tempo de chegar, a gente leva ele pra... tá sempre pedindo a Deus a proteção. Sempre mesmo. A gente já era muito religioso, mas agora aumentou mais ainda. (Sinval, 30-39)

Como pode-se perceber, a chegada do filho traz mudanças nos diversos aspectos da vida dos pais. Os filhos se colocam como a prioridade, o centro da vida dos pais, que passam a ser mais responsáveis, se diferenciando daqueles que não têm filho. A maior aproximação da família de origem também diz respeito a essa centralidade do(a) filho(a) que é significado como o ponto de união, o vínculo de parentesco, o ponto de estreitamento dos laços, principalmente entre a família dos entrevistados e as esposas/companheiras. A aproximação da religião tem diversos significados: fé, busca de proteção e de um caminho certo pro filho seguir.

No que se refere às práticas dos pais no contato diário com os(as) filhos(as), as condições sociais e as necessidades práticas também irão influenciar o modo de agir, embora às vezes de modo superficial, sem no entanto haver uma transformação efetiva no sentido da ação e na identidade paterna. Isso pode ser notado nos resultados em relação aos pais que dizem permanecer mais tempo com suas filhas (Wilson e Reinaldo). Eles enfatizam o caráter momentâneo de uma dedicação quase exclusiva às filhas e, embora Reinaldo tenha cuidado da filha o tempo todo em que a esposa esteve internada, ele faz uma separação nítida dos papéis de pai e de mãe:

Pelo fato da minha esposa ter ficado internada logo no início, que ela teve pré-eclâmpsia e depois teve a síndrome de Hellp, eu fiquei como pai e mãe da menina, olhando ela no hospital, enquanto minha esposa estava no CTI. (Reinaldo, 40-50)

Apesar dos pais demonstrarem afetividade e desejo de estarem mais próximos, os cuidados e principalmente as atividades domésticas ainda são realizados em nossa sociedade predominantemente pelas mulheres e os homens começam a aparecer nesse cenário ainda timidamente, como coadjuvantes, como “substitutos” da mãe, momentaneamente, quando necessário, como ajudante ou auxiliar.

Nenhum casal conta com a ajuda de uma babá e aqueles que têm empregada raramente solicitam sua ajuda para auxiliar nos cuidados com a criança. A presença de uma pessoa de fora é vista por eles com desconfiança, como alguém que pode agir com violência ou causar algum mal à criança e alguns sugerem que optaram por cuidar eles mesmos:

Não, babá eu não gosto de deixar, porque o que você mais vê hoje é violência contra criança. Aí eu não optei por deixar baba olhar não. (Talles, 20-29)

Ao invés de dobrar o serviço pra pagar uma empregada eu prefiro fazer o serviço de casa e ficar com ela e com a Cláudia o dia inteiro, do que deixar alguém cuidando delas. (Fabiano, 20-29)

Quando mencionam alguma ajuda para além do casal, normalmente se referem a uma ajuda feminina e de pessoas da família. No entanto, a maioria deles deixa claro o carácter de ajuda, sendo a responsabilidade principal da esposa ou do casal. Esses aspectos também fazem parte da ideologia do “casal grávido”, de que o casal é que deve se ocupar dos cuidados com as crianças.

É, a minha esposa que assumiu esse cuidado com a Marcela, né. Agora, ela assumiu sabendo também que a mãe dela, né, que é aposentada poderia estar presente para ajudar... a irmã dela também, e até mesmo a minha mãe, né. Então, sabendo que ela teria uma ajuda das pessoas da família, que muitas vezes gostam de ir lá, de acompanhar o crescimento... Mas, o cuidado primário é dela. É, eu ajudo naqueles momentos que eu estou em casa. A empregada ajuda pouco... nesse sentido. A empregada mais cuida das coisas de casa mesmo... é algo que a empregada pode ajudar no momento que está só minha esposa e minha filha em casa e a empregada e aí minha esposa precisa tomar banho... né, aí não teria ninguém ali pra socorrer se... aí a empregada tá ali por perto... o que, no mínimo, facilita isso. Minha cunhada... não tem um dia fixo. Geralmente a minha esposa que convida, mas mesmo assim deixa aberto... ‘Olha, o dia que você quiser ir lá, você pode ir, que eu me ajudo...’ (André, 30-39)

Apesar de alguns afirmarem que eles assumiram o cuidado, na prática, a maioria deles, principalmente os mais novos, se vincula ao grupo de homens que realiza menos atividades voltadas para os filhos em oposição ao grupo das mulheres que realiza mais atividades, ou detém toda a responsabilidade em relação aos cuidados.

Houve, no entanto, alguns pais que tentaram mostrar que também realizam muitas atividades ou que pelo menos contribuem, apesar da esposa/companheira realizar mais, principalmente os pais com idade entre 30 e 50 anos.

Ah, deixo mais por conta da mãe em termos de lavar a roupa, preparar a roupa dela, é... o banho, deixo mais pra ela também. As outras coisas a gente faz junto, cada hora um faz... Durante a noite a gente faz um revezamento... Um levanta, troca, dá mamadeira. (Reinaldo, 40-50)

Uma pequena parcela dos pais afirma realizar mais atividades do que a companheira: apenas 2 entre os 14 pais. Wilson reitera o carácter momentâneo da sua maior dedicação, ou seja, apesar de cuidar mais da filha está substituindo a esposa/companheira numa função que seria dela. Já Sebastião, mostra-se solidário ao cansaço da esposa e utiliza-se de uma característica masculina para justificar o maior cuidado com o filho. Desse modo, todos eles afirmam sua masculinidade, seja negando a realização das atividades consideradas femininas, seja justificando a realização das mesmas como auxiliar ou substituto, ou ressignificando a grande participação através da maior resistência masculina.

No momento, tá sendo... tá sendo eu mesmo. Eu faço mais atividade assim com ela. Eu que faço mais, né... no momento, pra mãe dela ir trabalhar. A mãe dela chega tarde. (Wilson, 20-29)

Muitas vezes, a Maria dá banho nele, muitas vezes é eu. Mas é eu que troco fralda dele. Agora, à noite é mais eu, que Maria tá cansadinha, igual... Ela trabalha o dia todo em pé, né, e eu também, mas eu tenho mais pique, sabe... Eu, por ser homem, então acho que homem é mais resistente um pouco, então, à noite, eu olho ele mais lá. (Sebastião, 30-39)

Embora haja uma divisão desigual do trabalho, quase todos os entrevistados afirmam não haver nada que se recusem a fazer, com exceção de Wesley, que afirma não gostar de dar mamadeira por medo de sufocar. Este fato pode demonstrar uma maior flexibilidade e abertura dos pais na negociação das atividades a serem realizadas com os filhos.

No conjunto das entrevistas, são raros os exemplos em que os pais afirmam que a esposa/companheira solicita ou gostaria que ele participasse mais. A maioria dos pais considera que suas esposas/companheiras os avaliam como bons pais, ou seja, consideram que eles têm exercido de modo satisfatório aquilo que lhes cabe, apesar delas exercerem, no geral, a maior parte das atividades.

Como podemos perceber, a vivência da paternidade é perpassada por diversos aspectos. Todos os pais procuram a partir dos seus recursos objetivos e subjetivos construir uma autoimagem positiva. Alguns conseguem com mais facilidade, outros parecem vivenciá-la sob maior tensão e constante negociação entre os seus diversos grupos de pertença e suas respectivas expectativas.

4.2. Segunda parte: Dialogando.

Apresentaremos agora as relações entre os resultados encontrados na presente pesquisa e os encontrados em pesquisas sobre paternidade desenvolvidas recentemente.

O fenômeno do “casal grávido” que segundo Salém (1987) emergiu na década de 80 nas camadas médias dos grandes centros metropolitanos parece ter disseminado alguns dos seus aspectos para outros grupos e, por outro lado, outros aspectos parecem ter perdido força. Sendo assim, dificilmente encontraremos o fenômeno tal como era encontrado no seu início, uma vez que ele surge num momento histórico específico e é permeado por ideais e valores típicos de um determinado grupo.

Dentre os aspectos que se mantiveram para os nossos entrevistados podemos citar uma maior proximidade durante a gravidez e parto, conforme já foi mencionado e exemplificado anteriormente, o acompanhamento dos pais às consultas médicas e a frequência a grupos de pré-natal.

Então quando ela ficou, nós ficamos grávidos né, porque ela e eu to ligado, acompanhando o dia a dia (...) A gente cuidou, a gente... Nós fizemos curso né, de papai e mamãe pra cuidar do bebê né, nós compramos livros de acompanhamento de evolução da criança, então a gente curtia assim, todos os dias né, todos os meses, as semanas (...) (Manuel, 30-39)

Por outro lado, embora alguns pais valorizem a relação conjugal também se mantém fortemente vinculado a sua família de origem e aos seus amigos, diferentemente do que ocorria com a maioria dos pais entrevistados por Salém (1987). A desvinculação desses grupos, foi encontrada predominantemente entre os pais mais novos na presente pesquisa, principalmente durante a gravidez.

Já o parto natural parece ter perdido a sua força atualmente, já que não foi mencionado por nenhum dos entrevistados.

A crise do projeto do casal grávido disparada após o nascimento do bebê, devido a “tensões lógicas inerentes ao princípio de organização individualista” (Salém, 1987, p.27) pode ser percebida na presente pesquisa por alguns pais, que ora consideram as necessidades do casal, ora as seus interesses individuais.

Alguns pais que, durante a gravidez se voltaram mais para o casal demonstram após o nascimento do filho um resgate da sua individualidade, conforme os pais investigados por Salém (1987) que embora tivessem “o intuito de dedicação integral ao bebê em princípio por tempo indeterminado (...) no universo investigado variava (salvo raríssimas exceções) de quatro meses a um ano” (p. 185).

Outros estudos obtiveram resultados semelhantes ou que podem ser articulados aos encontrados na presente pesquisa. Entre eles podemos citar o de Moreira et al. (2009), que ao entrevistar crianças baianas de diferentes condições econômicas sobre suas percepções em relação à diversos membros de suas famílias perceberam os pais principalmente como figuras lúdicas, ou seja, essa percepção vai ao encontro das atividades que os pais da presente pesquisa afirmaram gostar de realizar.

Ainda em relação aos aspectos emocionais, as principais preocupações e medos relatados pelos pais durante a gravidez, nos estudos de Krob et al. (2009), Piccinini, et al. (2009) e Bornholdt et al. (2007), são bastante semelhantes aos encontradas no presente

estudo: medo em relação à saúde da esposa e do bebê, à má formação fetal, às adversidades do mundo contemporâneo e ao período adolescente.

Bornholdt et al. (2007) também encontraram que a gravidez é vivenciada pelos pais como um momento de transição e de redimensionar valores e prioridades na vida do casal. Esses aspectos foram encontrados em nossa pesquisa quando os pais foram questionados sobre a importância de um filho na vida de um homem e também perpassa as falas dos entrevistados quando se referem às mudanças tanto durante a gravidez quanto nos primeiros meses de vida da criança.

Também encontramos resultados semelhantes aos de Palma & Quilodrán (1997), que entrevistaram homens jovens pertencentes a estratos populares urbanos no que se refere à vinculação afetiva com o filho. As autoras encontraram que os pais que já tinham uma relação mais estável e perpassada por sentimentos como amor e carinho pela esposa/companheira tinham maior facilidade de se vincularem afetivamente aos seus filhos. Esta maior estabilidade e vinculação afetiva parecem diminuir a incerteza que perpassa a questão da paternidade (C. Fonseca, 2005).

Além do vínculo afetivo estabelecido anteriormente com a esposa/companheira, outro fator que pode ter influência no modo como é vivenciada a paternidade é o contexto da gravidez. Como foi visto, a gravidez ainda é vista como uma decorrência natural do casamento (Andrade et al. 2006), e, portanto, é valorizada socialmente nesse contexto. Alguns pais que tiveram filho(a) antes de se casarem ou viverem juntos demonstram menor vinculação afetiva com seus filhos e tendem a se avaliar de maneira mais negativa que os outros. Alguns desses pais não relataram durante a entrevista aspectos emocionais como amor, carinho e alegria, presentes no discurso dos outros pais. A percepção deles em relação ao modo como as outras pessoas o percebem também é mais negativa e eles têm idade entre 20 e 29 anos. O modo como eles imaginam que são percebidos pelos outros se assemelha ao modo como segundo Medrado et al. (2005) os adolescentes são percebidos: como aventureiro, irresponsável, onipotente, imprudente e imaturo, o que parece demonstrar que há uma expectativa social atualmente de que os pais tenham filhos cada vez mais tarde e dentro de um contexto específico (casamento/união estável).

Por outro lado, as expectativas sociais de maior participação/presença masculina no âmbito doméstico também vêm ganhando força e sendo mais disseminadas na sociedade como um todo, o que também contribui para a avaliação negativa que alguns pais fazem de si mesmos por serem pais ausentes ou pouco participativos.

Embora Sutter e Bucher-Maluschke (2008) e Salém (1987) afirmem que o modelo da paternidade mais participativa estaria mais presente entre os pais com escolaridade superior dos estratos médios, encontramos que os fatores acima parecem ser mais significativos do que a escolaridade no que se refere a vivência de uma paternidade mais ou menos participativa atualmente. Dentre os nossos entrevistados, aqueles que afirmaram participar mais do que a companheira/esposa dos cuidados com os filhos estão os pais que estudaram até o ensino fundamental e que ganham pouco mais de um salário mínimo.

Talvez possamos dizer que atualmente a “nova paternidade” já tenha sido disseminada entre outros grupos sociais. Oliveira (2010), investigando pais de baixa renda, também encontrou nos aspectos centrais da representação social de pai elementos do que se convencionou chamar “nova paternidade”, como maior proximidade afetiva e cuidado com os filhos.

Esta disseminação da “nova paternidade” é importante na medida em que propicia tanto relações mais igualitárias entre homens e mulheres quanto uma outra possibilidade de construção e afirmação de uma identidade positiva entre os pais de baixa escolaridade e renda, para além do prover. Segundo Olavarría (2001), esse é um dos pontos fundamentais de construção da identidade masculina, que no entanto gera grande pressão, principalmente entre os que tem trabalhos mais precários ou estão desempregados. Desse modo, a ampliação da “nova paternidade” é importante na medida em que esses pais sentem satisfação por cuidar dos filhos e podem, por esta via, construir uma autoimagem valorizada.

Por outro lado, assim como Trindade (1997) encontrou que apenas os pais de escolaridade superior reconhecem aspectos negativos em seu relacionamento com os filhos, também encontramos dentre os aspectos negativos da paternidade as respostas “responsabilidade” e “perda da liberdade” exclusivamente entre os pais de ensino superior, o que parece ter a ver com a maior autonomia que eles tinham antes de ter o filho e a necessidade de priorização de outras atividades em detrimento daquelas que estavam acostumados a realizar.

Embora alguns pais sintam as mudanças desde o nascimento do filho, outros consideram que ainda não têm muito o que realizar com o filho. Isso pode ser relacionado ao estudo de Rodrigues (2000) que mostra que a importância dada ao pai em relação ao desenvolvimento dos filhos vai crescendo na medida em que esses crescem e se tornam adolescentes, sem, no entanto, igualar ou superar a importância atribuída à mãe em nenhum momento.

Em relação à questão geracional, Unbehaum (2000) mostra como os pais de camadas médias na década de 90 buscam diferenciar-se dos seus pais, sendo mais presentes e afetuosos com seus filhos. Esses aspectos também foram encontrados na presente pesquisa, principalmente a questão da ausência paterna, que é colocada pela maioria dos pais quando falam de como seu pai era e enfatizam o desejo de ser um pai mais presente do que ele foi. Há também uma diferenciação no relacionamento entre pais e filhos no que se refere a questão da autoridade. Os pais procuram estabelecer uma relação mais igualitária do que hierárquica com seus filhos, de amizade, diálogo e proximidade, que também tem a ver com os ideais éticos apontados por Salém (1987).

Ainda no que se refere a questão geracional, alguns autores como Olavarria (2001), Villa (1997), Scott et al. (2005) e Dominguez (1998) apontam para as diferentes percepções de homens de diferentes idades, com relação a questões como afeto e cuidado infantil, responsabilidade contraceptiva, sexualidade e divisão sexual do trabalho, respectivamente. Percebe-se nos três primeiros estudos uma maior ênfase na igualdade no que se refere aos aspectos citados por parte dos homens mais jovens se comparados aos homens de gerações anteriores, o que nos levaria a crer que talvez eles estejam mais dispostos a vivenciar uma nova forma de masculinidade e paternidade. Já Dominguez (1998) constatou que os adolescentes mais jovens tendem a perceber a divisão sexual do trabalho como algo desejável. Em contrapartida, os adolescentes mais velhos, por já terem passado por alguns relacionamentos tendem a relativizar mais as posições. Por outro lado, todos os autores enfatizam aspectos em comum entre os homens mais jovens e os de gerações anteriores.

Ao compararmos os pais das três faixas etárias, percebemos que os da faixa de 30 a 39 são de modo geral os que mais se aproximam do que seria considerado o “novo pai”, enfatizando em seu discurso e práticas uma maior igualdade em relação à esposa no que se refere a alguns dos aspectos citados acima como afeto e cuidado infantil, responsabilidade contraceptiva e divisão sexual do trabalho. Todos os pais dessa faixa etária estão empregados e grande parte deles se mostra satisfeito com o seu trabalho. As esposas/companheira dos pais dessa faixa também estão em sua maioria empregadas ou já trabalharam anteriormente e contribuem significativamente com a renda familiar, o que os coloca em maior condição de igualdade e talvez de maior necessidade/exigência de maior divisão de cuidado com o(a) filho(a). Diferentemente, a maioria das esposas/companheiras dos pais da faixa de 20 a 29 não trabalha e também entre esses casais a maioria não planejou a gravidez. Dessa forma, o que sobressai para esses pais é a necessidade de prover, pois, a maioria deles é, nesse caso, o responsável exclusivo por essa tarefa. Entre os pais com idade entre 40 e 50 também podemos

observar que há uma maior igualdade na divisão das tarefas entre o casal no qual os dois trabalham.

Os pais da faixa etária de 30 a 39 também demonstram maior satisfação em relação à vivência da paternidade, com raras exceções. Dentre aqueles que consideraram que a idade influenciava os aspectos positivos e negativos de ser pai, apenas os pais dessa faixa consideraram que tiveram o filho em boa hora. Os pais mais novos citam a questão do amadurecimento, das condições financeiras, e que teriam outras prioridades se fossem mais velhos e já um pai da faixa entre 40 e 50 diz que se fosse mais novo seria mais jovial e teria mais tempo de vida/convivência com a filha.

Essas diferenças na avaliação da influência da idade na vivência da paternidade podem ser analisadas a partir das expectativas sociais. Como foi dito anteriormente, a paternidade é bastante valorizada a partir do momento em que os homens já conquistaram uma estabilidade profissional e financeira e estão vivendo um relacionamento conjugal estável. Sendo assim, aqueles que ainda não atingiram esses critérios tendem a considerar que seria melhor se fossem pais mais velhos e, por outro lado, aqueles que já alcançaram esses aspectos há mais tempo parecem considerar que houve um atraso na vivência da paternidade, ou seja, já deveriam ter sido pais mais cedo.

Esta questão, no entanto, não é perpassada apenas pela questão etária, pois, apesar de serem poucos, pais da faixa de 30 a 39 anos também consideram que a idade deles influencia negativamente no amadurecimento e nas condições financeiras e citam ainda que se fossem pais mais velhos talvez não sentissem tanto a perda da liberdade de fazer algumas coisas. Os pais que apontam a relação entre idade e conclusão da formação escolar possuem escolaridade superior. Sabemos que as expectativas de escolarização e inserção profissional são diferentes para os diversos grupos sociais, gerando cobranças para aqueles que ainda não conseguiram cumpri-las.

Como podemos perceber, são vários os fatores que estão presentes na construção da identidade paterna e os pais buscam, dentre as suas possibilidades, negociar as expectativas sociais dos seus diversos grupos de pertença, no intuito de construir uma autoimagem positiva.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendemos a achar que as mudanças sociais surgem como forma de substituição dos valores antigos pelos novos valores. No entanto, o que se percebe é que coexistem em nossa sociedade diversos modelos e práticas, consonantes com valores e significados tradicionais e contemporâneos.

A análise dos dados nos mostra que embora haja um compartilhamento dos significados da paternidade, o fator geracional relaciona-se diretamente à variação nas atividades cotidianas dirigidas ao(à) filho(a), não havendo, entretanto, um maior grau de participação diretamente vinculado à menor idade dos pais. Os pais de 30 a 39 anos se mostraram mais participativos, realizando um maior leque de atividades e mais satisfeitos do que os mais novos, o que pode ter a ver com o fato de terem nascido e vivido a sua juventude no momento em que os valores igualitários estavam emergindo e se dissipando pela sociedade.

A presente pesquisa possui limitações referentes ao pequeno universo de sujeitos entrevistados, principalmente na faixa etária de 40 a 50, pois, foi difícil encontrar pais que se enquadravam dentro do perfil delineado nessa faixa etária, o que impossibilitou uma maior comparação entre os sujeitos dessa faixa e os demais. No entanto, foi possível perceber que as condições de trabalho dos pais e de suas esposas/companheiras, o planejamento da gravidez e as expectativas pessoais e sociais são aspectos que influenciam significativamente a vivência da paternidade nas diversas idades.

O feminismo e os movimentos pelos direitos das crianças e adolescente surgidos na segunda metade do século passado conseguiram trazer a tona um discurso que enfatiza valores como igualdade e relações menos hierarquizadas entre pais/filhos e entre homens/mulheres. Conseguiram também disseminar esse discurso de forma significativa desde o seu surgimento até os dias atuais pelas diversas classes sociais. A mídia parece ter um importante papel nesse sentido, principalmente a televisão, por ser um instrumento de mídia que atinge grande parte da sociedade e utiliza, como vimos anteriormente, muitas vezes, do discurso de especialistas para construir novos valores ou reiterar valores tradicionais.

No que diz respeito à relação entre pais e filhos, os pais parecem de modo geral ter incorporado de forma mais efetiva essa relação mais igualitária, enfatizando a amizade como base do relacionamento com seus filhos e agindo também na maioria das vezes em consonância com esses valores. Ressaltam a autonomia dos filhos quando esses estiverem

adolescentes, reconhecendo-os assim como sujeitos que possuem direito de escolha sobre o modo como irão conduzir a própria vida. Cabe ao pai orientá-los e educá-los da melhor forma possível, para que eles depois escolham seu próprio caminho.

Já no que se refere a relação com a esposa/companheira o que se percebe é que muitas desigualdades persistem e por outro lado, as práticas mais igualitárias nem sempre têm visibilidade. A socialização de gênero faz com que homens e mulheres aprendam e se sintam responsáveis por fazer coisas diferentes uns dos outros e naturalizem portanto essas diferenças socialmente construídas, enfatizando em grande parte a falta de habilidade do sexo oposto para a realização de certas tarefas. As instituições também permanecem em grande parte tradicionais e não acompanham o ritmo das transformações sociais, o que dificulta a passagem dos valores às práticas.

Como vimos, a identidade é construída de forma estruturada e a identidade de gênero parece ser um dos pontos centrais nessa estruturação, portanto, difícil de ser alterada. Isso traz repercussões significativas para pensarmos nossas práticas e intervenções, na medida em que nos coloca a impossibilidade de substituir totalmente padrões e significados já consolidados. No entanto, podemos ampliar as possibilidades de significação, para que os conteúdos já incorporados possam ser ampliados e ressignificados por meio desses novos elementos, respeitando o que já foi construído pelo sujeito e possibilitando que ele encontre novas formas de afirmação de uma identidade positiva.

Por outro lado, intervenções visando modificar as práticas podem ser pensadas e talvez esse seja um momento histórico propício, uma vez que já houve uma transformação nos sentidos que se vinculam a paternidade. Os pais afirmam que não há nada que se recusem a fazer, embora afirmem que há muitas coisas que não sabem, ou que a esposa/companheira faz melhor do que eles. Segundo Mannheim (1982), o processo de desestabilização deve “começar a partir do nível reflexivo e aprofundar-se até o estrato dos hábitos” (p.83). Implementar ações visando uma socialização de gênero mais igualitária com crianças, adolescentes também pode ser interessante na medida em que esses ainda tem um quadro de referência pouco consolidado, ou seja, estão mais abertos as mudanças pois lidam com as mesmas através de um “contato original” (Mannheim, 1982). Essas intervenções devem ocorrer paralelamente a outras intervenções com os adultos responsáveis pela educação dessas crianças e com a sociedade como um todo, através dos meios de comunicação, debates, modificações das leis e implementação de políticas públicas.

A Teoria da Identidade Social também traz importantes contribuições para pensarmos as nossas práticas enquanto profissionais nos diversos campos que lidam cotidianamente com

a questão da paternidade. É preciso criar um espaço de valorização das diversas formas de paternidade nas instituições jurídicas, hospitalares, na escola e na família. O cuidado, de um modo geral, precisa ser mais valorizado em nossa sociedade como parte da experiência humana e não apenas das mulheres, na medida em que é importante tanto para quem é cuidado como pra quem cuida. Estabelece vínculos de afeto e traz satisfação para ambas as partes.

Importantes iniciativas nesse sentido já vem sendo desenvolvidas nos últimos anos e aqui no Brasil merece destaque as ações desenvolvidas pelo Instituto Papai, uma organização não governamental fundada em 1997 em Recife. Esta ONG vem desenvolvendo diversas ações e pesquisas junto a homens e jovens em situação de pobreza a partir da perspectiva feminista e de gênero, como por exemplo a cartilha “Homens também cuidam! Diálogos sobre direitos, saúde sexual e reprodutiva, paternidade e relações de cuidado”, em parceria com o Fundo de População das Nações Unidas (UNFPA) e o projeto de ampliação da licença paternidade, dentre outras. Essa cartilha busca desnaturalizar as diferenças de gênero, mostrar que os homens também cuidam (embora esse cuidado ocorra muitas vezes de modo diferente dos cuidados femininos) e valorizar o cuidado consigo e com os outros, mostrando que cuidar também faz bem para os homens.

Pesquisas e ações que compartilham desse enfoque e perspectiva devem ser incentivadas, bem como estudos sobre o modo como a mídia contribui na construção dos diferentes modelos de ser pai. Outras formas de parentalidade para além da presente na família nuclear, como famílias monoparentais masculinas, pais divorciados, pais adotivos, paternidade homoafetiva, paternidade através do uso de tecnologia reprodutivas, entre outras, já vem sendo estudadas, porém podem ser ampliadas e gerar informações relevantes a partir das teorias da identidade, principalmente a partir da Teoria da Identidade Social proposta por Tajfel, uma vez que todas elas fogem de certo modo das prescrições e aspectos valorizados socialmente, o que provavelmente torna mais difícil a construção de uma autoimagem positiva pelos pais. Entender como eles lidam com essas contradições e afirmam suas identidades paternas torna-se relevante, pois, segundo Trindade (1998), “é na compreensão da contradição que podemos encontrar caminhos que nos possibilitem contribuir para as transformações das relações humanas” (p. 150)

REFERÊNCIAS

- Andrade, R. P., Costa, N. R. A., & Rossetti-Ferreira, M. C. (2006, agosto) Significações de paternidade adotiva: um estudo de caso. *Paidéia (Ribeirão Preto)* 16(34), 241-252. Recuperado em 02 de maio de 2010, de <http://www.scielo.br/pdf/paideia/v16n34/v16n34a12.pdf>
- Arilha, M., Ridenti, S. G. U., & Medrado, B. (Orgs.). (1998). *Homens e Masculinidades: Outras Palavras*. São Paulo: ECOS/Editora 34.
- Arilha, M. (1998). Hoomens: entre a “zoeira” e a “responsabilidade”. In M. Arilha, S. G. U. Ridenti & B. Medrado (Orgs.), *Homens e masculinidades: outras palavras* (pp. 185-214). São Paulo: ECO/Ed. 34.
- Bardin, L. (1977). *Análise do Conteúdo*. Lisboa: Ed. 70.
- Bauer, M. W. (2002). Análise de conteúdo clássica: uma revisão. In M. W. Bauer & G. Gaskell (Orgs.), *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático* (pp. 189-217). (P. A. Guareschi, trad.) Petrópolis: Vozes.
- Borlot, A. M. M., & Trindade, Z. A. (2004, abril). As tecnologias de reprodução assistida e as representações sociais de filho biológico. *Estudos de Psicologia (Natal)* 9(1), 63-70. Recuperado em 3 de maio de 2010, de <http://www.scielo.br/pdf/epsic/v9n1/22382.pdf>
- Bornholdt, E. A., Wagner, A., & Staudt, A.C.P. (2007, janeiro-junho). A vivência da gravidez do primeiro filho à luz da perspectiva paterna. *Psicologia Clínica* 19(1), 75-92. Recuperado em 25 de abril de 2010, de <http://www.scielo.br/pdf/pc/v19n1/06.pdf>.
- Cardoso, M. V. L. M. L., Souto, K. C., & Oliveira, M. M. C. (2006, setembro-dezembro) Compreendendo a experiência de ser pai de recém-nascido prematuro internado na unidade neonatal. *Revista da Rede de Enfermagem do Nordeste* 7(3) 49-55. Recuperado em 25 de abril de 2010, de http://www.revistarene.ufc.br/pdf/7_3.pdf
- Carvalho, J. B. L., & Brito, R. S. (2008, outubro-dezembro). Atitude do pai diante do nascimento. *Revista da Rede de Enfermagem do Nordeste* 9(4) 82-90. Recuperado em 25 de abril de 2010, de http://www.revistarene.ufc.br/vol9n4_pdf/a10v09n4.pdf
- Carvalho, J. B. L., Brito, R. S., Araújo, A. C. P. F., & Souza, N. L. (2009, julho-setembro). Sentimentos vivenciados pelo pai diante do nascimento do filho. *Revista da Rede de*

Enfermagem do Nordeste 10(3) 125-131. Recuperado em 25 de abril de 2010 de <http://132.248.9.1:8991/hevila/RevistaRENE/2009/vol10/no3/14.pdf>

Carvalho, M. L. M. (2003). Participação dos pais no nascimento em maternidade pública: dificuldades institucionais e motivações dos casais. *Cadernos de Saúde Pública* 19(Sup. 2) 389-398. Recuperado em 3 de maio de 2010, de <http://www.scielo.org/pdf/csp/v19s2/a20v19s2.pdf>

Chechi, P., & Hillesheim, B. (2008, janeiro-junho). Paternidade e mídia: representações sobre o pai na contemporaneidade. *Barbarói* (28) 89-108. Recuperado em 3 de maio de 2010, de <http://online.unisc.br/seer/index.php/barbaroi/article/view/233/580>

Correa, M. V., & Loyola, M. A. (1999, junho). Novas tecnologias reprodutivas: novas estratégias de reprodução? *Physis: Revista de Saude Coletiva* 9(1) 209-234. Recuperado em 3 de maio de 2010 <http://www.scielo.br/pdf/physis/v9n1/09.pdf>

Costa, N. R. A., & Rossetti-Ferreira, M. C. (2007, setembro-dezembro). Tornar-se pai e mãe em um processo de adoção tardia. *Psicologia: Reflexão e Crítica* 20(3) 425-434. Recuperado em 2 de maio de 2010, de <http://www.scielo.br/pdf/prc/v20n3/a10v20n3.pdf>

Costa, R. G. (2002). Sonho do passado versus plano para o futuro: gênero e representações acerca da esterilidade e do desejo por filhos. *Cadernos Pagu* (17/18) 105-130. Recuperado em 25 de abril de 2010, de <http://homolog.scielo.br/pdf/cpa/n17-18/n17a04.pdf>

Deschamps, J.C. & Moliner, P. (2009). *A Identidade em Psicologia Social*. Petrópolis: Vozes.

Dias, H. Z. J., Gauer, G. J. C., Rubin, R., & Dias, A. V. (2007, janeiro-junho). Psicologia e bioética: diálogos. *Psicologia Clínica* 19(1) 125-135. Recuperado em 25 de abril de 2010, de <http://www.scielo.br/pdf/pc/v19n1/09.pdf>

Domingues, J. M. (2004). Para uma teoria das gerações. In J. M. Domingues. *Ensaio de Sociologia: teoria e pesquisa* (p.111-139). Belo Horizonte: Editora UFMG.

Dominguez, G. I. (1998). Varones adolescentes: los significados de la paternidad em la transición hacia los roles adultos. In E. D. Bilac & M. I. B. Rocha (Orgs.), *Saúde Reprodutiva na América Latina e no Caribe* (p. 237-260). Campinas: PROLAP, ABEP, NEPO/UNICAMP/ São Paulo: Editora 34.

- Dupuis, J. (1989). *Em nome do pai: Uma história da paternidade*. São Paulo: Martins Fonte.
- Farinati, D. M., Rigoni, M. S., & Müller, M. C. (2006, dezembro). Infertilidade: um novo campo da Psicologia da saúde. *Estudos de Psicologia (Campinas)* 23(4) 433-439. Recuperado em 25 de abril de 2010, de <http://www.scielo.br/pdf/estpsi/v23n4/v23n4a11.pdf>
- Flick, U. (2004). Uma introdução à Pesquisa Qualitativa. (S. Netz, trad.). Porto Alegre: Bookman. 2 ed. Capítulo 16: Codificação e categorização (188-207)
- Fonseca, C. (2005, dezembro). Paternidade brasileira na era do DNA: a certeza que pariu a dúvida. *Cuadernos de Antropología Social* (22) 27-51. Recuperado em 03 de janeiro de 2010, de <http://www.scielo.org.ar/pdf/cas/n22/n22a03.pdf>
- Fonseca, J. L. C. L. (1997). *Paternidade adolescente: uma proposta de intervenção*. Dissertação de Mestrado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.
- Fonseca, J. L. C. L. (1998). Paternidade adolescente: da investigação à intervenção. In M. Arilha, S. G. U. Ridenti & B. Medrado (Orgs.), *Homens e masculinidades: outras palavras* (pp. 185-214). São Paulo: ECO/Ed. 34.
- Franco, M. L. P. B. (2003). *Análise de Conteúdo*. Brasília: Plano.
- Garcia, S. M. (1998). Conhecer os homens a partir do gênero e para além do gênero. In M. Arilha, S. G. U. Ridenti & B. Medrado (Orgs.). *Homens e Masculinidades: Outras Palavras* (p. 31-50). São Paulo: ECOS/Editora 34.
- Ghirardi, M. L. A. M. (2009, março-abril). A devolução de crianças adotadas: ruptura do laço familiar. *Pediatria Moderna* 45(2) 66-70. Recuperado em 25 de abril de 2010, de http://www.moreirajr.com.br/revistas.asp?fase=r003&id_materia=3988
- Goetz, E. R., & Vieira, M. L. (2009, abril-junho). Percepções dos filhos sobre aspectos reais e ideais do cuidado parental. *Estudos de Psicologia (Campinas)* 26(2) 195-203. Recuperado em 25 de abril de 2010, de <http://www.scielo.br/pdf/estpsi/v26n2/07.pdf>
- Gomes, A.J.S., & Resende, V.R. (2004, maio-agosto). O pai presente: o desvelar da paternidade em uma família contemporânea. *Psicologia Teoria e Pesquisa* 20(2) 119-125. Recuperado em 15 de novembro, 2009 de <http://www.scielo.br/pdf/ptp/v20n2/a04v20n2.pdf>

- Gomes, G. C., Lunardi Filho, W. D., & Erdmann, A. L. (2008, setembro). Percepções da equipe de enfermagem em relação ao pai como cuidador na unidade de pediatria. *Revista Gaúcha de Enfermagem* 29(3) 431-437. Recuperado em 09 de julho de 2011 de <http://seer.ufrgs.br/RevistaGauchadeEnfermagem/article/view/6771/4075>.
- Gonçalves, S. D., Parada, C. M. G. L., & Bertoncello, N. M. F. (2001, dezembro). Percepção de mães adolescentes acerca da participação paterna na gravidez, nascimento e criação do filho. *Revista da Escola de Enfermagem da USP* 35(4) 406-412. Recuperado em 09 de julho de 2011, de <http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v35n4/v35n4a13.pdf>.
- Hall, S. (2006). *A identidade cultural na pós-modernidade*. (11a ed.). (T. T. da Silva, & G. L. Louro, Trans.). Rio de Janeiro: DP & A. (Obra original publicada em 1992).
- Hennigen, I. (2010, abril). Especialistas advertem: o pai é importante para o desenvolvimento infantil. *Fractal: Revista de Psicologia* 22(1) 169-184. Recuperado em 25 de julho de 2010, de <http://www.uff.br/periodicoshumanas/index.php/Fractal/article/view/462/400>
- Hennigen, I., & Guareschi, N. M. F. (2002, junho). A paternidade na contemporaneidade: um estudo de mídia sob a perspectiva dos Estudos Culturais. *Psicologia e Sociedade* 14(1) 44-68. Recuperado em 25 de abril de 2010, de <http://www.scielo.br/pdf/psoc/v14n1/v14n1a04.pdf>
- Hennigen, I., & Guareschi, N. M. F. (2008, abril). Os lugares de pais e de mães na mídia contemporânea: questões de gênero. *Revista Interamericana de Psicología* 42(1) 81-90. Recuperado em 25 de abril de 2010, de <http://www.psicorip.org/Resumos/PerP/RIP/RIP041a5/RIP04209.pdf>
- Iñiguez, L. (2001). Identidad: de lo personal a lo social. Un recorrido conceptual. In E. Crespo (Ed.). *La constitución social de la subjetividad*. (pp. 209-225) Madrid: Catarata.
- Jablonski, B. (1998). Paternidade Hoje: Uma Metanálise. In P. Silveira (Org.), *Exercício da Paternidade* (pp. 121-129). Recuperado em 05 de novembro de 2010 de http://www.bernardojablonski.com/pdfs/producao/paternidade_hoje.pdf
- Jaide, W. (1968). As ambigüidades do conceito de “geração”. (B. Schuman, Trad.). In S. Britto (Org.) *Sociologia da Juventude* (vol.02, pp.15-27). Rio de Janeiro: Zahar. (Obra original publicada em 1963).

- Jodelet, D. (1998). A alteridade como produto e processo psicossocial. In A. Arruda, (Org.). *Representando a alteridade*. (pp. 47-67) Petrópolis, RJ: Vozes.
- Kaufmann, J. C. (2004). A invenção de si: uma teoria da identidade. (J. Chaves, trad.). Lisboa: Instituto Piaget.
- Krob, A. D., Piccinini, C. A., & Silva, M. R. (2009, junho). A transição para a paternidade: da gestação ao segundo mês de vida do bebê. *Psicologia USP* 20(2) 269-291. Recuperado em 09 de julho de 2011, de <http://www.scielo.br/pdf/pusp/v20n2/v20n2a08.pdf>
- Levandowski, D. C. (2001, maio-agosto). Paternidade na adolescência: uma breve revisão da literatura internacional. *Estudos de Psicologia (Natal)* 6(2) 195-209. Recuperado em 10 de janeiro de 2010, de <http://www.scielo.br/pdf/epsic/v6n2/7273.pdf>.
- Levandowski, D. C., & Piccinini, C. A. (2002, maio-agosto). A interação pai-bebê entre pais adolescentes e adultos. *Psicologia: Reflexão e Crítica* 15(2) 413-424. Recuperado em 02 de maio de 2010, de <http://www.scielo.br/pdf/prc/v15n2/14364.pdf>
- Levandowski, D. C., & Piccinini, C.A. (2006, abril). Expectativas e sentimentos em relação à paternidade entre adolescentes e adultos. *Psicologia: Teoria e Pesquisa* 22(1) 17-28. Recuperado em 03 de janeiro de 2010, de <http://www.scielo.br/pdf/ptp/v22n1/29840.pdf>
- Luz, A. M. H., & Berni, N. I. O. (2010, fevereiro). Processo da paternidade na adolescência. *Revista Brasileira de Enfermagem* 63(1) 43-50. Recuperado em 30 de maio de 2010, de <http://www.scielo.br/pdf/reben/v63n1/v63n1a08.pdf>
- Mannheim, K. (1982). O problema sociológico das gerações. In M. M. Foracchi (Org.). *Karl Mannheim: sociologia* (pp. 67-95). (E. Willems, S. Uliana & C. Marcondes, Trad.). São Paulo: Ática. (obra original publicada em 1952).
- May, T. (2004). *Pesquisa social: questões, métodos e processos*. (3a ed) (C. A. S. N. Soares, Trad.). Porto Alegre: Artmed.
- Medrado, B., Lyra, J., Leão, L.S., Lima, D.C., & Santos, B. (2005). Homens jovens no contexto do cuidado: leituras a partir da paternidade na adolescência. In R. C. F. Adorno, A. T. Alvarenga & M. P. Vasconcelos. (Orgs.). *Jovens, trajetória, masculinidades e direitos* (pp. 241-263). São Paulo: Edusp.

- Montigny, F., Lacharite, C., & Amyot, E. (2006, Abril). Becoming a parent: a model of parents' post-partum experience. *Paidéia (Ribeirão Preto)* 16(33) 25-36. Recuperado em 30 de maio de 2010, de <http://www.scielo.br/pdf/paideia/v16n33/05.pdf>
- Moreira, L. V. C., Rabinovich, E. P., & Silva, C. N. (2009, janeiro-abril). Olhares de crianças baianas sobre família. *Paidéia (Ribeirão Preto)* 19(42) 77-85. Recuperado em 03 de maio de 2011, de <http://homolog.scielo.br/pdf/paideia/v19n42/10.pdf>
- Olavarría, J. (2001). *Y todos querían ser (buenos) padres: Varones de Santiago de Chile em conflicto*. Santiago, Chile: FLACSO-Chile.
- Oliveira, E. C. (2010). *Pai, separado e pobre: entre as dificuldades e o desejo de uma paternidade plena*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-graduação em Psicologia. Universidade Federal de Pernambuco, Recife.
- Oliveira, E. M. F., & Brito, R. S. (2009 julho-setembro) Ações de cuidado desempenhadas pelo pai no puerpério. *Escola Anna Nery* 13(3) 595-601. Recuperado em 30 de maio de 2010, de <http://www.scielo.br/pdf/ean/v13n3/v13n3a20.pdf>
- Palma, I., & Quilodrán, C. (1997) Opções masculinas: jovens diante da gravidez. (E. Piza, Trad.) In A. O. Costa (Org.). *Direitos tardios: saúde, sexualidade e reprodução na América Latina*. (pp.141-171) São Paulo: PRODIR/FCC/Editora 34.
- Perucchi, J., & Beirão, A. M. (2007, dezembro). Novos arranjos familiares: paternidade, parentalidade e relações de gênero sob o olhar de mulheres chefes de família. *Psicologia Clínica* 19(2) 57-69. Recuperado em 10 de janeiro de 2010, de <http://www.scielo.br/pdf/pc/v19n2/a05v19n2.pdf>
- Pesamosca, L. G., Fonseca, A. D., & Gomes, V. L. O. (2008, abril-junho) Percepção de gestantes acerca da importância do envolvimento paterno nas consultas pré-natal: um olhar de gênero. *Reme: Revista Mineira de Enfermagem* 12(2) 182-188. Recuperado em 10 de janeiro de 2010, de http://www.enf.ufmg.br/site_novo/modules/mastop_publish/files/files_4c0e421f7ec98.pdf
- Piccinini, C. A., Levandowski, D. C., Gomes, A. G., Lopes, R. S., & Lindenmeyer, D. (2009, julho-setembro). Expectativas e sentimentos de pais em relação ao bebê durante a gestação. *Estudos de Psicologia. (Campinas)* 26(3) 373-382. Recuperado em 02 de abril de 2010 de <http://www.scielo.br/pdf/estpsi/v26n3/v26n3a10.pdf>

- Piccinini, C. A., Silva, M. R., Gonçalves, T. R., Lopes, R. S., & Tudge, J. (2004). O envolvimento paterno durante a gestação. *Psicologia: Reflexão e Crítica* 17(3) 303-314. Recuperado em 03 de maio de 2010 de <http://www.scielo.br/pdf/%0D/prc/v17n3/a03v17n3.pdf>
- Pontes, C. M., Alexandrino, A. C., & Osorio, M. M. (2008, agosto). Participação do pai no processo da amamentação: vivências, conhecimentos, comportamentos e sentimentos. *Jornal de Pediatria* 84(4) 357-364. Recuperado em 31 de maio de 2010 de <http://www.jped.com.br/conteudo/08-84-04-357/port.asp?cod=1848>
- Pontes, C.M., Alexandrino, A. C., & Osorio, M. M. (2009, outubro-dezembro). O envolvimento paterno no processo da amamentação: propostas de incentivo. *Revista Brasileira de Saude Materno Infantil* 9(4) 399-408 Recuperado em 31 de maio de 2010 de <http://www.scielo.br/pdf/rbsmi/v9n4/a03v9n4.pdf>
- Ramires, V. R. R. (1997). *O exercício da paternidade hoje*. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos.
- Rodrigues, M. M. P. (2000). "Quem tem mãe tem tudo": os pais e o desenvolvimento de crianças e jovens. In H. A. Novo & M. C. S. Menandro (Orgs.). *Olhares Diversos: estudando o desenvolvimento humano* (pp. 143-156). Vitória: PPGP/Proin-Capes.
- Rotundo, A. E. (1985). American Fatherhood: a histórical pespective. *American Behavioral Scientist*, 29(1) 07-25.
- Sadler, M. (2004). *Los hombres tambien se emocionan: Género y escenario del parto. Participación de hombres populares en el nacimiento de sus hijos e hijas*. Tesis para optar al grado de Magíster. Facultad de Ciencias Sociales, Universidad de Chile, Santiago.
- Salem, T. (1987) *O casal grávido: disposições e dilemas de parceria igualitária*. Rio de Janeiro: Editora FGV.
- Santos, C. A. (2005, setembro-dezembro). O discurso dos experts na constituição das identidades infantis e de gênero na mídia impressa brasileira. *Pro-Posições* 16(3) 213-228. Recuperado em 31 de maio de 2010 de http://www.proposicoes.fe.unicamp.br/~proposicoes/textos/48_artigos_santosca.pdf
- Sarti, C. A. (1996). *A família como espelho: um estudo sobre a moral dos pobres*. Campinas: Autores Associados.

Saur-Amaral, I.O (2010). Curso completo de Nvivo 8.

Scott, R.P., Athias, R. M., & Longui, M. R. (2005) Como nossos pais? Homens e Gerações em três contextos diferentes em Pernambuco In R. C. F. Adorno, A. T. de Alvarenga, & M. P. C. Vasconcelos, (Orgs), *Jovens, trajetórias, masculinidades e direitos* (pp. 241-263). São Paulo: Fapesp/EDUSP.

Silva, M. R., & Piccinini, C. A. (2007, dezembro). Sentimentos sobre a paternidade e o envolvimento paterno: um estudo qualitativo. *Estudos de Psicologia (Campinas)* 24(4) 561-573. Recuperado em 10 de janeiro de 2010 de <http://www.scielo.br/pdf/estpsi/v24n4/v24n4a15.pdf>

Souza, C. L. C., & Benetti, S. P. C. (2009, abril). Paternidade contemporânea: levantamento da produção acadêmica no período de 2000 a 2007. *Paidéia (Ribeirão Preto)* 19(42) 97-106. Recuperado em 10 de janeiro de 2010 <http://www.scielo.br/pdf/paideia/v19n42/12.pdf>

Sutter, C., & Bucher-Maluschke, J. S. N. F. (2008, janeiro-março). Pais que cuidam dos filhos: a vivência masculina na paternidade participativa. *Psico* 39(1) 74-82. Recuperado em 10 de janeiro de <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistapsico/article/viewFile/1488/2799>

Tajfel, H. (1983). *Grupos humanos e categorias sociais: estudos em psicologia social II*. Lisboa: Livros Horizonte.

Tarnowski, K. S., Prospero, E. N. S., & Elsen, I. (2005). A participação paterna no processo de humanização do nascimento: uma questão a ser repensada. *Texto & Contexto – Enfermagem* 14(Esp.) 102-108. Recuperado em 31 de maio de 2010 de <http://www.scielo.br/pdf/tce/v14nspe/a12v14nspe.pdf>

Torres, A. R. R. & Camino, L. (2011). Grupo social, relações intergrupais e identidade social. In L. Camino, A. R. R. Torres, M. E. O. Lima & M. E. Pereira (Orgs.), *Psicologia Social: temas e teorias* (pp. 215-239). Brasília: Technopolitik.

Trindade, Z. A. (1993). As representações sociais e o cotidiano: a questão da maternidade e da paternidade. *Psicologia Teoria e Pesquisa* 9(3) 535-46.

Trindade, Z. A. (1998). Concepções de maternidade e paternidade: o convívio atual com fantasmas do século XVIII. In L. de Souza, M. F. Q. de Freitas & M. M. P. Rodrigues

(Orgs.), *Psicologia: Reflexões (Im)Pertinentes* (pp. 129-155). São Paulo: Casa do Psicólogo.

Trindade, Z. A. (1999). Concepções arcaicas de maternidade e paternidade e seus reflexos na prática profissional. *Interfaces* 2(1) 33-40.

Trindade, Z. A., Andrade, C. A. & Souza, Q. J. (1997). Papéis parentais e representações da paternidade: A perspectiva do pai. *Psico*, 28(1), 207-222.

Unbehaum, S. G. (2000). *Experiência masculina da paternidade nos anos 1990: estudo de relações de gênero com homens de camadas médias*. Dissertação de Mestrado, FFLCH, Universidade de São Paulo, São Paulo.

Vala, J. (2003). A análise de conteúdo. In Silva, A. S. & Pinto, J. M. (Orgs.) *Metodologia das Ciências Sociais*. (pp. 101-128). Porto: Edições Afrontamento. 12ª ed.

Villa A. M. (1997). O significado da reprodução na construção da identidade masculina em setores populares urbanos. (G. Amado, Trad.) In A. O. Costa (Org.), *Direitos tardios: saúde, sexualidade e reprodução na América Latina*. (pp.115-140). São Paulo: PRODIR/FCC/Editora 34.

APÊNDICES

A) ROTEIRO SEMI-ESTRUTURADO PARA ENTREVISTA

SER PAI

- 1- O que é ser pai?
- 2- O que ser um bom pai?
- 3- Você se considera um bom pai? Porque?
- 4- E o seu pai como era?
- 5- Qual a importância de um filho(a) na vida de um homem?

GRAVIDEZ

- 6- A gravidez foi planejada? (Sim ou não)
- 7- Você teve alguma preocupação durante a gravidez? (sim ou não)
- 8- Como foram os 9 meses?
- 9- O que mudou para você durante a gravidez:
 - 9.1 Em relação ao trabalho
 - 9.2 Ao lazer
 - 9.3 Relacionamento com a sua companheira
 - 9.4 Relacionamento com amigos
 - 9.5 Relacionamento com a família de origem
 - 9.6 Religião
- 10- Como era o relacionamento entre você e a sua companheira durante a gravidez?

AValiação DAS TRANSFORMAÇÕES

- 11- O que mudou depois do nascimento do seu filho (a):
 - 11.1 Em relação ao trabalho
 - 11.2 Ao lazer
 - 11.3 Relacionamento com a sua companheira
 - 11.4 Relacionamento com amigos

- 11.5 Relacionamento com a família de origem
- 11.6 Religião

- 12- O que você considera os principais aspectos positivos de ser pai?
- 13- E os principais aspectos negativos?
- 14- Você acha que a sua idade influencia em algum desses aspectos citados anteriormente?

OS OUTROS

- 15- Costuma conversar com alguém sobre essa experiência?
 - 15.1 Se SIM, com quem?
 - 15.2 Sobre o que vocês falam?
 - 15.3 Se NÃO, porquê? Gostaria de conversar?
 - 15.4 Se NÃO, porquê?
- 16- Tem amigos que são pais?
- 17- Como que você acha que as pessoas te percebem enquanto pai?
- 18- E a sua companheira?

DIA-A-DIA COM O FILHO

- 19- Quantas horas por dia passa com o filho?
- 20- Quais atividades realiza?
 - 20.1- Quais mais gosta de realizar e com qual frequência as realiza?
 - 20.2- Quais menos gosta de realizar e com qual frequência as realiza?
- 21- Tem empregada, babá?
- 22- Como são realizados os cuidados com o filho(a)?
 - 22.1- Quem faz o que
 - 22.2- Faz mais ou faz menos
 - 22.3- O que gosta mais de fazer
 - 22.4- O que não gosta
 - 22.5- O que se recusa e porquê?

FUTURO

- 23- Como acha que será o relacionamento com o filho (a) daqui a 5 anos?
- 24- E daqui a 15?
- 25- Pensa em ter outros filhos?
- 26- Como pai, qual é o seu maior medo?
- 27- Como pai, qual você acha que será sua maior alegria?

PERFIL SÓCIOFAMILIAR

- 28- idade (dele e da companheira)
- 29- tempo de relacionamento (vivem juntos e total)
- 30- sexo e idade da criança
- 31- nível de instrução (dele e da companheira)
- 32- Profissão (dele e da companheira) (e se estão empregados ou não)
- 33- Renda Própria / renda familiar
- 34- Possui religião? Qual?

B) TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título da Pesquisa: De primeira viagem: os significados e vivências da paternidade para pais de diferentes gerações.

Pesquisador responsável: Prof. Dr. Adriano Roberto Afonso do Nascimento. Tel.: (31) 3409-6278

Pesquisador auxiliar: Gabriela Teixeira Vieira. Tel.: (31) 3409-6278

Instituição responsável: Departamento de Psicologia/Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas/Universidade Federal de Minas Gerais.

Contatos: a) Prof. Adriano R. A. do Nascimento, Departamento de Psicologia/FAFICH/UFMG, Av. Antônio Carlos, 6627 – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas - 4º andar, Universidade Federal de Minas Gerais, Campus Pampulha -Belo Horizonte, MG -31270-901. Tel.: (31) 3409-6278. b) COEP - Comitê de Ética em Pesquisa - Av. Antônio Carlos, 6627 - Unidade Administrativa II - 2º andar, Universidade Federal de Minas Gerais, Campus Pampulha -Belo Horizonte, MG -31270-901. Tel.: (31) 3409-4592 /3409-6278.

Prezado Senhor,

Realizamos uma pesquisa que tem como objetivo descrever e analisar como homens de diferentes gerações compreendem e vivenciam o nascimento do primeiro filho e integram aspectos relativos à paternidade a sua identidade, junto a sujeitos residentes na Região Metropolitana de Belo Horizonte/MG. Tais informações podem ser úteis para subsidiar futuros projetos de pesquisa e de intervenção. Gostaríamos de convidá-lo a participar dessa pesquisa através da realização de uma entrevista a partir de uma lista de perguntas (roteiro semi-estruturado) por nós elaborada. O tempo médio de duração da entrevista tem sido de uma hora e meia. Este procedimento, de forma geral, não traz risco aos entrevistados. Ainda assim, caso haja necessidade decorrente do procedimento de entrevista, a pesquisadora poderá prestar atendimento psicológico. Está garantido o seu anonimato. Está-lhe garantida também a liberdade sem restrições de se recusar a participar, ou retirar seu consentimento, em qualquer fase da pesquisa, incluindo a possibilidade de interrupção da entrevista, sem que disso resultem quaisquer tipos de conseqüências para o senhor. Os dados obtidos com essa entrevista serão utilizados exclusivamente para fins de pesquisa e elaboração de projetos de intervenção psicossocial vinculados ao Departamento de Psicologia/FAFICH/UFMG. Todos os produtos gerados por essa entrevista (gravações, formulários e transcrições) ficarão armazenados no Departamento de Psicologia/FAFICH/UFMG por um período mínimo de 02 anos, sob inteira responsabilidade do professor responsável por essa pesquisa (Prof. Dr. Adriano Roberto Afonso do Nascimento). Informamos também que a sua participação, caso concorde com ela, tem caráter voluntário e não resultará em qualquer tipo de ressarcimento ou remuneração para o senhor.

Eu, _____ (nome do participante), RG - _____, Órgão Emissor _____, declaro ter COMPREENDIDO as informações prestadas neste Termo, DECIDO conceder a entrevista solicitada e AUTORIZO sua utilização no Projeto de Pesquisa intitulado “De primeira viagem: os significados e vivências da paternidade para pais de diferentes gerações”.

Estando de acordo, assinam o presente Termo de Consentimento em 2 (duas) vias.

Participante	Pesquisador Auxiliar	
Pesquisador Responsável		
Belo Horizonte/MG, ____ de ____ de 2010.		



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA - COEP

Parecer nº. ETIC 0299.0.203.000-10

Interessado(a): Prof. Adriano Roberto Afonso do Nascimento
Departamento de Psicologia
FAFICH - UFMG

DECISÃO

O Comitê de Ética em Pesquisa da UFMG – COEP aprovou, no dia 22 de setembro de 2010, após atendidas as solicitações de diligência, o projeto de pesquisa intitulado "**De primeira viagem: os significados e vivências da paternidade para pais de diferentes gerações**" bem como o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

O relatório final ou parcial deverá ser encaminhado ao COEP um ano após o início do projeto.

Prof. Maria Teresa Marques Amaral
Coordenadora do COEP-UFMG